





JOSÉ PAMPILHO

---

TOIREIROS  
E TOIRADAS

---

COM RETRATOS

---

Prefacio de Trindade Coelho



LISBOA

M. GOMES — EDITOR

LIVREIRO DE SUAS MageSTADES E ALTEZAS

70 — RUA GARRETT (CHIADO) — 72

---

—1896



JOSÉ PAMPILHO

(ANTONIO FERREIRA EARROS)

Toireiros e Toiradas

Biographias, anedoctas, chronicas e narrativas

COM PREFACIO

DE

TRINDADE COELHO



LISBOA

M. GOMES — EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

70 — RUA GARRETT (CHIADO) — 72

1896

+

LISBOA

*Typographia Mattos Moreira & Pinheiro*

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

—  
1897

## José Pampilho



QUANDO ha dois ou tres annos fui companheiro de José Pampilho nas *Novidades*, não foi sem uma certa surpresa, misturada de incredulidade, que verifiquei que as chronicas tauromachicas d'esse vivo e interessante jornal, chronicas, por sua vez, muito vivas tambem, e muito interessantes, eram escriptas por certo rapaz loiro, de olhos azues e apparencia franzina, que o Armando da Silva, secretario da redacção, me apresentou por estas palavras:

— O nosso Barros, o nosso editor; o José Pampilho!

— Muito prazer, — respondi eu apertando-lhe a mão. — Tenho sido um seu leitor assiduo, e confio que seremos amigos.

Era aquelle, pois, o José Pampilho, — nada Hercules, contra o que eu esperava, antes pelo contrario: de apparencia que, não sendo timida

nem acanhada, tinha o que quer que fosse de delicada, fazendo d'elle, a par do melhor dos rapazes, um typo entre bohemio e distincto, com laivos, mas esbatidos e commedidos, de marialva...

Precisamente, elle achava-se a escrever uma das suas chronicas; e lançando-lhe, de relance, os olhos sobre o papel, vi alastrarem-se por cima d'elle, em linhas cambadas, umas lettras cheias de nervos, que traços de emendas, atirados *à la diable*, pareciam, aqui e ali, correr á pancada para fóra do texto...

Pelos que a frequentavam, tanto em quantidade como em qualidade, a redacção das *Novidades* era por esse tempo, no seu elegante primeiro andar d'essa esquina do Chiado para a rua Nova do Almada, o primeiro, o mais selecto, e decerto o mais preferido ponto de cavaqueira, entre as quatro e as seis da tarde,—já em grupos pelas varandas, já, confortavelmente, n'esse pequeno mas elegante gabinete, contiguo á sala grande da redacção, — gabinete onde um retrato de Emygdio Navarro, dominando o estadulho symbolico, defrontava, bizarro, com uma larga e sortida panoplia, sobre um divan de velludo escarlate...

Convidado, eu entrei para a redacção das *Novidades* com tanta vaidade como prazer, — visto continuar a ser o orago da casa, embora ausente, esse que é para as devoções da minha intelligencia, — e do meu coração, tambem, por sermos ainda um pouco patricios, — uma das mais nobres e galhardas, e primaciaes figuras de belluario, d'esta arena da nossa Imprensa.

Fôra ali mesmo, annos antes, que eu vira pela primeira vez Emygdio Navarro. Passava eu pelo

Chiado, quando um *pschii!* de Alberto Braga, ao tempo secretario da redacção, me chamou de uma das varandas. Eu era então um «provinciano», subia pela primeira vez essa rua lendaria, e foi preciso que o auctor dos *Contos da minha lavra* me designasse a porta da entrada: — «pela outra rua!» — para eu ir dar, no primeiro andar, com essa figura macissa de Navarro, em acto, por felicidade minha, de escrever a galope um artigo de fundo, que é como elle escreve sempre os artigos de fundo.

— Homem! que coincidência! — começou Alberto Braga. — O sr. Trindade Coelho, o sr. Emygdio Navarro. — Acabavamos de fallar em você!

— Então?

— O Emygdio Navarro, que leu agora a sua ultima carta para o *Jornal da Manhã*, e me perguntou se você não podia escrever para as *Novidades*?

Eu estudava então em Coimbra, e escrevia para aquelle jornal do Porto umas cartas ás quartas-feiras. E foi por virtude do compromisso logo ali tomado, que, passada uma semana, as *Novidades* enchiam de prosa minha, dois dias seguidos, de alto a baixo e de lés a lés, a sua terceira e larga pagina, estampando, inédito, o capitulo da *Comedia da Provincia*, que com o titulo de *Preludios de festa* recolhi depois n'Os Meus Amores.

\*

A quadra em que eu e Ferreira Barros estivemos juntos nas *Novidades* veiu, porém, annos depois, e não é a do periodo aureo d'essa

folha, embora, por então, lograsse uma certa notoriedade, — senão pelo *In illo tempore* que eu lá escrevia, ao menos pelas chronicas de tauromachia, de José Pampilho, e pela Politica...

O jornal teve ali um periodo em que esteve na berra; e não sei se por isso, se porquê, — era de vêr como nós todos repuxavamos á folha as cordoveias, até a fazermos sair, todas as noites, um lindo brinquinho, auxiliados por um quadro de typographia como não vi ainda outro, que melhor trabalhasse e mais depressa.

E' d'essa quadra celebre um celebre artigo de fundo escripto por mim — *As diplomatas* — que trouxe intrigadas as chancellarias da Europa e escandalisada meia Lisboa, — pelos que os seus habitos de pouca-vergonha discreta, e de lascivia anonyma, acharam de irreverente n'esse artigo para a Deusa Mulher. Não dizia eu mal das mulheres, antes pelo contrario. O artigo era até um dytirambo; e como é já occasião, talvez, de fazer um pouco de historia, quero dizer agora como elle nasceu, e quem foi que m'o encomendou.

Foi Carlos Lobo d'Avila. Parece que uma vez, enquanto nós, na sala grande, faziamos o jornal, a *troupe de flaneurs*, politicos, litteratos e *bons-vivants*, que por ali se juntava pela volta das cinco horas, entrou a dizer que isto era um paiz de selvagens, que nem apreciava sequer as mulheres bonitas! Chegara, havia pouco tempo, uma diplomata lindissima, e os jornaes, p'los modos, nem as boas-vindas tinham dado a essa loira e encantadora filha das Gallias, mais imponente e fulgente que o proprio Sol. Era preciso cantal-a, era preciso fazer-lhe um Hymno, uma Ode, um Dytirambo, ou sequer uma Can-

tata. E como quer que os poetas da casa andassem por longe, o Feijó em Stockolmo, o João Saraiva n'alguma praia, deliberaram cantar em prosa a loira Venus, e, para lhe fazer a *entourage*, outras beldades da sua esphera, tambem notaveis. Chamado ao synhedrio, foi o proprio Carlos Lobo d'Avila que me encommendou o artigo.

— Homem! mas eu nunca vi a mulher! — disse-lhe eu.

— Isso é o menos. Eu descrevo-lh'a. Imagine você...

E em quatro palavras, n'aquelle primoroso estylo de conversa, que fez a sua fama de parlamentar e de jornalista, Carlos Lobo d'Avila referiu-me as graças da formosa mulher, e com tanto chiste como ironia, depois, as que deviam formar a sua côrte, por não expor, só-sinha, ás admirações inconfidentes da Turba, a tal, a Deusa...

Foi dito e feito. Saí para a sala outra vez, abanquei, e uma ou duas horas depois, o artigo estava escripto, e... aprovado! Chamava-se *As Diplomatas*, e alastrava-se pelas *Novidades* fóra, na primeira pagina, atravez d'umas quatro columnas.

Depois, n'essa noite e no dia seguinte, foi o bonito! E o que se disse e o que se inventou, daria, se não fosse ainda muito cedo para uma certa ordem de anedoctas, muito que rir e que contar. Adiante. O que se não faz em Santa Luzia, faz-se no outro dia...

Ao tempo a que eu estive nas *Novidades*, abancavamos na sala grande do jornal, — o Armando da Silva, que era o secretario; o Queiroz Velloso, que fazia o respigo da Arcada; o

Mello Barreto, para o estrangeiro, casos do dia, como desabamentos, guerras, epidemias; o Barros para a tauromachia, para os casos avulsos e para a revisão; eu não sei para quê, mas lembro-me se para o *In illo tempore*, — e o Eugenio de Castro, emfim, para coisas polvilhadas, com um vocabulario que elle levava em caixinhas todos os dias, como se fosse, n'algum *boudoir*, polvilhar os cabellos d'uma duqueza...

Viviamos todos bem, e trabalhava-se, — e la dentro, pelo *guichet* da administração, viamos todos os dias, ora merencoria, ora risonha, aquella cara do padre Abrantes, do conego, que tinha a seu cargo a administração, e pagar os ordenados no fim do mez...

— Sente-se feliz? — era logo de manhã, ao chegar, a gracinha do Mello Barreto, que a apanhou no *Burro do sr. Alcaide*, e que pegara n'elle como se fôra sarna.

— Sinto-me feliz! — respondia-se elle mesmo, convencido. — Um grande incendio esta noite! — E mostrava os apontamentos, e nos apontamentos, garatujadas, coisas medonhas e fabulosas!

Lembro-me agora que no dia em que o Mello Barreto entrou para a redacção, estava uma ventania de mil demonios, e que a sua primeira obrigação de *reporter* lhe custou um guarda-chuva novo, o qual guarda-chuva, dizia elle, lhe custara 40000 reis. Trouxe o espatifado, phantastico! E abandonado no meio da sala, parecia pintado por Gavarni, o guarda chuva do Mello Barreto! Poz-se-lhe este distico n'um «linguado»: *Uma victima do vendaval!* e mandámol-o pedir esmola ao conego Abrantes, que o descompoz...

A sua qualidade de pagar os ordenados no fim do mez, não tirava que o padre Abrantes, o melhor dos leigos, fosse procurado para o pagar em fracções — todos os dias... O talento que o Antonio Barros punha em jogo para conseguir da bondade do conego — e da sua paciência — uma fracção profiqua em seu beneficio, admirava-lh'a eu mais, se é possível, do que as suas chronicas de tauromachia. Ahi é que era vê-lo! A serpente que tentou Eva no Paraizo, e Eva que tentou Adão logo depois, podiam aprender em Barros esse trabalhinho, entrecortado, não raro, mas por isso mesmo muito mais precioso, de crises de desespero, que chegavam a lagrimas!...

— Ah, maldito conego! maldito conego! Queerer ir para uma toirada e não ter dinheiro para a tipoia! Perder uma toirada, estar macambusio n'uma toirada, não ter, perante uma péga de cara bem puxada, um pataco sequer p'r'o Zé Sapateiro! Maldito conego! maldito conego!

Mas passada a crise, voltava á carga com mais pertinacia; — e taes geitos dava elle ao padre, desde o sorriso mais enternecedor, mais implorativo e mais captivante, que os seus olhos azues faziam ingenuo, até ao relampago fulgurante da catastrophe, prestes a deborcál-o de cabeça ao fundo, no vórtice do suicidio, que o padre, que era no fundo outro que tal, bohemio e *bon-enfant*, dava-lhe metade do que lhe rogava, — para o gosar, outra vez, no dia seguinte...

Mas estes apertos do Barros, por serem, podemos dizel-o, constantes, prejudicavam os demais companheiros, cujos apertos, embora chronicos, se manifestavam, por amor d'elle, com intermittencias.

Só á sua conta, gastava o Barros mais do que a paciência que seria presumível no conego para aturar os outros todos; — e então, cada um inventava coisas ineditas e fórmulas novas de escalar o padre, ficando, entretanto, com o Credo na bocca...

O Eugenio de Castro, por exemplo. Esse saía ás vezes da redacção, passava pela administração, mettia o nariz para dentro do *guichet*, e só dizia :

— Adeus, conego !

— Boas tardes, conego !

Mas d'ahi a bocado, um gallego que chegava ao *guichet* :

— Está aqui o *xenhór* conego ?

— Que é ?

— Uma carta.

— De quem ?

— *Han que num xé*. D'um xenhór com cara de padre, que ficou ali á espera no Baltresqui.

Era o Eugenio a pedir dinheiro, ás vezes cinco tostões.

Ora, mas como dos cinco tostões, o Eugenio tinha de dar um ao gallego, um dia o padre Abrantes disse-lhe assim :

— Para que ha-de você estar a arruinar-se, ó Eugenio ? Podemos fazer um contracto. O sr. pede cinco tostões, dou-lhe quatro, e o outro guardo-o eu, que sempre é mais bem empregado do que n'um gallego.

Nunca chegaram a tanto. Mas d'ali por diante, o Eugenio recebia os cinco tostões com a mão direita, e com a esquerda presenteava o conego... com um cigarro Laferme !

Isso, porém, não tirou que o Eugenio de Castro, em crise de maior quantia, não houves-

se de recorrer á Musa, em vez do cigarro ou do gallego. E porque os versos são muito chistosos, e estão ineditos, sejam elles, já agora, o que de melhor posso aqui deixar no livro do Barros :

*Ill.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor*

N'este mundo desleal,  
 Illustrissimo Senhor,  
 Não ha bispo ou cardeal,  
 Trappista, cura ou prior,  
 Arcipreste ou capellão,  
 Que não tenha por missão  
 Derramar paz e carinhos,  
 Abrandar todas as dôres,  
 Tornando em c'róas de flores  
 Todas as c'róas de espinhos.

Sendo esta a pura verdade,  
 Não se admire, não se espante  
 De me avistar n'este instante  
 A pedir-lhe caridade.

Peço-lhe, pois, o favor  
 (E seja breve a resposta)  
 De entregar ao portador  
 Tres-mil-réisinhos da costa.

Se o abono de tal quantia  
 Não fôr possível... paciencia !  
 Mas, pela Virgem Maria,  
 Peço a Vossa Reverencia,  
 Com as devidas attenções,  
 (Isto é serio, eu nunca brinco)  
 Que ao menos me mande cinco  
 Notas de cinco tostões.

E se ainda este pedido  
 Não poder ser deferido,  
 P'ra allivio das penas minhas  
 Mande-me quatro carinhas.

Não acho rimas em *eu*,  
 Não acho rimas em *astro*,  
 Um grande abraço do seu  
 Amigo

EUGENIO DE CASTRO.

O conego, em casos taes, tinha a especialidade de se expressar muito melhor em prosa do que em verso. Mas d'esta vez, por corresponder á galhardia do auctor dos *Oaristos*, respondeu-lhe em verso pelo José — um criado que era o frangalho velho d'um bohemio, com sua moradia, como o conego, na redacção, e que se calhava de se deitar no meio da rua, fosse a que hora fosse, ficava a dormir!

Merece tambem chronica este José, que além de ser muito abstracto e funebre, assim a modo de *vário*, tinha descaidas muito pittorescas.

Uma vez, no entrudo, como se jogasse o carnaval na redacção, Marianno Pina disse ao José que lhe fosse comprar uns tremoços, e deu-lhe, por não ter no bolso dinheiro menor, uma libra em oiro. (Ainda era no tempo das libras, onde isso vae!) D'ali a um bocado chegava o José com dois gallegos, e cada gallego formidavelmente carregado de tremoços. Comprara uma libra d'elles!

D'outra vez, disse-lhe o conego :

— O' José, has-de arranjar-me para hoje uma sobremesa de fructa :ahi uma laranja, por exemplo, — frisou elle economicamente.

A' noite, o José mettia no rol: — «3 maçãs: 3 tostões»!

Outra vez, o conego precisou d'um caldo fraquinho. Veiu-lhe um caldo grossissimo, forte que nem que se lhe tivesse cosido lá dentro uma granada!

— O' José, valha-te Deus! Este caldo assim!

— Coma, sr. conego, assim mesmo é que lhe faz bem!

E á noite, dizia no rol: — «*Perguntas*: seis vintens.»

— *Perguntas*, ó José, que diabo é isto?

— E' presunto, sr. conego, é o presunto que foi p'ro caldo.

Seis vintens de presunto, — chimpára-os todos n'um caldo fraco!

Tal era o José, por quem o conego mandou a Eugenio de Castro a seguinte

#### RESPOSTA

Meu caro Nephelibata  
 (Com risco de que esta o mata)<sup>1</sup>  
 Não póde ser... paciencia!  
 E creia Vossa Excellencia  
 Que se estivesse hab'litado  
 Proced'ria como d'antes  
 O seu amigo e obrigado

JOSÉ ABRANTES.

Torna á carga o Eugenio de Castro, pelo proprio José; como se o José, entre os dois, an-

---

<sup>1</sup> Em verso, entre a grammatica e a rima, o padre Abrantes ia pela rima!

dasse com bilhete de ida-e-volta. Vejam esta rajada :

Eu já vi o sol nascente  
 Na caveira d'um macaco,  
 E um elephante eloquente  
 Com o vicio do tabaco ;  
 Já vi um mudo fallando,  
 Já vi um cego que via,  
 Já vi um coxo marchando,  
 Já vi um surdo que ouvia,  
 Vi o sol em noite calma  
 E n'um claro dia a lua,  
 O que nunca vi foi alma  
 Tão severa como a sua !

« — O' meu rico bemfeitor  
 (isto em prosa á moda das *Horas!*)  
 tende dó e compaixão  
 d'este desgraçadinho, seja  
 pela alminha das suas obri-  
 gações ! »

Seja mais condescendente,  
 Illustre conego Abrantes,  
 Tenha compaixão dolente  
 P'los meus modos implorantes.

.....  
 E se fôr bem recebido  
 Este meu novo pedido,  
 Para lhe significar  
 O meu agradecimento,  
 Irei a casa buscar  
 N'um instante, n'um momento,  
 Um tão *formoso retrato*,  
 Que ao contemplal-o, seus olhos,  
 Ficarão logo tão grandes  
 Como dois grandes repolhos.

Estava prompto o conego ! E' vêr por esta

RESPOSTA

Bom, acceito o seu contracto,  
 Venha primeiro o retrato  
 E depois irá a *massinha*,  
 Porque, bem sabe, esta *vinha*  
 E' das taes que nunca séca :  
 Retrato já... e logo *téca* !

Está magistral !

Ai, mas bons tempos, bons tempos esses, —  
 tão proximos e todavia já tão remotos ! — em  
 que até uma sobrecasaca inspirava ao Colen os  
 seguintes versos :

Que grande sobrecasaca  
 O Trindade Coelho tem !  
 Começa a gola em Ambaca  
 Termina a aba em Belem !  
 Já ao chegar de Paris  
 Disse o Navarro ao Colen :  
 — «Que rica sobrecasaca  
 O Trindade Coelho tem !»

\*  
 \*   \*  
 \*

Mas para onde vae a minha penna, parece  
 que a fugir de algum cornupeto ?

E' forçoso acabar ; e todavia reparo agora que  
 isto é tudo menos o prefacio d'um livro de  
 toiros...

Paciencia ! O que o livro é, dil-o-ha o livro ;

e como quer que eu não deva, á conta de uma amizade que foi para mim tão lisongeira, demorar o leitor n'esta conversa, — declaro ao «Sol», e á «Sombra», e até a essas lindas aficionadas dos «Camarotes», que dou a «alternativa» a José Pampilho.

—«Está aberto o livro!»

Nvembro, 1896.

TRINDADE COELHO.

PARTE I

---

TOIREIROS

(BIOGRAPHIAS)





Carlos Relvas



**V**ICTIMA d'um grande desastre, occorrido n'uma das ruas da Gollegã, de que saíu com uma das pernas em misero estado, falleceu aos 22 de janeiro de 1894.

\*

Carlos Relvas era uma bella organização de artista *doublée* de primorosos dotes de espirito e de character. Captivava, com requintes de delicadeza, os que lhe fallavam, ou que com elle tratavam. Sensível e delicado como uma mulher, era corajoso e temerario como um cavalleiro da idade média.

\*

Toireiro finissimo e d'um arrojo extraordinario, nos campos de Tablada e da Gollegã derribou toiros *á la falseta*, e na sua praça farpou toiros desembolados de 4, 5 e 6 annos, uns puros, outros corridos. E tanto nas arenas de Portugal como nas de Hespanha, recebeu sempre as ovações mais espontaneas e os vivas mais entusiasticos.

Carlos Relvas era um equitador insigne. Subjugava os cavallos mais rebeldes. Uma vez o *Perola* negou-se por completo a uma sorte; porém Carlos Relvas, fazendo uso das suas poderosas faculdades, dominou o fegoso animal, tornando-o d'uma grande docilidade. O formoso corsel cuarteou-se e cingiu-se ao toiro com uma vontade, que fez pasmar os espectadores.

E quando, a caminho do cemiterio, começava a desfillar o prestito, que acompanhava o feretro do eminente cavalleiro, os olhos do *Salero* — um magnifico cavallo de combate, que se finou ha annos, com uma congestão, no circo tauro-machico de Cintra, e cujo cadaver, embalsamado,

se vê n'uma das ruas do jardim — verteram lagrimas de saudade, lembrando-se dos brilhantissimos torneios, em que tomou parte com o seu infeliz dono!

\*

Do seu *atelier* saíram obras primas, que fizeram a admiração de nacionaes e estrangeiros. Nas exposições, a que concorreu, obteve sempre as qualificações mais honrosas e os primeiros premios. Os seus instantaneos e phototypias são d'uma nitidez assombrosa e foram muito apreciados em Hespanha, França, Allemanha e na Italia.

O *atelier* elegantissimo, onde Carlos Relvas passou muitas horas a produzir tantos primores, cobriu-se de luto, e as suas agulhas, esguias e elegantes, deixaram por um momento a sua immobibilidade, para se curvarem quando o corpo do famoso amator transpoz a porta do palacio da Gollegã.

\*

Se como photographo amator era inconfundivel, nos hyppodromos era notabilissimo. Montado no celebre *Chasseur d'Afrique*, o *gentleman rider* foi vencedor em muitos combates singulares. Ha annos, n'umas corridas, Carlos Relvas foi alvo d'uma das mais extraordinarias ovações a que temos assistido. O *Chasseur*, habilmente conduzido, sem que se lhe applicasse o chicote ou as esporas, foi o primeiro, sempre, a chegar á meta. No fim das corridas houve um momento de enthusiasmo indescrictivel.

Das tribunas sairam as mais estrepitosas acclamações e cá em baixo applaudiram phreneticamente o poderoso equitador.

\*

E um homem d'estes, rico, estimado de todos, valente, arrojado, é trucidado por um vehiculo reles, de que é conductor um inapto; elle, o impavido toireiro, que subjugou tanto cavallo rebelde e fez frente a tantos cornupetos de hastes agudas como punhaes e de olho ensanguentado, que demoram pelas vastas lezirias do Ribatejo, que elle tanto se orgulhava de reproduzir nas suas photographias incomparaveis!

ANTONIO FERREIRA BARROS.





Alfredo Tinoco



O cavalleiro foi sempre a figura predominante das corridas portuguezas, porque é n'elle que se congrega, por assim dizer, a verdadeira tauromachia nacional.

Entre o grande numero de cavalleiros, que tem percorrido as nossas arenas, Alfredo Tinoco é um dos que mais se tem salientado, pela

fôrma artistica e brilhante, que dá ao trabalho que executa.

A' gentileza da sua figura allia um arrojo pouco vulgar perante as rezes, e esta excellente condição é ainda secundada pelo modo intelligente, que o notavel cavalleiro demonstra como conhecedor emerito das faculdades e intenções dos toiros.

Dedicando-se desde muito novo, e com enthusiasmo, á lide das rezes bravas, para o que o chamava uma irresistivel predilecção, não quiz, como geralmente acontece, apresentar-se ao publico como artista, sem profundar previamente os segredos da arte, e assim, para emprehender tão brilhante quão difficil carreira, exercitou-se em grande numero de corridas, toireando como *amador*.

N'esse tempo organisou-se em Lisboa um gremio de intelligentes aficionados, intitulado *Commissão Tauromachica Permanente*, da qual foi principal organisador o inolvidavel marquez de Castello Melhor, um dos maiores aficionados portuguezes.

Tinoco tomou parte em todas as corridas organisadas por aquella sociedade, e foi em uma d'ellas, desempenhando o logar de *neto*, que encetou a carreira, que mais tarde lhe havia de prodigalisar tão ruidosos applausos. Assignalou-se, porém, de tal fôrma a vocação que mostrou para a tauromachia, que em breve decidiu-se a entrar em outra corrida como moço de forçado. Os applausos, que o publico lhe tributou pelo seu arrojado trabalho, calaram tão fortemente no espirito do arrojado *amador*, que o instigaram a proseguir, entrando ainda em outras corridas, mas então como bandarilheiro.

N'esta phase da lide mostrou mais uma vez que a sorte o havia predestinado para o toireio, e passadas algumas corridas, nas quaes desempenhou alternadamente o lugar de forcado e bandarilheiro, debutou afinal como cavalleiro.

A fórma gradual como foi percorrendo a gamma taurina permittiu-lhe conhecer cabalmente os segredos de tão nobre arte, e querendo confirmar as suas incomparaveis faculdades, algumas corridas houve em que, na mesma tarde, lidou como forcado, bandarilheiro e cavalleiro.

O modo brilhante por que Tinoco executou os *tres tercios* da nossa lide, fizeram d'elle o idolo do publico aficionado, que reconheceu em tão famoso toireiro a enorme vantagem de reunir em si aptidões para executar as diversas phases do toireio nacional.

No limitado espaço de que dispomos difficil é descrever a fórma brilhantissima como Tinoco cultivou a arte taurina; porém, melhor do que nós fallam as innumeradas vantagens que lhe eram offerecidas em troca do seu valioso concurso em todos os espectaculos que se decidia a abri-lhantar.

Tão grande exito echoou no paiz visinho, e para demonstrarmos a fama que aureolava o nome de Tinoco, basta consignar que, sabendo a duqueza de Alba que elle se achava em Madrid, convidou-o a tomar parte n'uma corrida particular, á qual *presidiu* a illustre fidalga. O nosso compatriota gentilmente accedeu ao convite, trabalhando n'essa toirada com grande ar-rojo, comquanto fosse a primeira vez que lidava toiros *en puntas*.

D. Affonso XII, sabendo do triumpho de Al-

fredo Tinoco, mostrou desejos de o ver *rejonear*, por desconhecer a sorte. Novamente se organisou outra corrida, lidando Alfredo Tinoco um toiro de quatro annos, da ganaderia do duque de Vera-gua. Convém notar que n'esta corrida tomaram parte os melhores amadores madrilenos, os quaes lidaram rezes de dois annos e meio. Tinoco houve-se com extraordinaria valentia, sendo muito elogiado por D. Affonso XII, que lhe offereceu, como *recuerdo* d'aquella festa, uma chateira de oiro com a corôa real.

Tinoco têm toireado em grande numero de praças hespanholas, entre ellas, Madrid, Sevilha, Barcelona e Badajoz.

Não tem sido, porém, só nas praças da península, que o habil cavalleiro tem mostrado a sua pericia lidando toiros.

Paris tambem teve occasião de reconhecer a destreza do nosso compatriota, quando o viu trabalhar nas corridas da praça da Rue Pergolèse, que se inaugurou na capital franceza quando se realisou a ultima exposição, e este facto demonstra mais uma vez o seu grande merito, pois a empreza apenas contractou n'aquelle anno as maiores notabilidades do toireio hespanhol, e para reconhecer o agrado e enthusiasmo que o trabalho do nosso cavalleiro despertou, basta dizer que durante as epochas que ali toireou, tomou parte em 72 corridas!

Além da praça franceza, inaugurou o referido cavalleiro as praças do Campo Pequeno, Porto (Serra do Pilar), Cintra e Figueira da Foz, e tem trabalhado em quasi todas as praças portuguezas.

Tinoco partiu ha pouco para o Brazil, onde lhe garantiram grande numero de corridas, e espera

ir depois a Montevideu. Estamos certos de que o nosso primoroso cavalleiro confirmará nas arenas do Novo Mundo os seus extraordinarios doctes de toireiro e que o publico d'aquellas praças juntará os seus applausos aos que com tanta justiça Alfredo Tinoco tem grangeado nas arenas da Europa.

Querido dos portuguezes, applaudido pelos hespanhoes e admirado pelos francezes, Tinoco é um dos mais notaveis toireiros de que Portugal se póde orgulhar.

Das corridas em que tem tomado parte conserva elle innumeradas e valiosas offertas com que os seus amigos e admiradores o teem brindado. Entre essas recordações existem algumas, que lhe foram offerecidas pelos reis de Portugal e Hespanha, e pelas mais nobres familias d'estas duas nações.

SEGISMUNDO COSTA.





D. Antonio de Siqueira Freire

(S. MARTINHO)

**F**oi na vetusta praça do Campo de Sant'Anna, que pela primeira vez tive ensejo de o applaudir como cavalleiro amador de primeira plana.

Manuel Mourisca realisava n'aquella tarde, no velho circo tauromachico, a sua festa artistica. As bancadas regorgitavam de espectadores, anciosos uns por presencarem mais uma vez o trabalho do seu artista predilecto, e attrahidos

outros pela curiosidade de ver o novel cavalleiro amador, que ainda não se tinha apresentado ante o publico da capital, mas que, como equitador, já tinha fama de distinctissimo.

A' sua entrada na arena captou logo a sympathia dos espectadores pela fórma garbosa e correcta como conduziu o seu bello cavallo de combate e como delineou e rematou as sortes. O publico victoriou-o calorosamente. Estava consagrado.

Desde então o seu nome constituia um valioso elemento nas corridas especiaes, em que obsequiosamente tomava parte. Toireando é elegantissimo; e seguindo os conselhos dos mestres não recorre a *ficelles*. Farpeia medindo os terrenos conscienciosamente e da fórma que só o fazem quantos sabem que todas as sortes teem começo, centro e remate. D. Antonio de Siqueira é um dos poucos cavalleiros amadores que toireia, porque muitos ha, que só picam os toiros, desconhecendo as mais elementares regras da arte. Como se vê, conhece bem a tauromachia. Tem-n'o provado nos variadissimos lances da arena.

Como equitador é eminente. Ha annos, no hyppodromo de Belem, no jogo das rosas, demonstrou ser um cavalleiro destro e profundo conhecedor da arte de Marialva.

D. Antonio de Siqueira, que pela sua galhardia e pelo seu incontestavel valor nos faz recordar a época brilhante dos antigos cavalleiros, pelas suas apreciabilissimas qualidades, pela sua firmeza de character, tornou-se digno das geraes sympathias e do sincero e justo apreço em que é tido.

CYPRIANO BATALHA.



## Salvador Sanchez Povedano

(FRASCUELO)



UMA pequena povoação da provincia de Granada foi berço d'este valente matador de toiros, que nasceu a 21 de dezembro de 1844.

De tenra edade veiu para Madrid com sua familia e ahi se dedicou ao officio de forrar casas.

Levado por seu irmão a uma povoação perto de Madrid, onde se corriam toiros, foi ahi que

pela primeira vez se ensaiou na difficil arte de lidar rezes bravas.

Em 1862 figurou no montão anonymo dos que toiream os embolados, os quaes são destinados aos que queiram saltar á praça.

Juan Mota, o bandarilheiro de Cuchares, foi o seu protector, e não teria feito mais por um filho do que fez por Frascuelo.

Pela primeira vez appareceu de bandarilheiro nas novilhadas realisadas em Madrid em 8 e 13 de dezembro de 1863, figurando na *cuadrilla* de Villaverde.

Seguiu trabalhando em quantas occasiões se lhe apresentaram e algumas vezes de graça, até que, a 8 de janeiro de 1865, fez de sultão na mojijanja intitulada *Os eunuchos e as odaliscas*, e matou o toiro, destinado para esse fim, d'uma estocada *arrancando*, tres curtas a *volapié* e um descabello.

Em 19 de março do mesmo anno tomou parte n'outra mojiganga e matou o toiro d'uma estocada *recibiendo* e um descabello.

Na corrida de novilhos effectuada a 3 de dezembro de 1865 figurou de *sobresaliente*, e na seguinte, isto é, a 10 do mesmo mez e anno, foi matador, estoqueando um toiro da ganaderia de D. Juan Manuel Fernandez e outro de Carriquiri, empregando para matar o primeiro toiro, chamado *Sinito*, duas estocadas e sete *pinchazos*, e o segundo uma estocada curta e baixa, *recibiendo*.

Foi ainda Juan Mota que n'esta corrida o ajudou efficaamente e o livrou, mais d'uma vez, d'um precalço sério.

Andou pelas provincias bandarilhando e estoqueando os ultimos toiros das corridas.

N'este anno começaram as controversias entre bandarilheiros ácerca do merito de Frascuelo. Pablo Herraiz, então celebre bandarilheiro, era um dos que se ria de Salvador diante de Juan Mota, e observando-lhe este que se não risse do seu protegido, pois que talvez ainda precisasse de lhe pedir algum lugar de bandarilheiro na *cuadrilla*, Pablo respondeu-lhe:

— Isso nunca! Antes que tal aconteça corto os braços e as pernas.

Não cortou os braços nem as pernas e veiu a ser o bandarilheiro favorito de Salvador.

Na corrida celebrada em 18 de junho de 1866, Frascuelo bandarilhou e matou, vestido á paisana, o oitavo toiro.

A 31 de outubro de 1866 tomou parte na corrida em beneficio da viuva e filhos do picador Coriano, organizada por Cuchares, e n'ella matou os toiros terceiro e sexto, substituindo Gonçalo Mora.

Poz tres pares de bandarilhas: um cambiando-se, outro sentado na cadeira e outro a *cuarteio*.

Até começar a temporada do anno seguinte, entrou nas novilhadas de Madrid e em algumas de provincia, e veiu a Lisboa, toireando na demolida praça do Campo de Sant'Anna.

No cartaz de assignatura de 1867, da praça de Madrid, figurava o nome de Frascuelo para matar os ultimos dois toiros nas corridas em que os espadas contractados tenham que toirear em provincias.

Salvador matou n'este anno nas corridas de Madrid, em 22 e 28 de abril, 5 de maio, 23 de junho, 19 de julho e 29 de setembro, e actuou como bandarilheiro em dez corridas, lidando

dezoito toiros, pondo 27 pares e 7 meios pares.

A 27 de outubro de 1867 tomou a alternativa das mãos de Cuchares e matou o primeiro toiro da corrida, que pertencia a D. Manuel Bañuelos y Salcedo, se chamava *Señorito* e era retinto escuro y *bien puesto*.

Empregou cinco passes naturaes, cinco com a direita e um preparado de peito e deu um pinchazo em osso a *volapiè*, bom, sendo desarmado, e a seguir um *volapiè* legitimo, sendo enganchado e arrastado, até que o fato se rasgou. Levantou-se sereno, como se nada fosse com elle, e descabellou ao primeiro intento.

Em 1868 foi contractado juntamente com Tato e Judito para a praça de Madrid.

Toireou em 20 corridas, matando 38 toiros, e bandarilhou em 6 corridas outros tantos toiros, pondo quinze pares e meio.

Deu tambem em duas tardes o salto de *trascuerno*.

Frascuelo toireou n'este anno pela primeira vez junto com Lagartijo, em Granada, a 7 de junho, sem que nada houvesse de notavel.

Porém, a 11 do mesmo mez e na mesma praça, começou o pugilato entre ambos, competindo em quites, bandarilhas e estoqueando.

Em 1869 foram contractados para Madrid, Tato, Lagartijo e Frascuelo. Por se ter inutilizado o primeiro, em 7 de junho, para o toireio, levaram Rafael e Salvador o peso do resto da temporada.

A competencia entre os dois espadas em Madrid era muito moderada pela auctoridade, que varias vezes lhes impoz multas; porém, a 19 de setembro, Frascuelo rompeu o gelo ao tirar as redeas do cavallo de Calderon do pescoço do

terceiro toiro da tarde, que n'ellas havia ficado enlaçado.

Esta foi a temeridade precursora de outras, que ambos praticaram depois.

Em 1870 toireou em Madrid em 19 corridas, e a 18 de setembro foi colhido pelo sexto toiro, que o atirou a grande distancia, ao arrancar para matar. A ferida, felizmente, foi de pouca importancia.

A 21 de maio de 1871, teve Salvador o desgosto de vêr ir vivo para o curral o sexto toiro, chamado *Pardito*, e que pertencia á ganaderia de Miura.

A 29 de outubro esteve, porém, superior na morte do terceiro toiro da corrida verificada em Madrid, pois que, com quatro passes naturaes e um cambiado superior, deu uma estocada *recibiendo* primerosa.

Em 1872 trabalhou em Madrid com Caetano Sanz e Lagartijo, e nas 23 corridas em que tomou parte alcançou grandes e merecidas ovações.

Em 1873 trabalhou em Madrid com Lagartijo e Chicorro e toireou em 25 corridas, estando infeliz nas duas primeiras e com fortuna nas restantes.

A 4 de maio teve uma das maiores ovações que recebeu durante a sua vida de toireiro, ao matar o quinto toiro de Veragua, chamado *Volante*, ao qual deu a morte com uma estocada a *volapiè* legitimo.

A 22 do mesmo mez, ao matar o quinto toiro da ganaderia do marquez de Saltillo, chamado *Cuchares*, recebeu nova ovação.

Na tarde de 22 de junho, depois da colhida de Lagartijo, cresceu-se de tal maneira na morte

dos toiros da corrida, que ouviu uma continuada ovação.

Outra ovação recebeu na tarde de 13 de julho quando brindou a morte do 5.º toiro ao seu collega Lagartijo, que, já restabelecido da ultima colhida, assistia á corrida n'um camarote, e que, enthusiasmado com a faena que Frascuelo empregou, lhe atirou com o seu relógio de ouro.

Em 1874 tomou parte em 18 corridas, das 19 celebradas na praça velha de Madrid, merecendo mencionar se a de 23 de abril, em que estoqueou, sem remuneração alguma, 6 toiros de José Bermudez, em beneficio dos feridos da guerra.

Frascuelo inaugurou n'este anno a actual praça de Madrid e matou o toiro *Mochito*, de Nunez de Prado, d'uma estocada, depois de 9 passes de muleta.

Seria prolixo enumerar mais as faenas executadas por este diestro; basta dizer que o seu nome figura no cartaz de Madrid desde 1875 a 1880 e de 1885 a 1887; em 1888 tomou parte só na corrida por elle organisaada a beneficio do seu mallogrado e infeliz bandarilheiro Rafael Sanchez.

Desde que tomou a alternativa, Frascuelo matou, termo medio, em 60 corridas por anno.

Pelo seu arrojo e temeridade, foi victima de muitas colhidas, algumas d'ellas de summa gravidade.

Em 13 de novembro de 1887, ao lidar um toiro de Antonio Hernandez, recebeu uma ferida profunda na parte esquerda e inferior do ventre, com fractura da 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> costellas. Depois de colhido levantou-se e matou o toiro d'uma estocada!

Frascuolo é um nome que brilhará sempre entre os mais notáveis toireiros, e se não deixou descendencia artistica, permitta-se-nos a expressão, deixou escola, e ahí a temos representada hoje por Reverte, e ainda hontem pelo mallogrado Espartero.

Estes tres nomes representam n'este seculo o toireio de verdade, a escola de matar toiros cara a cara e sem traição.

### ANASTACIO MUELAS.





José Bento de Araujo

**G**um dos mais valentes e dos mais distintos cavalleiros tauromachicos. José Bento, que conta hoje 44 annos de idade, iniciou-se na arte de torear n'uma vaccada realisada em 1874 na praça da Junqueira.

Pouco depois toireou em Sacavem e mais tarde em Lisboa, na demolida praça do Campo de Sant'Anna, onde trabalhou durante muitos

annos ao lado de Manuel Mourisca e outros cavalleiros.

Em 1892 foi para França, toireando em Paris, Nimes, Avignon, Marselha e outras cidades. Tambem trabalhou, com agrado geral, em varias terras de Hespanha.

E no Campo Pequeno tem continuado a revelar as suas boas qualidades de toireiro e de equitador.

No Brazil, para onde partiu ha tempo com Alfredo Tinoco, tem enthusiasmado, com o seu trabalho artistico e alegre, a população do Rio de Janeiro.

E' dotado d'uma coragem extraordinaria e para elle não ha cornupetos, que se não possam toirear. Farpeia com o mesmo saber e serenidade um toiro sencillo como um matuto, que já tenha vindo oito ou nove vezes ao rondel.

Entra e sae das sortes com toda a frescura e luzimento. Seguro nas sortes de gaiola, em todas as outras é eximio. Consentindo muito os toiros, os ferros são collocados como prescrevem os regulamentos taurinos. E', emfim, um bom toireiro, na verdadeira accepção da palavra.

Se como artista é insigne, como homem é o que se chama — um bom rapaz.

JOSÉ PINTO DE CAMPOS.





## Visconde de Varzea

**Q**UEM escreve estas linhas nunca tinha visto o visconde de Varzea torear, nem tão pouco montar a cavallo, e quando, ha annos, assisti a uma corrida, em que elle tomava parte com D. Antonio de Siqueira e outros amadores, fiquei surprehendido com o seu toireio.

Cavalgando, com todas as regras da equitação, um soberbo corsel que se *cuarteava* com

todo o garbo na cabeça das rezes, o visconde de Varzea lidou com desafogo e valentia os toiros, que o programma lhe marcava, tornando-se notavel a maneira como entrava e saía das sortes. Fez um trabalho brilhante, que o publico co-roou com muitas palmas e bravos. D'ahi por diante, tenho-o visto toirear em varias corridas, sempre com applauso dos espectadores e da critica mais exigente.

Tendo uma mão de redea magnifica e dispondo d'um braço direito de primeira ordem, o visconde de Varzea, que é ao mesmo tempo muito sereno e muito corajoso, reveste sempre a sua lide d'uma frescura e d'uma elegancia, que enthusiasma os amadores no mais alto grau.

\*

Consideremos agora o visconde como creador de gado bravo.

Se não póde, por exemplo, apresentar ainda uma ganaderia como a de José Palha, ou a de Emilio Infante, é porque começou ha pouco tempo a desenvolver este ramo importante da agricultura. Ha de chegar a ser um bom *ganadero*, porque dispõe de elementos para isso.

Hoje, mercê de aturados cuidados e de grandes despezas, a que o visconde se não poupá, os seus toiros já dão uma percentagem muito rasoavel de bravura e bom sangue.

Dentro de quatro ou cinco annos, o sympathico titular deve apresentar magnificos exemplares de raça brava.

\*

Se, no redondel, nos traz á memoria as figuras inolvidaveis do marquez de Castello Melhor e do marquez de Bellas; se na sua ganaderia põe todos os esforços para a tornar uma das melhores do paiz; como homem do mundo apresenta-se nos tal qual é: um verdadeiro fidalgo nas maneiras e nas acções, um rapaz profundamente cavalheiroso, a cujas brilhantes qualidades de espirito e de character eu me desvanço de prestar a devida homenagem.

DUARTE BRUNO.





## Rafael Molina

(LAGARTIGO)

**C**ELEBRE toireiro que nasceu na cidade de Cordova em 27 de novembro de 1841. Aos 11 annos figurou pela primeira vez como bandarilheiro n'uma corrida de toiros realisada n'aquella cidade, em setembro de 1852, e durante nove annos bandarilhou em corridas de novillos, até que, em 8 de setembro de 1861, entrou para a *cuadrilla* do espada Pepete.

No anno immediato passou para a *cuadrilla*

dos irmãos Carmonas, com quem veiu a Portugal. A 15 de agosto do mesmo anno foi colhido em Caceres ao entrar a bandarilhar o terceiro toiro da tarde, que pertencia ao ganadero Benjumea. Dias depois, a 24 de setembro, n'uma corrida effectuada em Bujalance, matou quatro toiros de Rafael y Barbero.

Seguiu toireando em praças de segunda ordem, até que a 13 de setembro de 1863 appareceu na praça de Madrid como bandarilheiro.

No terceiro toiro da corrida, que pertencia á ganaderia de Miura, e que foi estoqueado por Antonio Carmona, Rafael Molina collocou um par monumental a *quiebro*.

No anno seguinte, Cuchares, Tato e Gordito foram contractados para a praça de Madrid, figurando Lagartijo como bandarilheiro na *cuadrilla* do ultimo dos mencionados espadas.

A 23 de maio apresentou-se como *sobresaliente*, e a 13 de junho, por cessão de Cuchares, matou o quinto toiro da tarde, de nome *Tortillo*, de D. Antonio Miura, empregando oito passes naturaes, tres cambiados e dois de peito para uma estocada magistral.

A 3 de julho matou o setimo e oitavo toiros da corrida, que era a de beneficencia, sendo colhido sem consequencias ao tentar dar um recorte ao ultimo.

No mesmo anno bandarilhou ainda vinte e quatro toiros em dezoito corridas e matou em cinco dez cornupestos, empregando dez estocadas e dois *pinchazos*.

Finalmente, em 15 de outubro foi-lhe dada a alternativa por Caetano Sanz.

Em 1866 tomou parte, em Madrid, em vinte corridas, bandarilhando cinco toiros e estoquean-

do trinta e cinco. A 20 de outubro de 1867, ao fazer um *quite*, foi colhido sem consequencias.

Em 1868 toireou em cincoenta corridas nas provincias.

Em 1869 trabalhou em vinte e uma corridas.

A 7 de junho coube-lhe terminar com a vida de *Peregrino*, toiro de Vicente Martinez, que inutilisou para o toireio o celebre Tato.

Em 1870 não trabalhou em Madrid e soffreu em Cadiz uma colhida ao tentar pôr bandari-lhas a *quiebro*.

Em 1871 entrou em vinte e tres corridas e seguiu toireando de cincoenta a sessenta corridas por anno, até 1875, em que foi novamente colhido em Saragoça nas festas del Pilar.

Levaria muito espaço enumerar as corridas em que tomou parte e as *faenas* magistraes, que executou durante tantos annos.

Inaugurou muitas praças e deu a alternativa a Jaqueta, Hermosilla, Cara Ancha, Angel Pastor, Manuel Molina, Mazzantini, Francisco Sanchez e Guerrita.

Em 1893, talto já de faculdades e com o peso de 52 annos, retirou-se do toireio, depois de se ter despedido dos publicos de Saragoça, Bilbao, Barcelona, Valéncia e Madrid, a 7, 11, 21, 28 de maio e 1 de junho.

Os aficionados nunca se esquecerão do seu toireio alegre, elegante e adornado; jámais olvidarão aquellas inimitaveis largas e as meias estocadas de effeito rapido.

Ratael Molina deixa, porém, um discipulo, que lhe faz honra, o espada Guerrita, que tem faculdades e intelligencia para fazer o que viu executar ao seu maestro.

ROBERTO DUFF.



Fernando de Oliveira

**A**LTO, delgado, secco e rijo, tem nas veias sangue brioso, que dá bem a comprehensão do dever, o conhecimento completo do seu mister. Ha ali, n'aquelle temperamento fógoso e bom, um conjunto de qualidades, que muito o enobrece, um character firme pouco propenso ás ciladas do officio.

Se tivesse que fallar d'elle como homem, da

sua individualidade pessoal, explanando bem toda a sua vida, diria que é um dos mais honestos e sérios que conheço, e attestando o que digo podia apresentar uma longa lista de factos de altissimo valor. Mas não é do homem, e simplesmente do artista, que tenho de fallar.

\*

Como artista é valente, mesmo d'uma valentia louca. Sente bem no fundo da sua alma o amor pela arte que professa, que segue sereno e animoso como um seu bom e fiel apóstolo. E' um toireiro na verdadeira accepção da palavra. Devido talvez ao seu pundonor, ao seu genio irrequieto, toireia muitas vezes mais do que deve.

Sem querer, pelo seu character, defender os nossos *pseudo-gánaderos*, são muitas vezes dos limites da arte, para em lucta renhida obrigar a *marrar* uns bicharocos quaesquer, que nem isso sabem fazer, apesar do longo tirocinio que tem das villegiaturas por essas praças fóra. Os creadores comprehendem n'ò, reconhecem que muito lhe devem, porque é elle quem muitas vezes os salva d'um completo *fiasco*, mas a arte, que é a unica soberana, revolta se, porque quer que lhe respeitem as regras no seu campo restricto.

O toireio a cavallo, esse luzido como galhardo torneio genuinamente portuguez, não se creou, em épocas de bem saudosa e já longa memoria, para joguete de *bois* com tirocinio para toiros. E' este o seu defeito em minha opinião. Faz mais do que deve e do que a arte manda.

Muitas e muitas vezes o tenho visto rodear

um negro quadrupede, *citando*, tornando a *citar*, até que á força o bicho lá leva um bom par de ferros.

Prova o seu muito valor, os seus muitos conhecimentos, o seu sangue toireiro, mas não o applaude a arte.

Só o que ella manda é o que deve ser feito; o publico se não gosta que aprenda.

\*

Nasceu em 12 de março de 1859, em Benavente, uma das preciosidades agricolas d'esse nosso formoso e vasto Ribatejo. E' filho d'um lavrador. Firmino Antonio d'Oliveira, homem honradissimo e muito considerado, e de D. Custodia do Sacramento de Oliveira, santa e virtuosa senhora, o velho modelo das boas mães.

Dedicando-se por morte de seu pae á vida agricola, ahi perdeu, pelos revezes do tempo, tudo quanto tinha. Como amator entusiasta toireou pela primeira vez em 1879 em Villa Franca e logo no anno seguinte na Barquinha, em cavallos do fallecido *sportman* Carlos Relvas.

D'ahi em diante está já bem feita a sua biographia.

E' uma lista ininterrupta de triumphos obtidos em tardes festivas. Em 1881 apresentou-se pela primeira vez na demolida praça do Campo de Sant'Anna, n'um beneficio de Antonio Monteiro.

Ha quatro annos foi ao Brazil. Teve recepção brilhante e fartos proventos, que a sua *má estrella* não deixou accumular. Veiu quasi como tinha partido, mas deixando lá, nas terras de Santa Cruz, um nome que fica para sempre.

No dia seguinte ao da sua chegada a Lisboa, toireou em Cintra, tendo uma d'essas tardes, que se assignalam como memoraveis. Estava um toireiro da mais fina flôr.

De então para cá é o que todos teem visto. Dextro, conhecendo e prescrutando bem a arte, é, como já disse, um dos toireiros mais brilhantes e completos que conheço. Rijissimo a cavallo, desembaraçado e decidido, é como em linguagem technica de *picaria* se costuma dizer — um homem a cavallo.

Infelicissimo em todas as suas coisas, tem ainda a sua *má estrella* a perseguil-o.

Desde que regressou do Brazil já lhe morreram cinco bons cavallos ! Parece-me que dá bem a nota !

Em 1892, ainda mal convalescente d'uma grave febre typhoide, que o teve entre a vida e a morte, foi, em companhia dos seus collegas Tinoco, D. Luiz do Rego e Manuel Casimiro, trabalhar a Madrid, na corrida hispano-portugueza, em 27 de outubro. Foi, porque tinha compromettido a sua palavra, a sua dignidade, e não queria que alguns maldizentes podessem pensar que fugia á lucta na primeira e grandiosa arena da peninsula. Cheio de febre, prostrado, aniquilado pela doença, lá foi na completa comprehensão do dever.

Do seu trabalho n'essa corrida ha a attestal-o, além do applauso unanime de toda a imprensa hespanhola, a apreciação do grande mestre e distinctissimo critico, D. José Sanchez de Neira, publicada na *Lidia* de 31 do mesmo mez.

D'essa apreciação transcrevo, para remate d'este singelo *perfil*, o seguinte :

«En cuanto a Oliveira, gallardo joven que na-

ció em Benavente, hace treinta y tres años, todo cuanto se diga en su elogio es poco. Con singular maestria, haciendo gala de ser un consumado cavallero, clavó de cerca y com solo dos salidas falsas, por parte del toro, y una por desviacion del caballo, siete palos altos, á toda ley, saliendo de la reunion com grand serenidad y compostura.»

Por si só basta a consagral-o a opinião do grande mestre, d'essa grande auctoridade que toda a Hespanha ouve com respeito. Para mim tem mais valor que todas as corôas e todos os brindes reunidos. E' o seu melhor padrão de gloria.

\*

Nos ultimos annos o seu valiosissimo trabalho eleva-o bem justamente á cathegoria de artista eminente.

E' de seu invento a *sorte de garupa á gaiola*, tão discutida no nosso meio taurino, e na qual bem revela o seu extraordinario arrojo. Na execução das sortes de *cara* e na precisa *medição dos terrenos*, é inegalavel o seu merito.

Ninguem o faz melhor, nem melhor se póde fazer.

E' este, para mim, o seu *perfil*.

Primoroso artista, primoroso character.

XAVIER DE ALMEIDA.





Manuel Garcia

(ESPARTERO)

**A** hora em que na praça do Campo Pequeno um boi do lavrador Estevão de Oliveira desfeiteava o espada Jarana, na praça real de Madrid um cornupeto de hastes agudissimas dava a morte a Manuel Garcia, o eminente *diestro*, que, com Guerrita, Mazzantini e Reverte, formava o quadro dos marcheas do toireio moderno. O insigne matador, que contava apenas 28 annos de

idade, deixou de existir vinte minutos depois da fatal colhida.

Temerario, d'um arrojo extraordinario, ha muito que os aficionados esperavam um desenlace fatal. Em 17 de agosto de 1884 foi colhido e volteado por um toiro do duque de Veragua sete vezes seguidas, ficando n'um estado lastimavel; e na época de 1888 foi ferido quinze vezes.

Em frente dos toiros era d'um valor e d'uma frescura sem igual, possuindo uma rara habilitade no manejo da muleta, com a mão esquerda, dando passes de peito de primeira ordem e bons passes de castigo. A arrancar a matar collocava-se muito em curto. Chegava-se muito á cabeça, *encornando-se*. Fazia pouco uso do percal, executando as sortes a meio capote e sem adorno. Era soberba a maneira como elle empapava os toiros na muleta, trasteando sempre em pouco terreno. Era um toireiro sobrio, classico, verdadeiro.

Se Guerrita — na opinião d'um critico abalidado do paiz visinho — é o toireiro mais completo d'este seculo, Espartero era o matador mais valente; se Rafael Guerra pinta e mata toireando, Manuel Garcia desenhava e toireava matando.

GUILHERME MAIA.





## Manuel Casimiro de Almeida



MANUEL Casimiro é beirão.

A sua provincia é nobre, de antigos fóros ganhos em tempos recuados, quando os romanos saíram á conquista do mundo, estendiam já o seu poderio n'um raio enorme, e eram o terror dos povos. Portugal não existia ainda, é certo, nem a provincia era mais que região; mas Viriato, o general-pastor, baixando dos seus Herminios para a empreza titanica que levou ao

cabo, soube consagrar aquellas terras, que o seu nome e os seus feitos encheram e immortalisaram para a historia.

Da provincia da Beira Alta é a villa de S. Pedro do Sul uma das melhores estancias, aprazivelmente pittoresca, de uma natureza rica, chão de bella seiva, ar de immaculada pureza. Foi lá que nasceu Manuel Casimiro.

Eu não sou dos que crêem que só o meio faz o homem. Não o julgo assim um simples producto, obedecendo todo a causas externas que acabam por substabelecer-se no organismo, reflectidas primeiro, propriamente installadas depois, dominando-o em absoluto, sendo a negação de toda a liberdade, e portanto a de um *quid* de autonomia, potencia independente, que a philosophia deduz, a revelação affirma e ultimamente a experiencia scientifica reforça.

Mas não posso deixar de confessar a grandissima influencia que é, evidentemente, o meio, desdobrando-se na hereditariedade, na educação, e ainda nas condições naturaes, especificas, do ambiente em que a vida desabrocha e o organismo se desenvolve.

Por isso digo, que essa boa alma do Manuel Casimiro, o seu character nobre, os seus sentimentos magnanimos, tendo por si, a facilital-os, como que a aplanar-lhes caminho, modalidades physiologicas de herança — aqui, diatthese moral hereditaria, se m'o permitem — acrysolados ainda n'uma educação de infancia, discreta e desvellada, trazem o cunho indelevel de naturalidade, n'um perfume que é bem d'aquelle chão abençoado onde viu a luz, e d'aquella pureza immaculada das auras, que o acariciaram no berço.

Manuel Casimiro nasceu a 31 de dezembro de 1857. Seus paes foram o sr. Francisco José de Almeida e a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Margarida Luiza de Almeida.

Manuel Casimiro estudou instrucção primaria e latim em S. Pedro do Sul, tendo por professor o ali muito conhecido Lebre, e cursou depois o lyceu de Vizeu. Em 1872 partiu para o Brazil, d'onde a falta de saude de seu pae, que fôra accommettido de um ataque cerebral, o obrigou a regressar.

Seu pae tinha cavallos, como *recreador*, e por isso Manuel Casimiro desde muito novo se deu a exercicios de equitação, tendo depois como professor o sr. João Lobão, de Vizeu. Quando Casimiro Monteiro, ahi por 1876, foi picar a S. Pedro do Sul, fez as cortezias n'um cavallo ensinado por Manuel Casimiro.

As tendencias d'este e a sua muita aptidão para a arte tauromachica, cedo começaram a revelar-se. Como forçado e bandarilheiro, tomou parte em differentes corridas realisadas por amadores em S. Pedro do Sul, Vizeu e Aveiro; e em 1879 estreiou-se como cavalleiro amador, na primeira d'essas praças, continuando depois nas outras duas e tomando parte na corrida cujo producto foi applicado ao monumento de José Estevão.

Em 1880, a 31 de dezembro, casou com a sr.<sup>a</sup> D. Liberata Miranda, já hoje fallecida, filha de um dos primeiros negociantes de Vizeu, e desde então fixou residencia n'aquella cidade.

A mudança de estado, os carinhos da familia, a vida do *ménage*, que tem enlevos e enleios, circumscreveram-lhe um meio mais restricto de acção. Mas a sua natureza, fadada para empre-

zas generosas, de beneficencia, illudiu a coerção dos acontecimentos. Mais afastado dos torneios da arena, onde jogava a vida pelo bem de caridade para que concorria, pensou n'um rumo differente, que, pela beneficencia sempre, o conduziu comtudo á mesma situação anterior, definida, porém, e professional, como o leitor vae ver.

Manuel Casimiro communicou a alguns amigos a idéa de instituir-se em Vizeu uma corporação de bombeiros voluntarios, e a semente caiu em bom terreno. Nem podia deixar de ser: *similes cum similibus*...

Mas accrescia ainda que as sympathias geraes, que as suas qualidades lhe grangearam na capital da Beira, davam a Manuel Casimiro um grande prestigio para com todos.

Foi, pois, dito e feito. Em seguida a algumas reuniões preparatorias, que se realisaram em casa d'elle, nascia a corporação dos bombeiros voluntarios, que, devo aqui dizel-o, devido principalmente ao impulso e aos esforços felizes de Manuel Casimiro, é hoje uma das mais prosperas, tendo uma associação com bibliotheca propria, sessões quotidianas de recreio, e contando no numero dos seus socios o que de melhor ha em Vizeu.

Manuel Casimiro foi logo proclamado, unanimemente, commandante, e ahi vae elle para o Porto estudar com Guilherme Fernandes o serviço de incendios.

Começaram, porém, a sobrevir difficuldades. Não bastavam a coragem e boa vontade d'aquelle troço de rapazes generosos e cheios de dedicação, nem o que se pôde haver por quotas de differentes pessoas, que, na qualidade de socios

protectores, acorreram a inscrever-se, para o custeio das grandes despesas de installação, compra de material, etc.

Ainda foi Manuel Casimiro quem apresentou a idéa de que se ensaiasse uma peça que, representada no theatro, produzisse alguma receita. Escolheram-se os *Madgyares*, e, n'esta cruzada, lá me encontrei eu tambem, encarregado da parte musical. A zarzuela cantou-se; e, se me permittem a franqueza, direi com desempenho muito regular, fazendo Manuel Casimiro o papel de Alberto, o protogonista, com uma voz de tenorino muito agradavel e bem timbrada.

Mas, por fim de contas, viu-se que a despeza, em que eram verbas de grande importancia o pagamento ás coristas e a confecção dos costumes, absorvera quasi toda a receita, e, liquido, liquido, pouco mais ficava do que as palmas e ovações do publico.

Ora, francamente, isto era muito pouco para o que se necessitava, tanto mais que as palmas e ovações eram valores irrealisaveis.

De passagem, direi que, ainda no mesmo intuito, e com resultado muito semelhante, se levaram depois á scena os *Dragões de Villars*, de Maillart, desempenhando Manuel Casimiro a parte de Sylvano, de modo que affirmou dotes e aptidões de cantor muito apreciavel.

A desforra de Manuel Casimiro foi passar do palco para a arena, e ahi, sim, que os seus triumphos tiveram uma affirmação mais positiva, que se traduziu em recursos pecuniarios, que deram grande incremento á associação dos bombeiros.

Em dois annos realisaram-se tres corridas, que

produziram, liquido, mais de um conto de réis. Foi lá, expressamente, tomar parte o saudoso e fidalgo — pela linhagem e pelos sentimentos — cavalleiro amador Carlos Relvas, sendo Manuel Casimiro cavalleiro tambem nas duas primeiras, e bandariheiro na terceira.

E ahi, reconhecendo a muita aptidão de Manuel Casimiro para a lide, Carlos Relvas instou com elle para que seguisse a profissão, pois lhe augurava um bello futuro. N'isto, sabemos nós como Relvas foi propheta, de seguro vaticinio. Em pleno cumprimento da suggestão feliz, elle ahi vae de triumpho em triumpho, honrando a memoria do seu mestre, que o foi em parte.

Mas não dissemos ainda tudo de Manuel Casimiro, na sua phase de commandante de bombeiros.

A camara municipal de Vizeu, ao ver o denodo e ao mesmo tempo a pericia com que elle se salientava na direcção dos ataques a incendios, sem se poupar, nas occasiões de maior perigo, ao serviço proprio nos pontos mais ariscados, confiou-lhe a inspecção dos incendios, cargo que ainda tem, sendo licenciado pelo tempo em que não assiste em Vizeu. O motivo proximo de tal nomeação foi o modo habil e energico por que dirigiu os trabalhos n'um grande incendio que houve na casa Limas, da praça de Camões, conseguindo evitar que o fogo se communicasse aos predios contiguos, que estiveram imminantemente ameaçados.

Dos seus rasgos de valor contarei apenas um, que o define. N'um incendio, n'uma casa da rua de Grão Vasco, salvou com grande risco de vida uma senhora de idade, saindo com ella por uma janella do terceiro andar, e descendo assim uma

escada de *crochet*, arrojo este, que produziu um verdadeiro assombro.

Tem tres condecorações por serviços humanitarios; recebeu differentes officios de louvor e uma portaria, a sollicitação do governador civil de Vizeu, quando, por occasião de incendio no governo civil, evitou que as chammas passassem á sachristia da cathedral, que fica immediata e subjacente. N'esta sachristia existem quadros de Grão Vasco, que são verdadeiras obras de arte, reputados em grande valor.

Na ameaça do cholera, quando por cá não faltaram sustos, e as auctoridades sanitarias se desentranhavam em medidas sobre medidas de prophylaxia, Manuel Casimiro, com os bombeiros voluntarios, organisou um bando precatório, cujo producto foi destinado ao saneamento das habitações das classes pobres.

E, pelo *ultimatum*, que fez vibrar de um a outro extremo do paiz toda a fibra patriótica, elle e todos os bombeiros voluntarios se offereceram para o serviço militar, compartilhando assim, e não sendo dos menos entusiastas, n'esse movimento, como de resurreição, que felizmente se iniciou por todo o nosso querido Portugal.

Pois que estas linhas, embora singelas e escriptas correntemente, vão com pretensões a notas biographicas, não devo calar que em Vizeu, onde é sempre vivida a sympathia que por elle todos sentem, exerceu os cargos de director do Asylo da Infancia Desvalida, do Gremio de Vizeu, do Monte-pio Philantropico, de mezario da Irmandade da Misericordia, com vigilancia sobre o serviço hospitalar, e de director do theatro Boa União.

E agora, para finalizar, mais uns topicos da sua carreira tauromachica.

Ainda como amator, toireou no beneficio de Antonio Monteiro, n'esta capital, em 1885. Debutou, como artista, na praça de Lamego, em 1889, e em seguida trabalhou no Colyseu do Porto.

Foi picar a Madrid no anno de 1891, sendo então a primeira vez que ali se pozeram bandarilhas a cavallo. Voltou á mesma praça em 1893; e em 1894 trabalhou, com grande exito, na praça de Badajoz.

No Campo Pequeno recebeu a alternativa em 21 de agosto de 1892.

O que direi agora do artista, que o não saibam todos os nossos *dilettanti* da tauromachia?

Quem o não admira no garbo, na *pose* soberba, ao mesmo tempo que modesta, com que se apresenta no redondel? Na sua figura tão sympathica e insinuante, na despreocupaçãõ do seu olhar sincero, na amabilidade do seu sorriso leal? Aquella serenidade com que cita o toiro, a mão de redea, firme e rija, com que desvia o cavallo, que as suas pernas musculosas apertam n'uma regularidade de prensa, quem as não colheu ainda em flagrante?!

Quem o não reconhece austero de arte, methodico e *irreprochable*, perante a fera que aranca lealmente, mettendo os ferros *en su sitio*, sem se desmanchar, tranquillo sempre, sempre bem posto e sobranceiro, ao perigo?

E quem não sabe como elle, por avontadado e deseioso de comprazer, por vezes, com a consciencia do que faz, e arrostando a maledicencia imbecil da critica de auctoridade dubia mas pedante, sacrifica as regras, que essa critica mal

comprehende, pela excepção admissivel, quando um malessa foge ao castigo, inutilizando assim todo o trabalho de rigor?!

E... *hay que distinguir.*

Fallem por mim as ovações, tão estrondosas algumas, que o publico lhe tem dispensado, o numero de sympathias, que elle, dia a dia, vê crescer, o facto, que eu conheço, e que chega a ser verdadeiro fanatismo, de haver pessoas, que não vão a toiradas, quando n'ellas não tome parte Manuel Casimiro...

Quem é o artista, todos o sabem. O que nem todos sabem, é quem é o homem.

Pois aos que o não sabem digo-lh'o eu, sem a lisonja que sempre detestei, e com a franqueza, nem sempre amavel, que é a minha unica qualidade: é um homem de bem ás direitas, é um cavalheiro, um character de fino quilate, uma dedicação sem limites para os seus amigos.

ALBERTO CAMPOS.





Rafael Guerra

(GUERRITA)



RAFAEL Guerra, a estrella mais prestigiosa que tem apparecido nos circos tauromachicos, nasceu em Cordova, no dia 6 de março de 1862.

Desde os seus primeiros annos mostrou decidida vocação para o toireio. Uma noite, Guerrita tirou ao pae, que era empregado no mata-doiro, as chaves das portas, que communica-

vam com os curraes, e para ali se dirigiu em companhia de Torerito.

Mas fez tal ruido, que seu pae, despertando, deu pela falta das chaves, pondo-se a caminho do matadouro. Qual não foi a sua surpresa quando viu o filho de *saia* na mão, que lhe servia de capote, fazer veronicas, largas e pharoes!

Ainda a *faena* não estava terminada, quando mão inesperada cæe pesadamente sobre o corpo de Rafael, que, surprehendido, imaginou ser uma cornada do bezerro que estava lidando. Enganara-se; a pancada era acompanhada d'uma voz, que dizia: *Picaro, granuja!*

Porém, nada demoveu o que mais tarde havia de occupar um lugar tão brilhante na tauromachia. O pae não teve remedio senão deixar-se dominar pelas *aficiones* do *muchacho*, apesar de toda a familia ainda se recordar da tragica morte do tio de Guerrita, o orgulhoso Pepete, que um toiro de Miura matou na praça de Madrid.

Em 1877 e 1878 trabalhou na praça dos Campos Eliseos, entrando tempo depois na *cuadrilla* de Bocanegra. Com precisão, valentia e elegancia punha bandarilhas a *quicbro*, a *sesgo*, de frente, a *cuarteo*, de relance e á meia volta.

Enthusiasmava os publicos e despertava inveja nos bandarilheiros que o viam trabalhar. Guerrita, pois, como bandarilheiro, chegou em pouco tempo á altura dos melhores. Figurou como *sobresaliente*, pela primeira vez, em Madrid, na corrida de toiros celebrada no dia 26 de outubro de 1882.

Fez parte por muito tempo da *cuadrilla* de Gallo, até outubro de 1885, passando então para a de Lagartijo, o qual, no dia 17 de setembro de 1887, lhe deu a alternativa.

A 17 de janeiro casou-se com uma segunda sobrinha de Lagartijo. Tem duas filhas, Rafaelilla e Lolita.

De 1887 até hoje a vida de Guerrita tem sido uma serie ininterrompida de triumphos, e tem recebido as ovações mais quentes e mais entusiasticas. Por vezes tem *faenas* assombrosas, em que não se sabe o que mais admirar, se a arte levada á maior altura, se a elegancia, a frescura e o requinte das suas incomparaveis filigranas.

\*

Pois este artista portentoso tem sido alvo, em Madrid, d'uma intriga ascorosa por parte, como elle diz, d'umas *serpientes de tendido y fieras de redacion*.

«Las mismisimas precauciones que hay que tener para un toro marrajo, son las mismisimas que hay para los mamarrachos hijos de la Señora Doña Sin... Conciencia.»

Mas Guerrita, que não vê nem ouve o publico quando toireia, sente-se por vezes aborrecido com os epithetos grotescos, vis e canalhas das taes *serpientes de tendido y fieras de redacion*.

\*

Digam o que disserem as taes feras. Guerrita é hoje o primeiro toireiro da actualidade, a estrella que brilha com mais fulgor no ceu da arte.

ROMÃO GOMES.



## Adelino Raposo

**R**oi em Aldegallega, a pittoresca villa ribatejana, que vi trabalhar pela primeira vez Adelino Raposo.

Modesto em extremo, a sua apresentação era o mais singela possível, e foi este certamente um dos poderosos motivos que influíram no espirito do publico para lhe dispensar a sua sympathia, sympathia justificavel, porque se Ade-

lino Raposo apresentava defeitos, aliás desculpaveis n'um principiante, deixava tambem transparecer claramente no seu trabalho excellentes condições para vir a ser um bom artista.

Foi esta a previsão que fiz ao ver pela primeira vez o trabalho do sympathico cavalleiro, e a prova de que essa previsão era justificada sabe-o bem o publico, que de então para cá lhe tem dispensado os seus applausos.

Adelino Raposo é hoje, inquestionavelmente, um bom cavalleiro, formando, sem favor, ao lado dos mais conceituados.

Trabalhando ha quatro épocas na praça do Campo Pequeno, tem ali tido tardes de verdadeira gloria, e a prova mais frisante de que o seu trabalho é devidamente apreciado está na fórma por que é disputado pelas emprezas das differentes praças do paiz.

Respeitador profundo da critica, o que hoje em dia é tão difficil de encontrar, Adelino Raposo procurou sempre seguir os conselhos dos entendidos, lucrando assim aperfeiçoar o seu trabalho e captar as sympathias d'aquelles que o aconselhavam, por verem n'elle excellentes qualidades para vir a ser, como hoje é, um toireiro distincto.

\*

Como artista, Adelino Raposo possui uma boa qualidade — a modestia —; como homem, é o que vulgarmente se chama — uma joia —, contando por isso numerosos amigos, apreciadores dos seus bellos dotes de character.

JULIO COSTA.



PARTE II

---

VARIÉDADES

(Artigos, anedotas e casos verídicos)



## Artigos, anedotas e casos veridicos

---

### As toiradas



divertimento favorito da maioria do publico portuguez são as corridas de toiros. Realmente, não ha nada mais empolgante do que ver o Alfredo Tinoco metter um ferro, de cara, no morrillo musculoso do toiro; o Antonio Fuentes collocar, a *quiebro*, um par de bandarilhas nos rubios da fera, e um destemido rapaz de Salvaterra bater as palmas ao cornupeto e cair bem *en la cuna*.

Simplemente admiravel!

Digam o que quizerem os sentimentalistas piegas, que se condoem da sorte dos bois; vociferem a seu gosto os membros da Sociedade protectora dos animaes, tão esquecidos d'aquelle conselho do philosopho tudesco, de que a caridade deve principiar pelo homem e não pelos animaes: as corridas de toiros são o verdadeiro e genuino divertimento nacional, e hão de selo

emquanto as ultimas energias da nossa raça não adormecerem inteiramente.

As toiradas são a unica escola de valor e destreza, que possuímos. O combate épico e suggestivo entre o homem e o toiro é uma tradição peninsular, encarnada indissolivelmente no genio popular e correspondendo a uma das suas mais energicas qualidades ethnicas.

\*

\* \*

### A morte do toiro

Ha tempos um Aniceto de bigode façanhudo admirou-se de eu ter dito, que a morte do toiro no redondel é briosa, ao passo que no matadoiro é ingloria. Admirou se, mas ninguem deve passar da admiração d'um Aniceto. E' natural.

O toiro no *ruedo* encontra a morte em lucta com o *diestro*, o qual joga a sua vida contra a do animal. E' um duello, onde a coragem do espada sobrepuja a força do adversario. No matadoiro commette-se um assassinio: a rez é presa para não poder defender-se contra a cobardia do magarefe; presa é ferida, e ferida cáe miseravelmente, ao desamparo.

O grande argumento dos Anicetos resume-se n'isto: «A morte dos toiros é repugnante».

Como calmante recommendamos-lhes, que raciocinem n'este generoso pensamento de Schopenhauer: «Quando vejo alguem lastimar-se ou revoltar-se pelos maus tratos infligidos aos animaes, não posso deixar de me recordar quanto mais dignos de compaixão são os humanos.»

Os Anicetos berram que a toirada é um espectáculo barbaro, que conduz fatalmente o espirito do povo a uma inclinação sanguinaria. Está-se vendo. Os aficionados não fazem outra coisa senão matar gente. Até as senhoras, á saída dos toiros, matam tudo quanto encontram. E' uma chacina geral. A's segundas feiras as chronicas policiaes veem replectas de scenas de sangue. Tudo por causa das corridas de toiros! Medico que assista a uma diversão taurina fica perdido. No dia immediato vae para as mesas anatomicas e é um gosto vê-lo esquarterar cadaveres de miseraveis. O meu cosiaheiro, ás segundas feiras, faz uma *razzia*, que é de bradar aos céus. Gallinhas e borrachos vêem-se em palpos de aranha com o demonico do homem.

\*

Quando havia *toros formales* em Portugal, nos bons tempos em que a aristocracia *vieille roche* descia ao *coso* a defrontar-se galhardamente com cornupetos bravissimos, o numero de crimes de assassinio era então muito menor. Prova de que os toiros de morte não acordavam instinctos sanguinarios no coração popular.

No tempo em que o conde da Atalaya, o conde dos Arcos e outros preclaros fidalgos, embebiavam o rojão nas *pendolas* dos toiros, que se lidavam na praça real de Salvaterra de Magos, a estatistica dos crimes de sangue não apresentava o sudario, que hoje põe ante os olhos da philosophia abysmada, que não acha remedio idoneo para um tal cancro. Havia mais vigor, mais virilidade. Não existia esta anemia geral e profunda, que vae corroendo desconsoladoramente to-

das as organizações. Acabaram com tudo quanto era forte e robusto. E não contentes com isto, querem os Anicetos de penante lustroso dar cabo das toiradas, a unica coisa de geito, que ainda nós restava do Portugal velho.

\*

\* \*

### As gaiolas

Que diriam o conde de Vimioso, o marquez de Castello Melhor, o conde da Anadia, e outros que já não são d'este mundo, se vissem os toiros engaiolados! Emigravam, com certeza, se a ordem não fosse revogada em vinte e quatro horas. E as guitarras da Severa e de outras figuras do alto *banzé* chorariam plangentemente a abolição das suas queridas esperas de toiros, ellas que retiniam alegremente desde o Senhor Roubado até ao Colete Encarnado, desde o José da Francisca até ao Campo de Sant'Anna, n'aquellas noites memoraveis do Castello Melhor e de outros vultos proeminentes, que eram como que os chefes respeitaveis e respeitados d'aquella enorme romaria!

\*

Sou contra a conducção dos toiros em gaiolas. Estas só servem para cavallos e para grillos, e não para animaes acostumados a andarem sempre ao ar livre. Para os fazer entrar na ordem, quando d'ella saíam, bastam os cabrestos e as varas dos campinos. Sempre assim foi, e sempre assim deve ser.

Por uma noite de luar é bello ir por essas estradas fóra, de carro ou a cavallo, ao encon-

tro do gado. Em diversos pontos do trajecto vêem-se grupos de individuos, que fallam com vivacidade. Nas janellas e nos muros das quintas, homens e mulheres aguardam a passagem dos bichos. E enquanto estes não passam, de dentro dos trens e do centro de grandes ranchos saem os sons maviosos d'uma guitarra manejada por mão de mestre, ao passo que uma *manola* acompanha o guitarrista com umas modinhas, que fazem estarrecer os circumstantes.

De repente, como n'uma visão phantastica, toiros e cavalleiros passam a galope, em nuvens de poeira, até ás portas do circo!

Depois. . .



### **A praça do Campo Pequeno**

Foi inaugurada no dia 18 de agosto de 1892. Havia dias que não se pensava n'outra coisa: nos centros onde se falla de tauromachia discutia-se acaloradamente a elegante construcção da praça, devida ao bello talento do distincto architecto e meu amigo Dias da Silva. Desde manhã cedo não se tratou senão de toiros. Discutia-se o melhor modo de ir para a praça, e onde se jantaria no regresso: se no Tavares, se no Leão de Oiro. Um delirio! Caixeiros de lojas de modas deram partes de doentes; amanuenses escanifrados não se lhes deu de apanharem uma falta; operarios houve, que perderam meio dia! Uma febre!

\*

A's 3 horas havia uma animação extraordinaria no vasto circo tauromachico. Meia hora an-

tes de começar o certamen taurino, o enorme amphitheatro regorgitava de espectadores, apresentando um aspecto estranho e bisarro. Na sombra encontrei caras conhecidas do Campo de Sant'Anna, e que, havia quatro épocas, não viam toiros, porque não quizeram dar se ao incommodo de atravessar o Tejo para irem á Moita, a Aldegallega ou a Setubal. Gentes que, pelós seus achaques e pela sua preguiça, não se podiam levantar cedo para journadearem até Leiria ou Caldas da Rainha, onde presenciei torneios de primeira ordem.

Por entre os veteranos da velha guarda, aqui e ali, vi os rostos prasenteiros de distinctos aficionados, que eu encontrava sempre em todas as corridas, quer ellas se realisassem no sul, quer no norte. Sempre firmes, sempre amadores. Os camarotes estavam polvilhados de rostos gentis. Pelas bancadas do sol reinava uma alegria boa e communicativa, apezar dos assentos não serem muito macios. As gargalhadas dos homens, as risadas das mulheres e os gritos de contentamento das creanças, mostravam bem, que o povo adora o seu divertimento predilecto.

\*

\*      \*

### **Os retratos de Lagartijo e Frascuelo**

- Agarro-as ahi a cada esquina.
- Conquistas ?
- Não senhor, anginas. As mulheres bonitas nada querem commigo. Acham-me magrito e algo nephelibata. Em compensação, as inflamma-

ções de garganta visitam-me muito a miudo. Agradecido a suas ex.<sup>as</sup> A ultima angina, que apanhei, foi o anno passado, em Almeirim, no dia de Santo Antonio. O Thomaz de Aquino Junior, que me acompanhava, ficou illeso.

Atirei-me ao chlorato de potassio, uns garga-rejos, que um magico me receitou ha annos.

Não obtive melhoras. Queixei-me a um amigo, que me aconselhou um elixir mexicano. Dez gottas de cada vez, n'um copo de agua. Ora eu, em logar de dez gottas muito arenques, deitava dez gottas muito corvinas. Falta de pratica em manusear frasquinhos de medicamentos. Ao cabo de tres dias sinto a garganta em carne viva. Ia desmaiando... de pavor.

\*

Medito. Por acaso os meus olhos poisam nos retratos de Lagartijo e Frascuelo, que tenho defronte da cama. Pedi inspiração ás duas summidades tauromachicas.

A figura grave e severa de Frascuelo parecia dizer-me: «Vae já, já, ao Virgilio ou ao Camanha e pede dois frasquinhos de aconito e belladona.» Por seu turno, a cara de paschoas de Rafael Molina dir-se-hia, que me aconselhava: «Deixa-te de contos; o que arde, cura. Faz uso do elixir até á ultima pinguinha.» No entanto, decidi-me pelo aconito e belladona.

A homeopathia viu-se grega, ou turca, para neutralisar os effeitos chammejantes do tal medicamento, que ia fazendo da minha bocca uma secção dos fornos do meu padeiro. Será escusado dizer, que o extracto da planta mexicana foi fazer uma visita ao telhado do meu visinho.

Se algum gato lambeu aquillo, tombou com certeza!

\*

N'uma das noites delirei. Soavam tres horas quando vejo erguer-se, diante de mim, um homem alto, com os olhos desmesuradamente abertos. Depois de me apertar um dos braços, ulula:

«Para que é que atiraste, com desprezo, o frasquinho para o telhado do teu visinho? Como castigo não saíras de casa senão d'aqui a tres semanas. Eu sou a alma do inventor d'esse elixir milagroso, que um dos meus agentes te receitou. Chamo-me Ponciano Yriarte, e quando algum blasphemo diz mal do meu liquido santo, venho das profundas do inferno pedir-lhe contas».

Pelo visto, o sacripanta tantas fez, que obteve passaporte para o imperio de Lucifer, cuja cabeça cornea ainda não teve poder para arrambar as portas das cinco partes do mundo.

Ponciano Yriarte expectorou a sandice e deu-me uma palmada no estomago. Eu, com a dôr, abri os olhos, mas tornei a fechal os, e então o que vi, não sei se em sonho, se em continuação do delirio, passa as raias do verosimil e do natural.

Vi Lagartijo e Frascuelo descerem da immobildade das suas telas e tomarem a fôrma humana.

Salvador cita o phantasma de frente. O tunante avança, de punho fechado, contra Frascuelo, que, n'um *cuarteo*, lhe deixou no pescoço um par monumental.

Depois, Rafael Molina, *al relance*, mette-lhe

na pescoceira um par magistral. Seguidamente, apoz uns *passes* de castigo, Frascuelo enterra a espada no pescoço de Ponciano, que foi de encontro á janella, a qual se fez em estilhas. O miseravel lá foi cair no lagedo da calçada. Ia esborrachando o guarda nocturno, que tinha acudido aos gritos da fera. N'este ponto perdi os sentidos. Nada mais vi. Quando os recobrei achei tudo no seu logar, e em frente do meu leito os dois marchaes do toireio continuavam na immobibilidade das suas telas.

Lagartijo com a sua cara de paschoas e Frascuelo com a sua figura grave e severa.

\*

\*      \*

## O Papa e Guerrita

### I

Em Roma. O chefe da christandade, na colossal egreja de S. Pedro, lança a benção a milhares de fieis. E eu senti-me emocionado com a imponencia do acto e julguei-me um simples atomo á vista do Sacerdote Magno.

### II

Em Madrid. Na praça de toiros. Guerrita, com um farrapo encarnado, zomba da furia de tres Veraguas, e finalisa a lide dos seus toiros com tres estocadas, que cortaram o ar com a rapidez do raio. Das tres vezes a espada embebeu-se até á empunhadura no morrillo musculoso dos toiros. E eu senti-me emocionado com a im-

ponencia do acto e julguei-me um simples atomo á vista do Grande Pontifice da tauromachia.

### III

Leão XIII e Rafael Guerra são os dois homens, que mais me teem assombrado. Duas figuras prestigiosas, que me empolgaram completamente.

### IV

Se em S. Pedro de Roma os sons maviosos dos órgãos e os canticos sagrados nos põem na alma sensações estranhas, curvando-se todos perante a figura esculpturada em marfim antigo do Grande Papa; nas grandes arenas da península as trombetas e charamellas estrugem nos ares os seus sons rubros, e milhares de bocças acclamam delirantemente o Grande Toireiro.

### V

Depois de Sua Santidade, Guerrita. Não conheço outro maior.

\*

\* \* \*

### **Entrevista com dois toiros**

Ha tempos alguns jornaes lisboetas pediram toiros de morte. Iniciou a campanha o *Tempo*. A imprensa, como é de prever, dividiu-se no assumpto. O *Diario Illustrado* combateu a idéa. A *Nação* (quem tal diria) tambem se oppoz ao estoqueamento. Olhe que o sr. D. Miguel, que era um bom catholico, varava toiros a rojão e

obrigava os frades a pegar-lhes de cara ou de cernelha, conforme as circumstancias.

Porque é que os senhores não querem toiros de morte? Porque desmaiariam quando Reverte enterrasse a sua espada no morrillo do toiro? Teem o remedio na sua mão, ou nos pés. Deixem-se ficar em casa ou vão para o José dos Pacatos.

Quando a pugna estava mais accesa na imprensa, fui entrevistar um toiro do Emilio Infante e um cornapeto do duque de Veragua. Primeiramente dirigi-me a Valle de Figueira. Abordei uma manada. Um dos toiros, chamado *Relampago*, destaca-se dos companheiros e entabola conversa commigo. Perguntei-lhe o que pensava de toiros e toirinhas.

— Gosei muito — disse o alentado animalejo. Dei um passeio hygienico, que me restaurou as forças. E melhor seria se não fossem as malditas gaiolas. Vi muita gente, fina e não fina, cafres e Anacletos. Fui recebido ás vezes com musica e foguetes, e gostei muito do bigode do Leopoldo Madeira e do cabello do Zé Jafeco. A troco de meia duzia de ferros, que pouco senti, dei um boleu no cavallo do Fernando de Oliveira e fiz com que o *Cara Linda* rolasse pela arena. E agora aqui me tem com mais saude, graças a uma pequenina sangria.

O *Moinante*, o *Pardal* e o *Sessenta e Nove* afinaram pelo mesmo diapasão, exaltando as belezas das toiradas.

— Pois, meu amigo, gemeu um boi de trabalho, que indelicadamente veio metter os chavelhos na conversa, nós cá, os mansos, não passamos da cepa torta. Trabalhamos todos os dias, com um sol de rachar, recebendo centos de agui-

lhoadas. Em resumo — continuou o *Mochó* — eu preferia ir uma ou duas vezes por anno a uma praça e receber meia duzia de bandarilhas do Theodoro Gonçalves ou do Jorge Cadete, a andar diariamente n'este labutar, que me põe na espinha.

O *Pardal* deu um berro quando o *Mochó* acabou a perlenga e segredou-nos:

— Diga lá aos sentimentalistas, que não sejam asnos. Escusam de nos lastimar. Quem merece toda a sua compaixão são os animaes de trabalho, que andam durante o dia e parte da noite a puxar toda a sorte de vehiculos, debaixo do chicote ou do agulhão de conductores bestias. Isso é que é barbaro.

Disse, bufou e raspou-se n'uma correria doida.

Horas depois tomava eu o comboyo de Hespanha. Nos campos de Castella defrontei-me com uma rez do duque de Veragua. Bonito toiro; lindissima pinta. Perguntei-lhe o que pensava a respeito de toiradas e sobretudo do ultimo tercio da lide.

— Olhe, a morte no matadouro é ingloria. E' um assassinio brutal. No redondel é uma lucha leal, corpo a corpo. Em vez d'um sitio cheirando a carnificina, é um local em que se respira a plenos pulmões; a faca do magarefe é substituida por um estoque de fina tempera. Se não morressemos ali, davam-nos cabo do canastro, semanas ou mezes depois, no matadouro. Não vemos a vestimenta ascorosa do carniceiro, mas sim o fato ricamente lantejoulado do *diestro*; não se morre ignorado, mas á vista de milhares de pessoas, entre bravos de entusiasmo e accordes musicaes, visados por olhares ardentes de mulheres formosissimas, que nos admi-

ram as formas viris, e que conservam de memoria os nossos nomes. Gosámos durante cinco ou seis annos, sem nunca trabalhar, dispondo de liberdade ampla, acariciados pelos olhos meigos das nossas companheiras. E' justo que morramos, mas no *coso*, e ás mãos do Guerrita ou do Maz-zantini. E' preciso desaparecer d'este valle de lagrimas para dar logar a outros. E' uma lei fatal.

O *Veragua* disse isto e *rodou*. Metti-me no caminho de ferro e segui para Lisboa. Quero crer, que todo o gado bravo, que demora pelas lezirias do Ribatejo e pelos vastos campos da Andaluzia, pensará como os seus companheiros, com quem tive uma palestra tão amena e tão veridica. E agora, depois d'isto, que dirão os que são contra as toiradas e contra os toiros de morte?

\*

\* \*

### O tempo

Hoje está tudo mudado. Desde que o maldito saragocano entrou em scena, é o que se tem visto! Faz calor no inverno e chove de verão.

Ha annos ia a gente para a praça do Campo de Sant'Anna de fatos leves, claros; hoje, quasi sempre, vamos para os toiros de sobretudo, sobraçando os incommodos guarda chuvas.

N'aquelle tempo, o sol arrancava scintillações das vestimentas lantejouladas dos bandarilheiros; hoje a chuva põe manchas nas jaquetas dos artistas e nos arreios custosos dos cavallos, e faz dos espectadores uns gatos pingados.

O saragocano *a changé tout cela*. O sarago-

çano, não; os nossos peccados, que são muitos...

\*

\* \* \*

**Mú!...**

Acordo... e bocejo. Que horas serão? A esta pergunta o relógio respondeu presto, dando onze badaladas. Que tal será a corrida hoje no Campo Pequeno?

— Francisco!

— Señorito... (E' hespanhol o meu criado).

— Que tal está o tempo?

— *Nublado. Bien «pué» ser que se aguen los toros.*

— Aguados já andam elles ha muito. Mas, que diabo, até o tempo se vae estrangeirando. Vamos ter, provavelmente, um dia londrino. Já não ha nada puro em Portugal. Está tudo mudado... De inverno faz sol e de verão cae agua a cantaros.

Vesti-me e sahi.

Na rua do Poço dos Negros encontro o sempre bello e sorridente João Jacintho Nunes:

— Adeus, sympathico Nunes!

— *Bon jour, carissimo. Salutem plurimam, my dear.*

— Que salgalhada! Francez, italiano, latim e inglez. E nem uma palavra de portuguez. Já almoçaste?

— *Pas encore.*

— Queres almoçar commigo?

— *Yes.*

— Pois vamos ao *Cabaret du Rocher* e de lá para os toiros.

- *All right.*  
 — Estás incorrigível.

\*

- Moço, a lista.  
 — *Trè volontiez, meziez.*  
 — Tambem tu, alma de besugo, estropias a lingua do general Boulanger?

O rapaz não respondeu e tratou de nos servir o almoço.

Estava muito concorrido o *Cabaret*. A<sup>2</sup> nossa direita abancavam dois proprietarios de fabricas de sardinha de conserva, fallando em inglez mais ou menos legitimo e bebendo *pale ale*, o que nos produziu a grata illusão de que não estavamos no Chiado, mas n'um *bar* de Haymarket.

Almoçámos e sahimos. A hora dos toiros aproximava-se e o ceu aclarava-se. N'um coupé vejo o Alfredo Tinoco e o Manuel Casimiro.

- Adeus, Alfredo.  
 — *Bon jour, mon cher.*  
 — Adeus, Manuel.  
 — *Addio, mio caro.*

\*

Mettemo nos n'um Ripert. O conductor, ao pedir-nos o custo dos logares não regougou um *plait'-il ?*, e, ao receber o dinheiro, não grunhiu um *merci bien !* Porém, o cocheiro assobiava a Marselheza, e um pelintra, que vive á custa d'uma velhota, trauteava o *Le petit bleu*, etc. Ao parar o carro junto da praça, uma pequena horisontal exclama toda delambida:

— *Nous avons «llegué».*

Ao occupar a minha barreira, no sector n.º 1, oiço á direita e á esquerda :

— *C'est un beau coup d'œil !*

— *Very beautiful !*

— *Very splendid !*

Tinha caído no meio de *touristes !*

Sae a *cuadrilla*, e isto consola-me ; mas cumpre-me advertir, que a musica toca a marcha da *Carmen*, opera franceza. Depois os toireiros collocam-se nos seus postos ; sôa o clarim, abre-se a porta do curro, e o primeiro toiro apparece na arena. berrando :

— *Mú ! . . .*

E eu, ao ouvir este monosyllabo commovedor, cáio de joelhos, dizendo :

— Graças, Deus meu. Finalmente oiço fallar em portuguez puro !

(*Imitado do hespanhol.*)

\*

\*      \*

### **A Sociedade protectora dos animaes**

Esta sociedade, que é composta de cavalheiros respeitaveis, não consente que haja toiros de morte, e tem uma policia ás suas ordens para fiscalisar se conductores bestiagas açoitam em demasia o coiro dos pobres jamelgos que puxam as carroças.

Mas não dá um passo para evitar que se atire á passurada em tempo defeso, e que a garotada dos dezesete districtos administrativos do conti-

nente do reino dê caça, á pedrada e á cacetada, a umas avesitas ainda não conformadas...

Isto não é barbaro. Barbaridade é matar um tunante no redondel ou applicar quatro chicotadas n'um quadrupede, que ás vezes tem mais velhacaria do que uma pessoa que eu conheço.

\*

\* \*

### **A espera dos toiros**

Todas as operas teem os seus préludios. Este trecho musical predispõe os animos para ouvir com delicia as recriminações da hebrea quando se defronta com o severo cardeal, ou as phrases de amor de Raul de Nangy.

Para mim tenho, que as esperas de toiros eram o preludio indispensavel das corridas.

Mas como os sabios entenderam que os corrupetos deviam vir em gaiolas, como cavallos ou grillos, acatemos essa soberana resolução.

\*

\* \*

### **O publico**

Dizia Alexandre Dumas, que havia tres qualidades de republicanos: republicanos, republicueiros e republicanistas. Paraphraseando o incomparavel romancista das *Memorias d'um medico*, eu direi que o publico se divide em tres classes: amadores, Anacletos e cafres.

Os primeiros são excellentes pessoas, e apezar de se apaixonarem ás vezes por este ou aquelle

artista, são entendidos mais ou menos no assumpto; os segundos não dizem senão disparates, e os terceiros applaudem o que devem reprovar e berram contra o que merece elogios. Quem os conhece bem é o João de Deus Guimarães e o José Faria.

A segunda e a terceira classe tende a alastrar-se, para desdoiro da tauromachia nacional.

\*

\* \*

### Hontem e hoje

O publico já não é o mesmo de ha vinte annos. N'aquelle tempo applaudia delirantemente o Mourisca e o Batalha, os Robertos, os Peixinhos, o Calabaça e o Loureiro, no remate d'uma sorte feliz, levando lhes, nas tardes das suas festas artisticas, ricos e numerosos presentes. Hoje não delira, nem dá brindes. Está o tempo muito bicudo, como diria o Adriano de Azevedo.

\*

Uma corrida na velha praça do Campo de Sant'Anna enchia as medidas. Havia bons toiros e uma animação franca e ruidosa. A musica dos cegos da casa pia enthusiasmava os espectadores, e os foguetes, que devassos Anacletos acham hoje muito sertanejo e arrayal minhoto, deliciavam a petizada.

\*

Hoje uma praça de toiros parece uma aca-

demia de burros. Vae-se para lá de chapéu alto, de sobrecasaca, de binoculo a tiracollo, com modos solemnes, a vêr uns bois ainda mais solemnes. As senhoras, nos camarotes, parece que estão em S. Carlos assistindo a uma audição da *Aida* ou dos *Huguenotes*.

\*

Antigamente berrava-se, baráfustava-se. Hoje sujeito que grite, que largue uma piada aos artistas, que faça ouvir *puns!* aos lavradores, é mandado calar pela turba dos Anacletos, que não podem ouvir barulho e estão muito puxados á substancia. Ricas prendas! A's vezes nem parece uma praça de toiros. Dir-se-hia um cemiterio, com cyprestes e tudo.

\*

\*   \*

### **Anedoctas e casos veridicos**

Ha annos, depois d'uma toirada em Sevilha, alguns aficionados offereceram um banquete a Lagartijo e Frascuelo.

A' sobremesa um dos commensaes perguntou a Lagartijo qual era o melhor matador de toiros.

— Esse! respondeu Rafael Molina, apontando para Frascuelo.

Feita a mesma pergunta a Salvador, este respondeu que era Lagartijo.

Perguntaram depois a Rafael Molina quem era o peor matador. O insigne *diestro* enredou-se n'um labyrintho de palavras, mas não visou ninguem; porém Frascuelo, com a sua

habitual desenvoltura, cortou a palavra ao seu collega, dizendo:

— *Mira, no les dés más coba. Los mejores matadores de toros, somos tu y yo; los peores, tu hermano y el mio.*

\*

Era ministro do reino, do paiz visinho, D. Francisco Romero Robledo. Estavam uma noite em sua casa varios amigos e entre elles Lagartijo.

Fallava-se de toiros, e, para lisongear o ministro, lagartijista puro, todos se declararam entusiastas de Rafael Molina, misturando nos elogios acres censuras a Frascuelo e ao seu estylo.

— Vamos, meus senhores, diz D. Marianno Cazorro, que se achava presente, não ha nada que censurar a Salvador.

E em poucas palavras poz em relevo todos os meritos do grande artista.

— A sua mão, exclamou Lagartijo levantando-se da sua cadeira; vejo que aqui não ha senão dois frascuelistas: *usted y yo.*

\*

Gayarre e Frascuelo discutiam um dia ácerca do canto e do toireio. Cada qual queria a supremacia para a sua respectiva arte.

— Não te amofines, concluiu Frascuelo, o toireio tem mais merito do que o canto.

— Porque? perguntou o grande tenor.

— Porque? Porque antes de trabalhar ensaias-te... e eu não.

\*

— Desengana-te, dizia a Lagartijo um nephe-  
libata qualquer; na nossa terra não tem havido  
senão dois homens celebres: tu e Gonçalo de  
Cordova.

— No, que *semos* tres, respondeu Rafael Mo-  
lina. Pues donde te dejas al Gran Capitan?

\*

Frascuelo entrava a toda a hora no paço real  
de Madrid. Podia percorrer todos os aposentos  
do regio alcaçar. Affonso XII recebia-o a qual-  
quer hora do dia e da noite. Só havia uma ex-  
cepção n'esta grande intimidade: era quando o  
monarcha hespanhol estava presidindo a algum  
conselho de ministros.

\*

Uma phrase de Pepe Hillo:

Chegou a Hespanha a noticia da execução de  
Luiz XVI, e como se fallasse d'ella diante do  
famoso toireiro sevilhano, este perguntou:

— E que morte deram ao rei?

— Degolaram-n'o.

— Degolaram-n'o? Nunca serão toireiros esses  
francezes!

\*

De quantas antinomias e contradicções está  
cheio o toireio!

O ideal dos *diestros* consiste em colher os  
*blandos*; e, comtudo, a sua aspiração cifra-se em  
colher os *duros*.

\*

O grande toireiro Manuel Domingues foi colhido desastrosamente n'uma toirada. O cornu-peto investiu com Domingues, mettendo-lhe uma das hastes n'um olho, que, saindo da orbita, ficou dependurado e suspenso apenas por um tenue tecido. O valente espada não soltou um grito, não se desconcertou, e com a mão acabou de arrancar o olho, atirando-o aos pés da fera com o maior sangue frio, depois do que, sereno e erecto, um clarão na pupilla que ainda lhe restava, enterrou a espada até á empunhadura no *morrillo* do toiro, que cambaleou, nos arrancos da morte.

\*

Na *Seraphita*, de Balzac, lê-se o seguinte :

«Ao ver n'um mappa as costas da Noruega, que imaginação não se maravilhará ante os seus caprichosos recortes, especie de rendilhado de granito? Não se dirá que a natureza debuxou com indeleveis hieroglíficos o symbolo da vida norueguesa, dando a estas costas a configuração das espinhas d'um enorme pescado?»

A' margem d'este paragrapho, Sobaquillo, um dos mais distinctos escriptores tauromachicos de Hespanha, escreveu :

«A natureza é assim. Não se dirá que tambem timbrou em debuxar o symbolo da vida hespanhola, dando á peninsula a configuração d'uma immensa pelle de toiro?»

\*

No Campo Pequeno, n'uma toirada, em que

foram corridos uns toiros muito pequeninos. Alguns d'elles tinham voz de tenor. Chamavam pela mãe ou pelo pae. Cada vez que os cornu-petositos davam o dó do peito, uma dama quarentona, mas ainda frescalhona, e casada em segundas nupcias, dizia para o esposo:

— Coitadinho, como elle chora! E' tão bonitinho!

Barnabé olhava de soslaio para a sua querida Felicia e resmungava:

— Vae-te pôr diante d'elles e verás o estalo que apanhas.

— Credo, esclarecia a dama quarentona e frescalhona, com animaes de quatro patas não quero nada.

Só gostava dos de duas. Ficámos inteirados.

\*

Na praça de Cintra. Um toiro arremette com a *casa da guarda* e tenta derrubar os forcados. Sentem-se os estalidos das forquilhas no testuz e nas hastes do animal.

— Gritem agora ás armas, rapazes! aconselha o Romão Gomes.

\*

Ha Anacletos que são contra a morte do toiro, e que teem sido agarrados em flagrante delicto de dar cabo de gatos a tiros de espingarda caçadeira!

\*

Em Madrid, ha annos, lidavam-se toiros do duque de Veragua. Um d'elles era tão *abanto*,

que obrigou um espectador a pedir bandarilhas de fogo.

— Bandarilhas de fogo! — diz outro — não para o toiro, mas para o sr. duque.

Hilaridade geral.

\*

No Campo Pequeno, na corrida das nymphas toireiras, umas *bebetes* de contrabando:

Um Aniceto, entre baforadas de vinho feito de agua e pós de sapatos, grunhiu para um Anacleto, que preferia ás nymphas o Pae Paulino e a sua quadrilha.

Não é da mesma opinião a D. Euphrasia Soares, que abancava no sector n.º 6, e achou deliciosa a plastica das meninas, a ponto de confidenciar a uma sua amiga muito intima:

— Ah! D. Carminha, que ricos corpinhos teem os demonicos! Viria sempre aos toiros, se houvesse sempre toireiras. Que lindos olhos tem a que está vestida de verde!

Um Aniceto, que se sentava ao lado, ao ouvir a perlenga, exhibiu um sorriso mephistophelico e chegou a levar a mão á sardinha. E' que se lembrava, ao ouvir fallar em olhos, dos olhos do mocho, da batalha de Alcantara.

A proposito diremos que para fazer a critica justa da corrida em que tomaram parte as endiabradas raparigas, foi-nos preciso recorrer á *mytographia egyptica*.

E' bem conhecida a lenda de Osiris, que Sethe mandou mutilar, e lançar depois os fragmentos ao rio. Isis, sua irmã e sua esposa, emprehen-deu longas viagens á cata dos restos amados do irmão e marido. Encontrou-os finalmente em By-blos, mas incompletos.

Do que faltava fez-se uma consagração religiosa, creando-se o symbolo phalico, que tão largo papel devia depois desempenhar em todas as festas dos egypcios, e presidir ainda mais tarde em Roma ás famosas orgias dos Cesares.

A comparação é flagrante. As seis sacerdotisas de Isis, que vimos no Campo Pequeno, devem ter feito viagens tão largas como as da deusa egypcia para recolherem os membros dispersos dos bezerros, que espinotearam no rondel da praça de Lisboa.

Eram toiritos, que já tinham tido a sorte de Osiris, e tão semelhantes a elle, que as sacerdotisas não encontraram nos campos do Ribatejo as mesmas partes, que a infortunada Isis não conseguiu achar de seu irmão e esposo.

Eram garraios... castrados!

\*

O commendador Simphronio é um homem ainda novo. Arreliam-n'o duas coisas. Toiros de picadores e um sujeito na força da vida fazer parar um americano para saltar.

Outro dia ia para os toiros, na plataforma da frente d'um carro americano. Pelas alturas da rua de Passos Manuel um latagão manda parar o vehiculo para descer. O commendador *escama-se* e diz para o conductor :

—Estes sujeitos parece-me que não aprenderam gymnastica. Isto é bom para velhos e mulheres. E' mesmo uma vergonha atrazar o expediente.

Mais adiante, proximo do Campo Pequeno, o commendador fórma o pulo e salta, mas tão desastradamente, que vae de ventas ao chão,

ficando com o penante n'um figo e com uma es-  
coriação na mão esquerda.

O Simphronio deu o diabo á cardada e lá se levantou como pôde, no meio das risotas dos transeuntes. E foi para os toiros com o chapéu amolgado!

Quando depois qualquer sujeito olhava para elle, sentia zunidos nos appendices auditivos, e um echo trazia-lhe as seguintes palavras, que o faziam estremecer :

«E' mesmo uma vergonha atrazar o expediente.»

E o Simphronio tornava-se pallido, como se um frio glacial lhe percorresse a espinha.

Nunca mais saltou com o carro em andamento, e já não vae para a plataforma da frente.

\*

Na vespera d'uma toirada, á noite :

O conselheiro Anastacio saíu da batota e mais o major reformado Chripim Alfazema, eram 3 horas da noite. Digo da noite, porque alguns ha, que saem de cartear ás 3 horas do dia, e da meza do voltarete vão direitos para a meza do jantar.

Pararam á esquina d'uma das ruas da Baixa.

— Desengane-se, conselheiro, dizia o Alfazema, amanhã deve estar um dia esplendido, e isso é bom para os toiros.

— Pois sim, retorquiou o outro, mas a chuva está fazendo muita falta á agricultura. A minha quinta está uma lastima. Eu preferia, apesar de aficionado, que amanhã tivessemos agua a cantaros.

— Não diga isso, seu Anastacio, não peça chuva.

Mais abaixo o guarda nocturno ouvia a palestra e resmungava entre dentes:

— Como o reformado é capitalista e empresta dinheiro a 75 por cento ao anno, não se importa com as couves e os nabos. O que elle quer é massa e tourinhos. Ora o raio do homem!

N'isto, o Alfazema bate as palmas. O sereno corre pressuroso e com voz meliflua:

— Como está v. ex.<sup>a</sup>, a senhora e os meninos? Como sei que v. ex.<sup>a</sup> gosta muito de toiros, Deus permitta que amanhã esteja um dia de jasmins.

Disse, abriu a porta ao Chripim, projectou o foco da lanterna sobre a escada, fechou a porta e *rodou*. E monologava, o pyrilampo de dois pés:

— Este reformado é um unhas de fome; nem uma cedulasinha para uma canja. Oxalá que amanhã cáia agua a potes.

Servil... e de maus figados!

Mas os zurros do guarda nocturno não chegaram ao ceu, porque nem um pingo caíu.

\*

Em dia de toiros, em Setubal:

N'uma casa de pasto apparece na meza carne assada com batatas. Um individuo descobre uma mosca.

— E' carne assada de... moscatel, commenta o companheiro.

Depois, pedem laranjas:

— Não ha, diz a hospedeira.

— Então em Setubal, a terra das laranjas, não ha este delicioso fructo?

— Não, senhor. Não sabe que em casa de ferreiro espeto de pau?

N'esse dia o comboyo, que saíu de Lisboa ao meio dia, não levava carruagens de 1.<sup>a</sup> classe. Em compensação, no regresso á noite trazia-as.

Commentario do Edmundo Bramão:

— E' para não se estragarem com o calor. O sol prejudica as pinturas.

\*

Quando o Antonio Fuentes vem torear no Campo Pequeno, vê-se sempre uma certa dama no sector n.<sup>o</sup> 1. A juvenil mulher applaude delirantemente o *diestro* e tem vontade de lhe atirar o leque.

Quando a gentil senhora palmeia qualquer lance de Antonio, o individuo, que sempre a acompanha aos toiros, torna-se vermelho como um pimentão; mas pouco a pouco recobra a sua pallidez habitual. . .

\*

N'outro dia, no Campo Pequeno, um dos toiros saíu a passo do *encierro*.

— E' que o animal vem pensando na maneira como ha de arranjar bilhete para ir á Serra de Monsanto ver o Godide, exclama o Abel Nunes.

\*

Namarraes varios esclarecem, contra a opinião de bojudos matebelles, que os toiros se resentem da pressão atmospherica. Os criticos

abalizados que decidam a contenda. Eu por mim tenho, que a temperatura tanto influe nos animaes de quatro patas, como nos de duas, porque todos os viventes estão sujeitos a leis factaes, uns mais do que outros. Por exemplo :

Se os toiros são obrigados, de vez em quando, a apanhar um par de bandarilhas, tambem estão livres de receber farpadas dos senhorios, dos escrivães de fazenda, dos juizes das execuções fiscaes e de outras sanguessugas, que serpenteiam por esta nobre e leal cidade, que teve a alegria de ver nascer (salvo seja) a Mercedes Blasco e o Jayme da Costa Pinto.





PARTE III

---

TOIRADAS

EM

PORTUGAL, HESPAÑA E FRANÇA



## TAUROMACHIA

---

EM PARIS



De passagem em Paris, vindo da Suíça, assisti a duas corridas na praça do Bosque de Bolonha. Na primeira, o dia appareceu chuvoso, caindo de vez em quando grandes bategas. Não obstante, effectuou-se a toirada, com a assistencia de 6:000 pessoas.

Os cornupetos, que foram corridos, pertenciam ao *ganadero* Banuelos. Eram retintos e negros e de corna *delantera*. Cumpriram, principalmente o ultimo, que era um animal de muito poder.

A' hora marcada deu entrada na arena o cortejo composto de oitenta individuos, a saber: timbaleiros e trombeteiros a cavallo; quatro aguazis a cavallo; doze aguazis a pé, vestidos á Filippe IV; os chefes das *cuadrillas*; dezeseis bandarilheiros; chulos; palafreiros, conduzindo os cavallos de reforço para os picadores; moços de cavallariça, do curro e da arena. Tambem se viam duas parelhas de mulas ricamente ajaezadas.

Os cavalleiros Alfredo Tinoco e Luiz do Rego

eram conduzidos em um coche de gala puxado por quatro cavallos magnificos, levados á mão por seis criados de libré.

Feitas as cortezias por Tinoco e Luiz do Rego, sáem dois picadores a esperar o primeiro toiro, que recebeu seis valentes *puyas*. A' segunda, o *jaco* e picador foram a terra. Curritto mette um bom par e tres meios e passa de mula. Quer tirar a *moña*, mas não o consegue, porque a rez arranca mal. Depois, com a espada a fingir, dá uma estocada a *volapié*.

Recolhido este sáe o segundo, que é lidado por Alfredo Tinoco e Luiz do Rego. O primeiro colloca-lhe um bom ferro á gaiola e seguidamente outro á estribeira. Luiz do Rego enfeitallhe o *morrillo* com dois ferros de cara postos magistralmente. O animal era de sentido e parava-se. Os dois cavalleiros foram muito applaudidos.

Filippe Garcia deu-lhe quatro veronicas e tirou-lhe a divisa. Applausos. Filippe Garcia *cuarteo* um par e tres meios.

O Torra Ossos bate-lhe as palmas, fechando-se bem e aguentando-se valentemente, mas o toiro, de poder e ainda fresco, sacode-o com furia, derrubando-o.

O pobre diabo ficou muito magoado. Toda a gente ficou indignada ao ver que ninguem o soccorria. E' increditavel isto, estando na praça quinze toireiros, treze homens de trabalho e dez chulos!

Largam o terceiro a Alfredo Tinoco, que lhe põe um bom ferro á gaiola. De cara e á estribeira aponta bem tres ferros, que ficaram em *su sitio*. Applausos.

Valentin Martin, a *sesgo* e a *cuarteo*, apro-

veita dois meios pares, e com a muleta executa seis naturaes e dois de peito, soffrendo um *desarme*.

Depois do intervallo dão a liberdade ao quarto, que recebe sete varas, propinando tres caídas. Produz-se uma grande confusão. Valentin rabeja o boi. Applausos entusiasticos. O resto da lide d'este toiro não teve lusimento.

D. Luiz do Rego, montado no seu famoso *Leotard*, procura artisticamente o quinto, um pouco *abanto*, e que leva um par de bandarihas para espertar. O distincto amator orna os *rubios* da féra com dois ferros á estribeira e um de cara, sendo muito applaudido.

Filippe Garcia consegue arrancar-lhe um ferro. (Os ferros dos cavalleiros não são de partir; formam no *morrillo* uma especie de ramo). Garcia recebe palmas de todos os espectadores.

O sexto toiro, o melhor da corrida, bravo até ao fim da lide, é castigado com 11 *puyas* valentemente aguentadas pelos picadores, que mostram, n'este lance, grande coragem. Valentin, que *trasteou* bem e deu uma esplendida estocada, adornou o bicho com dois e tres meios pares a *cuarteo*. Recolhido este boi, entrou novamente o cortejo na praça, realisando-se as corpezias finaes.

A segunda corrida realisou-se n'uma quinta feira. Os seis toiros, que foram lidados, pertenciam ao *ganadero* D. Faustino Udaeta.

O primeiro, preto, cornicurto, puro e boyante, recebeu de Alfredo Tinoco quatro ferros largos e dois curtos. Angel Pastor castigou a rez com tres e meio pares a *cuarteo*. Com a muleta deu-lhe sete passes naturaes e dois de peito. O toiro esteve sempre claro.

O segundo, *jabonero*, cornialto, foi enfeitado por Luiz do Rego com dois largos e um curto. Valentin poz-lhe tres e meio pares e um na *atmosfera*. Assobios. Executou nove passes naturaes e dois de peito, e tirou um ramo. Applausos.

O terceiro toiro, preto, de poder, foi mimo-seado com cinco varas. Em seguida Valentin Martin adornou-o com dois pares *cuarteando*. Foi boa a *faena* de Angel Pastor, que simulou uma boa estocada com uma bandarilha.

O quarto, torrado e cornicurto, foi castigado com seis valentes *puyas*. O animal sangrou bastante. Muitas senhoras voltam a cara e mostram-se enjoadas. Valentin adorna-lhe as *pendolas* com dois e meio pares á meia volta. Grande entusiasmo por o toiro saltar á trincheira. Valentin dá-lhe uma estocada a *volapié*. O bicho já se achava no terceiro estado.

Recolhido este, saem os picadores a esperar o quinto, negro, gravito, boyante, que recebe oito varas, deitando fóra as tres ultimas. Applausos.

Salto de garrocha por Angel Pastor. Muitas palmas. Angel agradece, e indo para a cabeça do toiro deixa-lhe tres e meio pares, dando-lhe oito naturaes e dois de peito.

O sexto e ultimo era negro, baixel do esquerdo, parado e duvidoso. Foi bem procurado, a sesgo e á meia volta apertada, por Alfredo Tinoco e Luiz do Rego, que lhe põem, cada um, dois largos e dois curtos. Applausos dos portuquezes.

\*

Alfredo Tinoco e Luiz do Rego aproveitaram quanto é possivel aproveitar, diligenciando d'uma

maneira incrível, mas ambos estavam deslocados. Não tinham os applausos calorosos das praças de Portugal, nem toiros para poderem brilhar.

Na segunda corrida deram-lhes as peiores rezes; as melhores foram para os hespanhoes.

A colonia hespanhola applaudia muito os seus, fazendo pouco caso dos nossos compatriotas. O trabalho dos hespanhoes era muito mais bem recebido do que o dos dois cavalleiros portuguezes, que passavam quasi despercebidos. A empreza dava ás toiradas todo o *cachet* hespanhol e parece que desejava mesmo que os portuguezes ficassem na sombra. Até muitos alfacinhas, que vi nas duas corridas, applaudiram com mais calor os picadores! Não eram d'este numero Carlos Lobo d'Avila, José Ribeiro da Cunha e Carlos Relvas, que victoriaram muito Tinoco e Luiz do Rego.

\*

\*

\*

#### EM MADRID

N'aquella tarde lidaram-se toiros de Concha y Sierra, que foram estoqueados por Lagartijo, Currito e Manuel Molina. Eu tinha chegado na vespera á *villa coronada*. No Café Fornos, onde entrei com o João Pedro Monteiro, havia um movimento desusado, e em todas as mezas discutia-se o merito dos espadas e a pujança dos cornupetos.

Toda a gente sabe o que é um dia de toirada

em Madrid. Ninguem quer saber senão de toiros. Quando o certamen taurino começou, a enorme praça estava completamente apinhada de espectadores de todas as classes e condições, de ambos os sexos e de todas as edades.

E quando, feitas as cortezias, o clarim tocou, fez-se um movimento de attenção. Todos os olhares se fixaram na porta do curral, d'onde saíu, a passo, o primeiro toiro, *Gitano*, castanho retinto, albardado e algo bisco do esquerdo.

José Calderon debutou com uma boa vara. Juan Gutierrez acerca-se do bicho e manda-lhe duas varas, caindo d'uma das vezes a descoberto. Canales teve o cavallo morto. Rafael Molina esteve sempre opportuno aos quites. Juan Molina e Manene são os encarregados do segundo *tercio* da lide. Cada um aproveitou um e meio pares, medianos. Lagartijo tira algumas veronicas e, pegando na muleta, dá seis passes com a direita, tres altos e um cambiado, para uma curta e dianteira e algo contraria; novos passes para uma segunda estocada tendida e atravessada, descabellando ao primeiro intento. Applausos e assobios. Quando Rafael trasteava appareceram na tribuna real suas magestades e altezas.

O segundo chamava-se *Desertor*, negro mulato, de libras e bem posto. Tomou cinco varas de Calderon, duas de Gutierrez e tres de Canales, que caiu uma vez. Os capotes brilharam pela sua ausencia, vendo-se o picador em palpos de aranha para se livrar da furia do *Desertor*. Uma parte do publico protesta. Entre os applausos e gritos dos espectadores, saem a parrar Hipolito e Julian, que encontram o seu inimigo defendendo-se nos médios. O primeiro

collocou dois pares a *toro parado* e o segundo dois pares á meia volta. Curríto, com tres passes naturaes, dá principio á brega, que continúa com um alto, seis com a direita, dois em redondo e dois cambiados, para uma estocada na *atmosfera*. Um natural e outro com a direita e um *pinchazo* baixo. Outros dois passes, e uma meia estocada dianteira, arrancando de largo. O puntilheiro acaba á primeira.

Appellidava-se *Lagartijo* o terceiro, negro mulato, *astillado* do direito e de menos libras que o anterior. Recebeu de Gutierrez tres varas e de Canales duas. Quilez e Mojino pegam nas bandarilhas. O primeiro metteu meio par a *cuarteo*, e o companheiro um bom na mesma sorte. Quilez repete outro par, bom, caindo á saída da sorte diante do toiro, que felizmente nada lhe fez. Palmas. Manuel Molina, irmão de Rafael, dispõe-se para fratricidamente matar o *Lagartijo*. Executando quatro passes naturaes, dois altos, dois com a direita e dois cambiados, atira-se a um *mette e sacca* baixo, que dá a morte instantanea ao toiro. Alguns applausos.

*Cardeño* e corniaberto era o quarto, cognominado o *Cigarrero*, que recebeu nove varas, sendo tres de Gutierrez, quatro de Trigo, duas das quaes foram muito applaudidas, e duas de Canales, nem boas nem más. Manene crava meio par rasoavel e um muito bom depois, tudo *al cuarteo*. Juan Molina, em quatro saidas falsas, deixa meio par á meia volta. *Lagartijo*, empunhando a muleta, dá dois passes naturaes, um com a direita, tres em redondo e tres cambiados, e em curto e direito dá uma boa estocada á *volapiè*.

Tinha a alcunha de *Canito* o quinto, *cardeño* escuro, bragado e *despitorrado* de ambos os *cuernos*, pelo que o publico pediu que fosse retirado para o curral. Depois d'um momento de vacillação, em que o toiro tomou duas varas, accedeu o presidente, que era o tenente alcaide D. Filipe Martinez Villasante, aos desejos do publico.

O toiro que saiu em substituição do quinto, chamava-se *Abaniquero*, e era negro listão, bragado e bem posto. A' saída saltou a trincheira em frente do sector n.º 4. A cavallaria, representada por Gutierrez e Canales, sangrou-lhe sete vezes os *rubios*. Julian mette dois pares de bandarilhas, medianos, e Hipolito um par, bom. Currito executa a seguinte *faena*: quatro passes naturaes, cinco com a direita e um cambiado, e uma meia estocada, que resultou atravessada. Mais dois passes naturaes e tres com a direita e uma estocada curta nas *taboas*, bem signalada, entrando por direito. Applausos.

O sexto e ultimo pertencia a D. Bartolomé Munoz, era colorado e bem posto, chamava-se *Cornudo*, e saiu com muitos pés, rematando nos *tableros*. Tomou dois *puyazos* de Gutierrez, cinco de Canales e um de Trigo. Mojino collocou dois pares e Quilez um par, todos bons, a *cuarteo*. Manuel Molina *pincha* uma vez, depois de dar um passe natural, outro alto, tres com a direita e um cambiado. Novos passes prepararam o toiro para uma estocada até á empunhadura, dando o diestro as *taboas* e arrancando de largo.

Os Conchas y Sierras cumpriram no geral. Quatro d'elles principalmente deram uma lide magnifica.

Lagartijo-poz mais uma vez em jogo as suas grandes faculdades. Alguns frascuelistas associaram o insigne *diestro* em varios lances da lide. Ninguem se admirou do facto. Era de prever e era fatal.

Os outros *diestros*, se não estiveram á altura do emulo de Frascuelo, trabalharam muito e com vontade. Ouviram muitas palmas, de mistura com assobios.

Os *varilarguceros* tiveram boas varas a par de outras algo nephelibatas. O mesmo se pôde dizer dos peões. Bons e maus pares.

A presidencia andou discretamente e os cafres não berraram muito. O sol derretia-os. Estavam mesmo de cêra.

\*

\*       \*

### EM BADAJOZ

Quando se annuncia que Rafael Guerra, el Emir-al-Kebir-al-Mummerim do toireio moderno, trabalha em qualquer localidade, as respectivas praças enchem-se á cunha, não só com os indigenas, mas tambem com forasteiros de todos os pontos.

E' o grande propheta que leva atraz de si as multidões. Guerrita não só magnetisa os cornu-petos; empolga os amadores, que vêem no notabilissimo espada a ultima palavra da tauromachia.

N'aquella noite, ha dois ou tres annos, marcharam d'aqui para Badajoz algumas centenas de aficionados, que nunca se fartam de presen-

cear a *brega-formidolosa* do mais completo artista, que tem pisado as arenas da península.

Na *gare* do Rocio havia um grande movimento na sexta-feira á noite. Iam sair dois comboyos. A todas as portinholas viam-se caras alegres de amadores, que davam por bem empregadas duas noites em claro. Ninguém dormiu. Todos sabem o que é um comboyo de toirada, repleto de rapazes cheios de vida. Come-se, bebe-se, canta-se, e... toca se. O somno foi escorraçado a golpes de pernas de gallinha, a golladas de vinho, a toques de viola, a cantos dos fados do conde de Vimioso e do conde de Anadia. Após uma viagem alegre, o comboyo deu entrada nas agulhas da estação de Badajoz eram sete e meia horas da manhã. E todas aquellas gentes, uns a pé, outros de tramway, lá marcharam para a cidade hespanhola, em cujo circo, horas depois, se devia proceder á morte de seis toiros de D. Felisberto Mira.

A corrida começou ás tres horas e quarenta minutos. Praça á cunha. Ventarolas e leques refrescavam as caras de milhares de assistentes. Aqui e ali viam-se grandes pontos vermelhos: eram as fardas dos soldados do 16.<sup>o</sup> e 41.<sup>o</sup> regimentos de infantaria da guarnição. O sol caía a prumo sobre o chão do vasto redondel e punha no terreno scintillações abrazadoras. Uma banda regimental, composta de bastantes figuras, tirava dos instrumentos metallicos diversos trechos de musica, para os portuguezes desconhecida. Quando o alcaide deu entrada no seu camarote, ouviu-se o signal para sair o

1.<sup>o</sup> toiro, chamado *Jumero*, negro, listão, *cornicurto*. Saíu a passo, como pessoa que se presa. Chegando ao meio da praça estacou. Desco-

nheceu aquelle meio. E provavelmente pensou: «Parece incrível como se reuniu tanta gente para vêr as minhas prendas!». Pegote e duas reservas achavam-se a postos. *Jumero* recebeu tres varas de *refilon* e a seguir sete. Propinou quatro caídas, matou tres cavallos e feriu outros tantos gravemente. Passando-se ao segundo tercio da lide, Almendro colloca lhe um par bom e meio baixo e Mojino um par desigual. Rafael Guerra, vestido de cinza e oiro, empunha a muleta e executa tres altos, seis com a direita, tres de peito, quatro redondos e tres naturaes, despachando o toiro com uma estocada a *volapiè*. Ovação ao gran-kalifa.

O 2.<sup>o</sup> toiro, que appareceu no *cos*, tinha a alcunha de *Lucerito*, e era negro, bragado e *despitorrado*. Os picadores eram os mesmos. Recebeu cinco varas, sendo tres de *refilon*; levou os cavalleiros tres vezes a terra e mandou d'esta para o diabo tres *jacos* indecentes. O *Lucerito* virava a cara ao sentir o castigo e saltou as *taboas* de *huido*. Primito metteu meio par a *cuarteo*, e um a *sesgo* muito bom, e Antonio Guerra prendeu um par *archi-superior*, de frente. *Torerito*, de verde e oiro, executa seis passes com a direita e tres naturaes, e dá meia estocada, *en su sitio*, boa. O toiro deita-se, levanta-se, e o diestro dá-lhe mais dois com a direita e dois naturaes para outra meia estocada bem assignalada, mas entrando de largo. Alfim, abanica o *Lucerito*, com mais dois passes com a direita, rematando a *faena* com uma estocada *delantera* e *tendida*, entrando com todo o preceito. O toiro cae e o puntilheiro acaba á primeira. Ouvem-se palmas e tambem alguns assobios. Foi verdadeiramente notavel a maneira como Guerrita aju-

dou Torerito na lide d'este cornupeto, que a estas horas não sabe a quantas anda. Triste fado!

Dava pelo nome de *Vinatero*, o 3.<sup>o</sup>, negro, albardado, bragado, listão e *astillado*. Os mesmos picadores. Aguentou quatro *puyas* e como era um bicharoco que se presava, não derrubou nenhum picador, nem quiz que a carne dos *jamelgos* servisse para o bello salame. Os cavallos ficaram tão contentes com a generosidade da rez, que rincharam de contentamento quando entraram nos seus aposentos. Era tão cobarde este toiro, que tomou as varas de fugida, saltando uma vez a barreira. Os *diestros* tentaram parar-lhe os pés, tirando algumas veronicas. O irmão de Torerito adorna-lhe os *rubios* com dois pares bons; o outro bandarilheiro, após duas saídas falsas, aproveita um par regular e um par algo caído. Guerrita tem a seguinte *faena*: quatro naturaes, um de peito, um com a direita para um *volapié*; mais cinco passes e um *pinchazo en hueso*, bom; quatro passes mais e meia estocada, que não resulta; mais um passe e um *volapié* até aos copos, algo *delantero*. O *Vinatero* cae sem auxilio de *puntilha*.

O sr. Mira baptisou com o nome de *Pardito* o 4.<sup>o</sup>, preto, albardado, de hastes regulares e lombardino. Gallos, Beao e uma reserva applicam-lhe sete varas. Em cambio, propinou duas caídas aos dois ultimos, e despachou dois *pen-cos*. Mojino colloca-lhe um e meio pares por duas saídas falsas, e Almendro um par desegual. Torerito executa um natural e quatro com a direita para um *pinchazo* em osso; soffre uma *colada* e sae acossado; tira mais um natural e dois com a direita e de largo dá uma estocada

dianteira e *tendida*. O puntilheiro acaba á segunda.

Era negro, lombardo, com malhas na bragadura e cornicurto o 5.º, conhecido em vida por o *Zancajoso*. Recebeu seis varas, derrubou tres vezes os picadores e matou um cavallo. Foi notavel um quite de Almendro. O cornupeto dá uma focinhada em Primito e atira-o para dentro da trincheira. O excellente bandarilheiro ficou bastante ferido na cara e recebeu um *va-retazo* na perna direita. A caminho de casa ia provavelmente pensando, que debaixo dos pés, ou das mãos se levantam os trabalhos. Os *dies-tros* pegam em bandarilhas. Torerito sae e deixa um grande par cambiando os terrenos. O toiro galga a trincheira. Guerrita, n'uma saída, põe um par colossal. Torerito avança e colloca um par caído, mas entrando como prescrevem os sabios da Escriptura, e o gran-kalifa termina com um par assombroso, que lhe rende estrepitosos applausos. Agarrando na flammula brinda pelo marquez de Jerez de la Frontera e executa a seguinte *faena*: cinco naturaes, um alto, um com a direita, dois de peito, e entra a matar em curto e direito, dando uma esplendida estocada a *volapié* até á empunhadura. Depois, senta-se no estribo, mexe no testuz da rez, arranca-lhe duas bandarilhas e o toiro cae. O marquez de Jerez de la Frontera offerece a Guerrita um alfinete de brilhantes.

O 6.º e ultimo, de nome *Dornillero*, era negro zaino, listão, despitorrado e cornicurto. Começa por dois *marronazos*, tomando em seguida duas varas de *refilon* e oito *puyas* por cinco caídas e tres cavallos mortos. Este toiro, que foi o mais *codicioso* da corrida, é enfeitado com

dois e meio pares de bandarilhas. Torerito dá tres naturaes e tres com a direita e uma estocada *delantera*, que é depois mettida mais para dentro com um capote. O puntilheiro despacha o *Dornillero* á primeira.

Em resumo. Os toiros saíram maus. Eram uns cobardões de marca. Guerrita, muito bem no 1.º; acertado, mas infeliz, no 2.º, e extraordinario no 3.º. Com bandarilhas foi primorosisimo. Torerito, alguma coisa apathico e desconfiado. Pareando, esteve superior. Os bandarilheiros empregaram bons pares. Dos picadores sobresairam Pegote e Gallos. Os outros parece que receberam ordem para deixar matar todos os cavallos que montavam. O melhor era levar-os pela arreata e entregal-os ás hastes dos toiros. Era um processo mais summario. O serviço de cavallos foi mau; o da praça regular. A presidencia dormitou por vezes e não multou um mono sabio, que puntilhou seis vezes um cavallo, que ainda assim ficou com vida. O diabo do homem ou estava doido ou bebedo. Naturalmente ambas as coisas.

\*

\*      \*

### NO CAMPO PEQUENO

Não se encheu a praça do Campo Pequeno, porque a festa no Estoril e as toiradas no Barreiro e Villa Franca chamaram centenas de pessoas. Ainda assim, e apezar de tudo, perto de seis mil espectadores assistiram á corrida. E' escusado dizer, que os camarotes não se enche-

ram e que nas bancadas da sombra e sol havia grandes claros.

A's tres horas da tarde começou o desfilar de trens pela Avenida acima, e as portas de Arroyos e da Estephania a golpharem dezenas de vehiculos de toda a especie, que transportavam amadores de ambos os sexos e de todas as edades, que preferiram vêr o trabalho do Torerito a presenciar as habilidades dos bombeiros de Cascaes. Nas Picôas os trens formavam uma grande cauda. No meio d'elles, via-se a *charrete* d'um regedor muito conhecido em Lisboa. A auctoridade parochial ia muito ancha de si, redeas tezas e pingalim em punho. De repente, quando a *charrete* dava entrada no Campo Pequeno, a par d'um *coupé*, ouviu-se um grito. A *charrete*, por uma manobra qualquer, metteu-se debaixo do *coupé*, ou este foi para cima da *charrete*. A questão é que uma das rodas do pequeno vehiculo desembaraçou se, com o choque, da sua respectiva porca, e rodou por aquelle campo fóra, enquanto o sr. regedor dava um trambulhão de respeito. Mas, manda a verdade que se diga, a *sympathica* auctoridade não se magouou nem recebeu contusão.

Foi tão grande o trambulhão  
Da leve tipoia abaixo,  
E tão pequeno o alejão,  
Que em funda allucinação  
Perco o juizo, a razão  
Procurando a solução  
D'este facto; e, sem laracha,

Acho

Que ou Deus lhe poz a mão por baixo  
Ou então que é de borracha.

Quando um agente policial viu a *charrete* virada, correu sobre o cocheiro do *coupé*, — em cujos assentos interiores se viam um respeitavel cavalheiro e sua esposa — e fel-o parar. O policia queria levar para a esquadra, carro, cavallos e cocheiro, mas alguém objectou-lhe, que tudo aquillo não cabia lá, e que o melhor era tirar apontamentos e proceder com mais vagar. Não sei o que se passou, porque n'este momento corri para a praça, porque ouvi o som desafinado do clarim, que dava signal para as cortezias, que foram irreprehensivelmente feitas por D. José Manuel da Cunha e Menezes, Jorge Rebello da Silva, Manuel Casimiro e Fernando de Oliveira.

O 1.º toiro, que pisou o chão do *redondel*, era preto, listão e possuidor d'uns bons appendices corneos. Era gordo, bem posto e um perfeito clown. Depois de receber uns cinco ferros, bons, de D. José Manuel, saltou umas poucas de vezes a barreira. Aquillo era vontade de se metter outra vez na mofina gaiola.

Ou então era vontade  
 De se ver livre das farpas,  
 Agudas como as escarpas  
 D'uma aguda serrania,  
 Mordentes como besoiros,  
 Ou então vontade tinha  
 De, livrando a sua pelle,  
 Ir sentar-se á vontadinha  
 No amphitheatro, onde havia  
 Alguns toiros  
 Bem mais toiros do que elle.

Foi para João Roberto e João Calabaça o

2.º, negro, listão e bem armado. Calabaua não aproveitou a sorte á gaiola, mas desforrou-se com dois pares, *cuarteando*. João Roberto collocou dois pares. Apoz seis *capotazos* de Torerito, foi bem pegado de frente.

Preto, bragado, abarbellado e um pouco caldeiro era o 3.º, que pertenceu a Jorge Rebello da Silva, que o enfeitou com quatro ferros largos.

Recolhido este saiu o 4.º, preto e de hastes regulares. Antonio Perestrello esperou-o bem á gaiola, deixando-lhe nos *rubios* um grande par. Seguidamente, enfeitou-lhe o *morrillo* com tres e meio pares, soberbos. Torerito pegou na *mula*, e, dançando, fez onze passes, simulando mal a estocada. O forcado pegou n'este toiro com tal gana, que um e outro vergaram e foram-se a terra.

Tão eguaes, tão parecidos,  
Tão robustinhos e são,  
Abraçados, pareciam,  
Salvo seja, dois irmãos.

Largaram a Torerito o 5.º, negro, abarbellado, de cornea curta. Torerito, magestoso e sereno, sentou-se *en la silla* e esperou o *mallesso*, que recebeu um par desigual. O *espada* metteu um par *al cuarteo*, mas, quando tentava collocar o segundo, foi colhido, felizmente sem consequencias. Levantou-se, e, continuando a dançar, executou meia duzia de passes.

Coube a Fernando de Oliveira o 6.º, que foi enfeitado, em differentes sortes, com quatro ferros largos e quatro curtos. Applausos.

Era preto, lombardo e de cornea aberta o 7.º,

que foi destinado a Manuel Casimiro, que não aproveitou a sorte á gaiola. Montado no *Camões* castigou o boi com tres ferros á meia volta, e cavalgando o *Mazzantini* collocou no tunante um par de bandarilhas e dois ferros curtos á garupa

Minuto e José Bejarano tiveram de ajustar contas com o 8.º, preto, listão e de armas regulares. Minuto poz dois pares: um á gaiola e outro a *cuarteo*, e Bejarano dois pares. Este artista desmanchou-se um pouco no segundo par. Tentaram-n'o pegar de cernelha, mas o bruto a nada se movia. Era tão caldeirão, que não entrou com o capote. Como se vê, um bacharel formado em symbolos adulterinos.

Raphael Peixinho foi para a gaiola esperar o 9.º, negro, de corna alta, e tão feio como o gallego que costuma estar ali á esquina, das onze ás quatro da tarde. E' para se parecer com os empregados publicos, diz o honrado cidadão de Tuy a quem lhe quer ouvir as asneiras e a lingua de trapos. Raphael, além d'um par na sorte de gaiola, brindou-o com mais dois pares. Theodoro Gonçalves deixou-lhe no sitio competente dois e meio pares. Passado de *muleta* por Torerito, que simulou mal a sorte de morte, foi pegado valentemente, de cara. O forçado aguentou-se com alma nos derrotes. Valente *chico!* Olha com meiguice para alguns espectadores, mas ninguem lhe dá uma cedulasinha. Podera! No dia vinte e cinco ficou tudo a vêr navios. Os senhorios esses viram vapores. Juro que não eram de alcool.

O 10.º não vi, porque fui beber uma cerveja ao *buffete* da praça. Disseram-me que nada perdi, porque o patife era de se lhe tirar o chapéu.

No 11.º Manuel Casimiro conduziu-se bem. O bicharoco, que era preto, lombardo e algo caldeiro, deixou que lhe mettessem no cachaço quatro ferros, sendo dois largos e dois curtos. Torerito chamou o á falla e passou lhe seis vezes por diante dos olhos o encarnado trapo. A *muleta* devia ter 1:001 nodoas. Diz o R. Duff:

— Aquelle trapo está a pedir sulphato de cobre.

Sorrisos discretos de alguns droguistas. Os forcados esfalfaram-se, mas não o puderam pegar. Um bom sangue, não ha que vêr.

O 12.º... Fica para outra vez, porque quando me preparava para fazer os meus apontamentos o Judice da Costa pôz-me um pé em cima d'um callo, e eu com a dôr deixei cair o lapis, o papel e inclusivamente um charutinho de vinte cinco réis, que estava saboreando.

Exceptuando quatro toiros, que deram um jogo rasoavel, os outros eram uns podões, que de toiros só tinham os nomes. D. José Manuel, Antonio Perestrello, Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro trabalharam brilhantemente. Os outros não fizeram má figura.

A direcção da corrida acertada quasi sempre; vacillante em alguns pontos, mas poucos. Aquelle logar tem umas arestas difficeis de desbastar. A philarmonica, ou coisa que o valha, estava muito reduzida. Doze figuras, se tanto. Doze apóstolos... de *fungagá*, é claro. E' que a empreza exploradora gosta de pouco barulho. A apostar que gosta mais de massa? Não d'aquella que se engole ao jantar.

\*

Quando Torerito passava um toiro de *muleta*,  
alguem disse para o *espada* :

— Dá uma estocada no intelligente.

O Botas torna se amarello, volta-se para o sitio d'onde saíra a piada e com voz forte retruca :

— No teu pae, no teu pae !

\*

Uma Magdalena, ao vêr o 7.<sup>o</sup> toiro, disse para uma companheira de pandegas noctivagas :

— Ah! Ismenia, que toiro tão bonito e tão bem posto ! Dá vontade de lhe plantar na testa magestosa um osculo de amor.

A outra franze as commissuras dos labios e grunhe para o lado, para um individuo de oculos, que as tinha levado á corrida :

— Esta Felismina ha de sêr sempre assim. Tem o gosto tão estragado !

O homem dos oculos faz beicinho e aconselha :

— Não digam disparates, que alguem pôde ouvir. Não quero que digam, que somos pessoas de *cacaracá*.

\*

Um dos toiros, ao saltar junto do toiril, ficou com a mão direita entalada na frincha da porta. Coitadinho ! ouviu-se de todos os lados. Vê-se um bombeiro de machado em punho correr para o local do sinistro e . . . dar cabo da porta. O boi lá se desenvencilhou da prisão e seguiu viagem para o curral. Uma mulher d'um embarcadiço, ao presenciar um caso tão estupendo,

casalhou a seguinte sandice: «Pobre bicho, por um pouco que não vae ao fundo por estibordo. Se não fosse o bombeiro tinha ido para os péixinhos».

\*

\*

\*

## NO BARREIRO

Dia triste. As nuvens prenes de fortes aguaceiros; mas os *aficionados* não recuaram um passo, e lá foram, uns de *malvas* e outros de casacos de borracha, assistir á corrida.

O vapor, que saiu ás duas horas, ia abarro-tado. O que largou dez minutos depois tambem foi cheio.

Gente animada, anciosa por ver as prendas dos cornupetos do Ferreira Jordão. N'um grupo fallava-se de amor; mais além, dois nephelibatas discutiam a reforma do general Malaquias de Sá, e uns caturras, que iam á prôa, e que na estação tinham andado de Herodes para Pilatos, por causa do carimbo nos bilhetés, asseveravam, *escarnados*, que o serviço do caminho de ferro do sul era muito moroso; que pegavam por qualquer ninharia. Um dos do grupo esclareceu, que aquella linha ferrea marchava a passo de boi, emquanto que a do norte e leste se movia a passo de toiro. O conselheiro Acacio não diria melhor.

Quando chegámos ao Barreiro, ainda a machina *Loulé*, que tinha arrastado dezesete carruagens com *gentes* de Setubal, de Palmella e da Moita, resfolegava como se tivesse lá nas entranhas um vulcão!

Pela comprida rua, que vae da estação á praça, centenares de machos e femeas marchavam açodados, de nariz no ar, e procurando nas albigueiras o bilhete dos toiros. Lá ao fim cortavam á esquerda, e, enterrando os pés na areia, davam a breve trecho entrada no circo taurino barreirense, que por um pouco não é beijado pelas aguas do rio. Visto de longe, o circo, parece mesmo que está á beira-mar plantado. E' para um dia servir de delegação da alfandega, quando acabarem os toiros.

Nas bancadas do sol os *setuvelões*, os *palmelões*, os da Moita e de Alhos Vedros; na sombra, a rapaziada do *Turf*, do Marrare e do ministerio da fazenda, que é a secretaria de estado que conta mais amadores. Aqui e ali caras conhecidas: o Alfredo Tinoco, o José Bento, o Manuel Casimiro, e outros preclaros varões. De espaço a espaço uma senhora.

Depois de comprimentar os amigos e de tirar o chapéu reverentemente a um capitão reformado, que esteve para ser meu sogro, sentei-me ao pé d'uma *aficionada*, para a abrigar, com o meu para-chuva, de algum aguaceiro impertinente. No fim da corrida, perguntando-lhe eu as suas impressões, disse-me pouco mais ou menos o seguinte:

— A minha opinião é esta. Tenho assistido a corridas muito melhores, com cavalleiros consummados, com bandarilheiros de primeira ordem, com matadores insignes e com toiros de *ganaderos* de grande reputação; mas tambem tenho presenciado muito peor do que isto. Foi uma toirada regular. Eu esperava, attendendo ao tempo, que o gado estivesse mais magro, e, por consequencia, mais fraco. Olhe, o 1.º toiro

era um animal bravo e voluntario ao cavallo ; o 6.º, por exemplo, era um bom toiro, que não foi aproveitado como devia ser. Em summa, houve algumas rezes boas. Gostei immenso do trabalho do Fernando de Oliveira. Farpeou o seu primeiro toiro com arte e galhardia. Primoroso! No 2.º, que, como o senhor viu, era tunante formado em todas as faculdades, teve uma lide de mestre. Obrigar a marrar um calmeirão d'aquelles, só o pôde fazer um grande artista. O seu primeiro cavallo é um lindo animal. Não conheço nada mais docil do que aquillo. E' um toireiro. O segundo não é nada mau. Precisa, no entanto, mais lições. A cabeça está fóra do seu lugar ; olha ainda muito para os camarotes. O João Gagliardi deve pô-lo na afinação.

A gentil *aficionada*, após um momento de pausa, continuou :

— Adelino Raposo é valente, é corajoso, não conhece o medo, é modesto, é sympathico, mas necessita afinar o seu toireio. Teve dois ferros curtos de valor, é certo ; porém nos compridos não me agradou tanto. Aconselhe-o ; diga-lhe a verdade sem refulhos. Os amigos ás vezes é que perdem os artistas. Dizem-lhes tanta coisa, que elles, ás duas por tres, já se julgam um conde de Vimioso ou um Manuel Mourisca.

Nova pausa. A minha formosa collaboradora pára a perguntar-me se quero que prosiga. Respondendo-lhe affirmativamente, diz ella :

— O *trasteo* de muleta e de capote de Conejito não me agradou. No entanto, gostei dos pares de *rehiletos* do seu bandarilheiro. Dos nossos artistas, Theodoro Gonçalves collocou bem tres pares ; Jorge Cadete metteu dois bellos pares, e Minuto embebeu no *morrillo* do quadru-

pede alguns ferros de merecimento. Quanto ao amador Salgado, não gostei hoje d'elle. Apanhando um dos melhores toiros do curro, não se salientou como podia e devia. Foi timorato e precipitado. Entrava em sorte quando não devia entrar; e deixou perder sortes por abuso de precauções. Como o senhor viu, um dos grupos dos forcados esteve infelicissimo; o outro portou-se bem. Parece-me que é de Palmella. Aquella primeira pega de cara foi archi-superior. E' uma das melhores que tenho visto. Que alma... e que pulso! Valente homem! E' pena ser tão feio. Se fosse bonito, tinha conquistado mais d'um coração. Finalmente a direcção da corrida, confiada a Jayme Henriques, não podia ser melhor, e a philarmonica de Alhos Vedros fartou se de desafinar.

Ao dizer isto, a amavel *aficionada* deu entrada no vapor, dirigindo-se immediatamente para a camara, para repousar um pouco. Eu fiquei em cima, a fallar com alguns amigos. Discutia-se acaloradamente. Fallava-se de toiros, de cavallos de combate e da reforma do general Malaquias de Sá. Encostei-me á amurada, e enquanto o vapor, cheio como um ovo (ou um odre), rasgava as aguas, e eu via desaparecer, a pouco e pouco, a praça de toiros, onde, minutos antes, se tinha verificado um dos espectaculos, que mais emocionam a alma dos peninsulares, um amigo dizia-me com a voz tremula:

— Olha que o vapor traz duzentas pessoas a mais. Se ha uma pequena desordem, muita gente cae ao mar; se a machina tem o mais pequeno desarranjo, vamos todos para o charco. Isto é uma grande pouca vergonha. Receber gente a mais da lotação, é uma patifaria.

Disse e repetiu isto umas poucas de vezes, mas eu pouca attenção lhe dava. Estava pensando n'um caso bizarro e estranho. Quando Fernando de Oliveira embebeu o ferro no cachoço do seu segundo toiro, o tal macacão, eu vi distinctamente o animal menear tristemente a cabeça, como quem pede compaixão, e uma lagrima cair-lhe dos olhos grandes e doces. Naturalmente, lembrava-se das noites de luar, nas lezirias, em companhia de algum ente querido...



### EM ALGÉS

Não se encheu n'esse dia a praça de Algés. O publico concorreu na percentagem, talvez, de 75,5 por cento. Se não estiver certo, mandem a rectificação. E' um caso, que, no futuro, pôde dar de si.

Aqui ha tempos um pandego metteu hombros á empreza e começou a contar; mas, quando operava no sector n.º 7, começaram ali a jogar a pancadaria e o homem perdeu o fio á meada. Ainda assim chegou ao numero 3:967. Elle ha cada maduro por esse mundo!

E foi pena não se encher á cunha, como era de prever e era mister, para satisfação plena do cavalleiro Fernando de Oliveira, o *enfant gaté* dos Montecchios e das Montecchias, que n'essa tarde apresentou uma casaca riquissima, a qual fez abrir desmesuradamente os olhos lindos de algumas gentis Capulettas (oh! infidelidade) e de alguns agiotas, que nunca apanharam coisas tão

bonitas nas prateleiras sujas das suas sujissimas casas de prego.

A arraia miuda distribuiu-se pelas outras corridas, pela feira de Belem e pelas hortas dos arredores de Lisboa, onde apanhou carraspanas tremebundas, que fizeram oscillar o madeiramento dos seus modestos domicilios. Algumas costellas femininas tambem adornaram por estibordo e bombordo. Por este enunciado se vê, ricos filhos, que a cafraria jámais acabará!

No sabbado á noite rosnava-se, que succederiam coisas espantosas; que a policia seria reforçada; que um grupo de Alcantara e outro de Bemfica viriam ás mãos; que se assistiria, finalmente, a uma batalha dura e encarnçada, em que serviriam de projectis grossos bengalões, bojudas garrafas, e apostrophes zolistas, que fariam fugir das arvores, que circundam o circo taurino, a pardalada espavorida.

Felizmente, os grupos rivaes não se bateram. As durindanas não saíram das bainhas. Em compensação, as linguas ficaram escalavradas e algumas solas pedindo em agudos guinchos reforma no sapateiro.

Que delirio, e que pandega!

E assim é, e assim continuará a ser, emquanto o sol dardejar cá para baixo os seus raios ardentes, e a lua fôr a confidente de ternos arrulhos nas varandas amplas de alguns casinos de praias balneares.

De Almeirim procediam os doze cornupetos lidados. Deixaram de bom grado a vastidão dos seus campos, onde impera a paz e harmonia, para virem a outro campo mais restricto deliciar com os seus rapidos e elegantes meneios os amadores de tão emocionante passa-tempo.

E como vinham de bom grado, de boa vontade se desempenharam do encargo.

Foi pena os dois toiritos, que largaram a Fernando de Oliveira, não serem para lide de pé. Se fossem bandarilhados teriam cumprido.

Entre o curro havia toiros bravissimos e de tal pureza, que fizeram marejar os olhos d'uma peccadora, outr'ora estrella de primeira grandeza e hoje — cruel destino! — em caminho do seu ocaso.

Os meus parabens (lá está um cafresito a sorrir-se) ao conde de Sobral por ter mandado a Algés um currosito tão catita.

Dizer que Alfredo Tinoco, o elegantissimo toireiro, farpeou brilhantemente o 1.º toiro; relatar que José Bento de Araujo, impavido e valente como sempre, collocou ferros de castigo em sortes lindamente rematadas; referir que Manuel Casimiro metteu bons ferros, tendo duas saídas falsas primorosas; noticiar que Fernando de Oliveira obrigou a marrar os seus toiros, entrando e saindo das sortes com todo o preceito, é dizer a verdade. Todos elles foram applaudidos com enthusiasmo. São mestres consumados na sua arte.

O espada Fabrilo agradou-me em bandarilhas e com o capote. Com a muleta deixou a desejar. Seu irmão é um bom peão; pareou e correu os toiros como deseja o José Pinto de Campos nos seus livros. E' parecidissimo com o mano.

Pescadero collocou um ferro em sorte de gaiola e mais não disse. Está muito pesadote, segundo a opinião d'um Anacleto, que no intervalo passou do sol para a sombra!

Pechuga, que, com as fitas da montera ata-

das, dá-me ares de toireiro de operetta, pouco fez.

Theodoro e Cadete trabalharam com luzimento, e os forcados houveram-se com valentia, fazendo boas pegas.

\*

Só um dos toiros saltou a trincheira.

Ha muita gente que gosta que os toiros saltem para lhes darem bengaladas e arrancarem as farpas; mas estas mesmas almas ficam muito *escamadas*, quando os animaes lhes dão a sua beijoca, deixando-lhes a camisa ou o collete sujeitos de saliva cornupeta. Com as mulheres succede o mesmo. Ha algumas, que arredam com as mãosinhas, dando ao mesmo tempo um gritinho, as amabilidades corneas.

\*

A' saída dos toiros, todos os carros estavam voltados para a banda de Cascaes.

Calino pergunta ao compadre, que o acompanhava, se Lisboa se tinha mudado para Caxias.

— Como não pagava a renda da casa, esclarece o supradito compadre, o senhorio pôl-a na rua e a pobresita não teve remedio senão mudar de freguezia!

E Calino começa a andar por ali fóra e deu fundo no Dáfundo, onde apanhou uma carraspana mestra. No dia immediato ainda andava aos bordos e foi visto nos restaurants da Baixa a tomar canjas e capilés! E foi capaz de dizer á familia que gosou muito!

\*

Um dos cornupetos (?) tinha um olhar muito doce. De vez em quando meneava a cabeça, erguia os olhos para o sector n.º 1 e parecia que olhava para uma determinada pessoa, que, por seu turno, ficava vermelha como um pimentão. Simples coincidência!

Outro, d'uma das vezes que saltou as taboas, caiu de costas, ente rando fundamente as bandarilhas pela carne dentro. O animal mugiu dolorosamente e nos seus grandes olhos mostrou a dôr que sentia. Houve alguém que viu n'esta ocasião as faces d'uma elegante rapariga humedecidas por duas grossas lagrimas. Ainda ha corações sensiveis, e que choram pelas desgraças alheias!

\*

\*

\*

## EM SANTAREM

O promettido é devido. Foi por causa d'esta maxima popular, que não pude ver mais uma vez a *faena* de Guerrita, o portentoso artista.

Havia dois mezes que fomos convidados, eu e o Fernando de Oliveira, para padrinhos d'um casamento em Santarem, que effectivamente se realisou no dia da toirada, pelas nove horas da manhã. Ainda cheguei a vir á Ribeira para ver se apanhava o comboyo, mas quando entrei na estação já elle tinha abalado. Questão d'um minuto, porque ainda lobriguei, n'uma curva, o fumo da locomotiva. Fiquei desesperado, porque era o

ultimo comboyo em que eu poderia chegar a tempo a Lisboa. Como não podia ver o *monstruo* da tauromachia, regresssei á antiga Scalabis, a fim de presenciar as manhas dos monstrositos da senhora condessa da Junqueira.

\*

Santarem estava em festa. Gentes de Almeirim, do Cartaxo e de outros pontos enxa-meavam pelas ruas da velha cidade. Devotos da Virgem enchiam as egrejas e amantes de Baccho pejavam as tabernas. Cada um come do que gosta. Já meu bisavó dizia o mesmo.

Dia esplendido. Desde o passeio da Rainha até ás portas do Sol, ranchos de moçoilas, vestidas garridamente, e grupos de aldeões, de barretes verdes e varapau em punho, riam e folgavam n'uma alegria de gente que se sente bem disposta, que tem a consciencia tranquilla.

No vasto campo da feira centenas de bons exemplares de gado vaccum e cavallar estavam em exposição, aguardando compradores. Dê vez em quando a larga area era atravessada, a meio trote, a trote, e a toda a brida, por eguas e poldros, para experiencia dos que desejavam adquiril-os.

Pelas quatro horas começaram a apparecer nas ruas umas carinhas bonitas. Eram senhoras e meninas da primeira sociedade e da burguezia, que se dirigiam para a praça de toiros. Os homens da feira tratavam apressadamente de concluir os seus negocios para irem ver os dez Junqueiras, dos quaes se contavam maravilhas.

Quando entrei na praça, cuja arena podia ser maior, quasi todos os assentos estavam to-

mados. Dez minutos depois estava tudo cheio. O sol regorgitava. A sombra, cheia. Meia duzia de pessoas de Lisboa, se tanto. Estas, naturalmente, tiveram tambem casamento, ou baptisado em Santarem.

Nos camarotes os taes rostositos tentadores. Na tribuna da auctoridade estavam o administrador do concelho e o commissario de policia. Depois d'umas ordens e contra-ordens deu-se começo ao espectaculo.

\*

O cavalleiro era Fernando de Oliveira. Como bandarilheiros tinhamos Theodoro Gonçalves, José Martins, José dos Santos, João Roberto e Roberto Junior. O grupo de forcados compunha-se de amadores, e o intelligente era o Cruz, que cada vez está mais gordo.

O gado, como acima já disse, pertencia á senhora condessa da Junqueira. Sua ex.<sup>a</sup> nunca teve pretensões de ser *ganadera*, e por isso não pôde apresentar toiros bons. Cede os que tem generosamente e não se lhe pôde exigir mais. Se houve alguém culpado da toirada não ser boa não foi aquella titular.

Por esta especie de exordio os senhores estão a dizer de si para si, que os toiros saíram maus. E assim foi. Eram dez Junqueiras detestaveis. Havia alguns, que nem sabiam saltar a trincheira. Uns perfeitos bois ratinhos. Alguns cafres, ou Anacletos, como quizerem, acharam-n'os uns ricos toiros. Estes Anacletos são dos taes, que mandam pegar de cara um boi gaiolo!

Sendo os toiros assim, avalia-se facilmente o

trabalho que tiveram os lidadores para fazer alguma coisa.

Fernando de Oliveira demonstrou mais uma vez as suas magnificas qualidades de equitador e de toireiro. Farpeou tres toiros com a arte, a serenidade, a intelligencia e o vigor, que o carecterisa. A sua lide no primeiro e terceiro foi realmente brilhante, e digna das ovações que lhe fizeram. Se não luziu tanto no segundo, a culpa não foi do *enfant cheri* dos santarenos e (santarenas), mas do *reles buey*, cujo sangue daria cabo de qualquer phtysico a quem o medico receitasse tal liquido.

Os bandarilheiros, bem ou mal, lá metteram alguns ferros no *morillo* e no pescoço dos desasados quadrupedes. Com a *muleta* será escusado dizer, que nenhum d'elles tomou nada. José Martins e João Roberto foram *homicados* por um dos badanos cornudos. Tenham paciencia, que é boa para a vista. Gostei de ver os bandarilheiros amadores, Alexandre Caldas e Henrique Salles, que collocaram alguns pares artisticamente, ouvindo muitas palmas. Teem habilitade os dois mancebos.

Os forcados fizeram algumas pegas boas. Se alguns dos destemidos rapazes foram enxovalhados, deve-se o precalço á má qualidade das rezes e ás ajudas não sempre muito opportunas, como era mister. Ao grupo foram offerecidos lindos ramos de flores.

A direcção, confiada ao sr. Cruz, foi muito boa.

\*

Duas excellentes bandas de musica deliciaram os ouvidos dos ribatejanos. Tocaram bem; o mesmo não se pôde dizer do cornetim, que parecia estar com uma angina.

\*

Quando o Cruz mandou pegar de cara um toiro, que tinha entrado bem com o capote, quasi toda a parte *macha* da assembléa rompeu n'uma furiosa berrata: que não, que o toiro não devia ser pegado. Mas o Cruz, no que andou muitissimo bem, não revogou a ordem e obrigou os forcados a irem para a cabeça do chavelhudo, que se prestou a uma pega regular. Viu-se então um caso nephelibata. Os mesmos, que tinham berrado e apostrophado o director da corrida, desataram a dar palmas como uns damnados. Ora vão lá entender estes cafres. E o Cruz a sorrir-se intimamente dos conspicios vatuas!

\*

A' saída da toirada, uma vacca escapuliu-se da feira e veiu por ali fóra em correria doida. A balburdia, que se produziu, foi enorme. Tudo começou a fugir desordenadamente, caindo uns por cima dos outros, n'uma berrata de ensurdecer.

Uma onda de homens e mulheres invadiu o hotel Boa Vista, caindo na escada de pedra algumas pessoas, que se feriram levemente. Houve alguns cheliques e uma mulher chorava

em alta grita, que não sabia d'um filhito de 6 annos.

A vacca foi agarrada por uns homens do povo e reconduzida á feira. Pouco a pouco os animos foram serenando. Na refrega, o Cruz, que é muito pesado e estava á porta do hotel, viu-se em palpos de aranha quando sentiu aquella massa humana a empurrar-o. Um homem perdeu o chapéu; alguns vestidos ficaram rasgados, um influente eleitoral ficou com as abas da *labita* em estilhas, e o Luiz Gama perdeu a bengala. Um chinfrim medonho, por causa d'uma vacca. E' verdade que alguém largou a ballela, de que eram dois toiros, que tinham fugido da praça.

\*

A' noite, no passeio da Rainha, reuniu-se tudo quanto Santarem tem de mais distincto. Estava uma noite deliciosa. Ranchos de senhoras, algumas formosas, outras formosissimas, enchiam a rua central do pittoresco recinto. Nas ruas latteraes algumas mais scismadoras, sentadas em bancos, prestavam attenção á musica, e outras, as mais poeticas, escutavam ardentes madrigaes, emquanto, no coreto, a banda de Benavente executava magistralmente alguns trechos da *Carmen* e de outras operas.

E eu, quando me disseram — meia noite e vinte minutos — que eram horas do comboy, fiquei triste, a meu pesar, e com pena de deixar aquelle jardim, onde havia um ar tão fino, impregnado dos aromas das flores e dos perfumes caros de mulheres encantadoras. Durante o trajecto, com os olhos cerrados, semi-deitado

n'um dos bancos do comboyo, os meus ouvidos ainda escutavam a musica deliciosa da *Carmen* e o meu pensamento estava junto d'um banco do passeio da Rainha, onde uma morenita formosissima despedia clarões dos seus olhos negros, quando os instrumentos executavam o *refrain* da *habanera*, cuja lettra é a seguinte:

L'amour est un enfant de Bohême  
 Qui n'a jamais connu des lois.  
 Si tu ne m'aime pas, je t'aime,  
 Et si je t'aime, prends garde à toit !

Quando cheguei á gare do Rocio eram 5 horas da manhã. Ao entrar na cidade tudo me pareceu pesado, monotono, comparativamente com o passeio da Rainha e a morenita, que despedia clarões dos seus olhos avelludados ..

\*

\*

\*

#### NO CAMPO PEQUENO

Na vespera, á uma e meia da noite. Eu e o guarda nocturno d'uma rua onde morei ha annos.

— Então, o que lhe parece?

— Hum! Já esteve peor do que está. O do n.º 26, 3.º andar, já saiu; o do 37, 4.º, ainda não entrou; a cabrita do 58, 3.º, continúa na mesma...

— Homem, não é isso o que lhe pergunto. Não quero saber das vidas alheias. Desejo que me diga se chove amanhã.

O homemsinho tomou *pose*, collocou bem a lanterna na barriga, olhou para as astros e disse:

— O tempo, até volta das tres horas, estará um pouco esquisito, mas depois ha de aclarar e o resto da tarde apparecerá delicioso.

Despedi-me do Bandarra nocturno e fui-me deitar.

O homem acertou. Ao começar a corrida o sol principiou a sorrir, aquecendo ao mesmo tempo a pelle dos espectadores, que saíram algo murchos da toirada, que não foi das melhores que se tem visto.

As cortezias, executadas pelos cavalleiros Manuel Mourisca e Fernando Ricardo Pereira foram um pouco nephelbatas.

Chegavam suas magestades ao camarote real, quando novamente deram entrada na arena os mesmos cavalleiros Mourisca e Ricardo Pereira, a fim do primeiro dar a alternativa ao segundo.

Após um pequeno discurso, que não se ouviu, o Mestre passou o ferro a Ricardo, o qual se poz em posição. Ainda o homem do cornetim tomava folego, já se via na arena:

O 1.<sup>o</sup> toiro, caraça, aberto de *pitones*, listão e de muito pé. Recebeu de Fernando Pereira um ferro á gaiola e em seguida sete ferros largos e um curto em differentes sortes. Applausos.

Saiu do curral, sem ver o artista, o 2.<sup>o</sup>, preto, e de paus pequenos. Calabça ferrou-lhe um bom par e Raphael um, tambem bom. O bruto

deu tamanha pancada nas taboas, que se desembolou d'uma das agulhas. Os Anacletos berram desesperadamente, que o boi está desembolado, e Manuel Bottas manda tocar. João Calabaça ainda colloca um par e o mesmo quer fazer Raphael, mas não pôde satisfazer a vontadinha, porque o animalejo, que por signal era bonito, tratou de se raspar lá para dentro. Ao pé dos companheiros estava melhor.

Era manso como um cordeiro, e berrendo em preto, rabalvo e mal armado, o 3.<sup>o</sup>. Minuto, á gaiola, deixou-lhe um grande par e em seguida um á meia volta. O bandarilheiro de Torerito plantou um a *toro parado*. Tambem só assim. Ouvem-se algumas piadas ao lavrador, que se torna vermelho como um pimentão. Outros fazem-se pallidos, e ainda ha outros a quem nada faz mozza. Questão de temperamento.

Custou a sair o *demo* do 4.<sup>o</sup>, um bicho dotado de mansidão inverosimil. Uns dizem que a rez estava a dormir a somno solto; outros asseveram que era uma questão de portas ou de cordas. Em quanto se tratava de fazer apparecer o reles cornupeto, o publico do sol entreteve-se a pedir que Cadete, que se achava no sector n.<sup>o</sup> 1, descesse para bandarilhar, mas Jorge fez ouvidos de mercador, no que andou muito bem. Theodoro Gonçalves e João Roberto inutilisaram um par cada um.

Recolhido este, sae o 5.<sup>o</sup>, preto, mal armado, de muitas arrobas e um macacão de respeito. Mourisca fez a sorte de gaiola, tendo o cavallo beijado. Depois enfeitou o cachaço do tunante com quatro ferros largos, como Deus manda. O macaco entrou no toiril sem auxilio de cabrestos.

Negro como uma amora e gaiolo era o 6.º, que foi bandarilhado pelo espada. Torerito collocou meio par á gaiola e tres pares a *cuarteo*, bonissimos. Pegando no capote fez cinco veronicas. *Cambiando* o *percal* pela *muleta*, brinda pelas *buenas niñas* (maganão) e pelos *buenos aficionados* (espertalhão), executando, após o curto discurso, alguns passes muito dançados, dando por terminada a *faena* com uma boa estocada. O toiro, que era duro de cabeça, atirou fóra dois forcados. O terceiro, mais feliz ou mais valente, lá lhe ficou entre os paus.

Intervallo. Saem alguns pandegos. Vão refrescar as guellas. A maioria fica a ouvir um fadinho, deliciosamente tocado pela banda da guarda municipal. Já se achava no redondel o 7.º, quando retomaram o seu logar alguns retardatarios, que se tinham demorado a *decilitrar*. Devia haver uma campainha, como nos theatros. A despeza é pequena e a conveniencia de tal melhoramento salta aos olhos.

Mourisca, á gaiola, deixou um esplendido ferro, e em cinco minutos enfeitou o *morrillo* da rez com sete ferros largos. Apontou muito bem um par de curtos, que não ficaram. E' porque n'aquelle sitio a pelle do boi era mais dura do que a pedra. Talvez callo da canga, salvo seja. Tomára eu um conto de réis por cada toiro, que anda ao trabalho! E fazem um serviço magnifico. Mas ás vezes fartam-se de escangalhar cangas e arados. São uns animaes, que se revoltam contra tudo e contra todos. A delicadeza chegou ali e parou.

Não desgostei do 8.º, preto, e que me pareceu bom moço. Foi para Raphael e João Roberto. O primeiro *chico* metteu meio par á gaiola e

*cuarteou* um bom par; o segundo aproveitou tres pares, que não alegraram ninguém. Calabauça, que quiz tambem molhar a sua sopa, espetou um par. Torerito alanceia de capote. Um forcado, que tenta pegar de costas, vae de peitos ao chão. O outro, que pegou de frente, fechou-se bem com o toirito. Por onde se prova, que o trabalho de frente é menos perigoso e de mais seguro effeito.

Era para Theodoro e Miuto o 9.º, preto, listão e cornialto. Quando os dois muchachos se aprestavam para a lucta, a maioria do publico pede Cadete em alta grita. Theodoro collocou um par magistral, Miuto meio bom e o bandarilheiro de Torerito um rasoável. A gritaria recrudescce. O sol, inflammado, e uma parte da sombra, pedem Cadete em grande gritaria. Este desce do seu logar, mas uma parte da sombra protesta e obriga Jorge a retomar a sua almofada. N'esta occasião o penante do Bottas oscillava na cabeça do sympathico director de corridas. Serenado o tumulto, Theodoro tira algumas veronicas, que lhe valeram muitas palmas. Um sujeito, que se sentava na contra-barreira, disse:

— Hoje houve duas manifestações: uma a Elias Garcia e outra a Jorge Cadete; mas na ultima houve contra-manifestação e a minoria venceu a maioria.

Para Fernando Ricardo foi o 10.º, que foi castigado com sete ferros largos, sendo um na sorte de gaiola. Ricardo foi muito festejado pelos seus amigos e admiradores, que lhe offereceram algumas corôas e outros brindes. Piada d'um ratão:

— A este offereceram tanta coisa e a Mourisca nem uma rosa murcha!

Esclarece um amigo do citado ratão:

— Isto é da praxe; quando um artista toma a alternativa, recebe sempre presentes mais ou menos valiosos.

O 11.º e ultimo foi para os debutantes Carlos Felix, de Setubal, e Homem de tal, da Barquinha.

O 12.º não foi lidado, porque de manhã partiu um dos paus.

\*

Quando o Homem, da Barquinha, foi para a gaiola esperar a investida do toiro, gritou dos sectores da banda do Lumiar um sujeito :

— Que lindos olhos tem o mocho!

O Homem, da Barquinha, estremece e perde a côr. Por pouco não cae. E' porque elle imaginava, como uma vez succedeu em Alcantara, que aquillo tudo desandava á bordoadá. Felizmente não houve mortos nem feridos. O Homem, da Barquinha, não viu correrias de gentes de armas, mas viu-se azul com um bicho armado. O excellente rapaz lá collocou no toiro alguns ferritos. O mesmo aconteceu a Carlos Felix, que estava muito impressionado.

\*

Resumo. Sete toiros maus e quatro rasoaveis. Manuel Mourisca bem, principalmente no seu segundo toiro. Fernando Ricardo Pereira, que ainda precisa estudar, esteve feliz, sobretudo na segunda parte. A gente não nasce feita. Tambem eu, quando vim á luz do dia, não sabia o que sei hoje. Tempo e estudo é o que se requer.

Desejamos vel-o mais alegre e mais desempenhado. Nada de tristezas.

Torerito, bem em bandarilhas e com o capote. Na *muleta* deixou a desejar. Muito trabalhador e muito modesto. O seu bandarilheiro não é nenhuma notabilidade. Theodoro, valente e fazendo coisas bonitas. Minuto teve bons pares de ferros. Calabaça e Raphael houveram-se bem. João Roberto parece às vezes uma alma penada. Nunca ha de perder a maldita mania de deixar o capote na praça quando toma o *olivo*. Quanto a Carlos Felix e ao Homem, da Barquinha, pouco fizeram. Não admira; era a primeira vez que pisavam o chão da praça da capital.

\*

A' saída abordei a conhecida amadora, que eu encontrei na toirada do Barreiro, e que me deu a sua opinião sobre a corrida, como então contei. Perguntei-lhe o que pensava da toirada a que acabavamos de assistir.

— Olhe, meu caro, a corrida não me satisfez em absoluto. Sol fraquito e pouca animação. Toiros detestaveis, na sua maioria, como presenceou. O trabalho de Mourisca agradou-me; Torerito, com as bandarilhas, encheu-me as medidas; Theodoro muito catita; a pega de cara em fórmula. Não sabe? A noite passada tive um sonho bisarro. Sonhei... Mas o melhor é não lhe dizer nada, porque o senhor é muito indiscreto e conta tudo quanto lhe dizem.

— Juro-lhe, linda creatura, que ácerca do sonho nada relatarei.

— Então lá vae. Sonhei... com uma toirada.

Era no Campo Pequeno. Dia esplendido. Corriam-se toiros do Emilio Infante. Bravos e de grande poder. Era a festa artistica d'um cavalleiro. Toireavam a cavallo os colligados, Alfredo Tinoco, José Bento, Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro. Ah! meu amigo, que corrida, que animação! As garupas do Tinoco, as tiras do José Bento, as estribeiras do Fernando e os ferros curtos do Manuel encheram me a alma de alegria. Recolhido o penultimo toiro acordei. E fiquei a pensar n'aquelles guapós moços! Que elegancia e que destreza! Não imagina a vontade que tenho de os ver trabalhar. Tenho a nostalgia do seu toireio...

A formosa mulher nada mais disse e despediu-se de mim. Dirigi-me para casa, e pelo caminho ia pensando, que isto tudo anda fóra dos eixos. Por culpa de todos, está bem de ver.



### NO CAMPO PEQUENO

N'um sabbado, á noite:

—Então não ficas em Lisboa, para a corrida de amanhã? perguntei a José Chrispim.

—Não, já comprei bilhete para o comboyo das 10 e necessito estar amanhã em minha casa. De mais a mais o respeitavel saragoçano bracaraense, D. José Teixeira, asseverou que choveria amanhã, e por consequencia não póde haver corrida.

Curvei-me ás razões adduzidas pelo meu ami-

go José Chrispim e nada respondi, mas fiquei com a pedra no sapato.

\*

Na sexta-feira, em uma igreja dos arredores de Lisboa, entraram cinco embuçados. Eram oito horas da noite. O templo estava aberto, porque ás nove menos um quarto era esperado ali um cadaver, que devia ser dado á sepultura no dia immediato. Eu passava na occasião e entrei tambem. Quatro dos sujeitos ajoelharam no primeiro degrau do altar, e o quinto, o mais baixinho, poz o joelho em terra, mas a certa distancia dos primeiros. Parecia ser o sachristão d'aquelles estranhos levitas. Fiquei junto á porta, a observar.

Os desconhecidos começaram a resar devotamente. A meio da *cantilena* estremeci. Diziam elles:

«Mãe de Deus, permitti que chova a cantaros no domingo proximo, para não haver toiros no Campo Pequeno.»

Os embuçados pararam com a invocação á Virgem e levantaram os olhos. Passado um momento, a imagem meneou a cabeça e inclinou-se um pouco, e eu ouvi distinctamente a Virgem dizer o seguinte:

«Sim, meus filhos, será feita a vossa vontade, porque sois muito devotos e tementes a Deus.»

Saí apressadamente da igreja, porque me parecia que estava sendo victima d'um pesadello. Pouco depois passavam junto de mim os cinco mysteriosos. Reconheci-os. Ceus! Eram os colligados, os mosqueteiros Alfredo Tinoco, José Bento, Fernando de Oliveira e Manuel Casi-

miro! O mais baixinho era o Romão Gomes!!

A prece dos colligados fôra attendida, e n'esse domingo não houve corrida.

\*

A quinta feira que se lhe seguiu tinha cara de poucos amigos. As nuvens ameaçavam deitar cá para baixo toneis de agua. Se fosse de vinho era melhor.

Os Montecchios estavam *escamados*. (Capuletos são os cavalleiros e os seus admiradores; Montecchios são os empregarios e os seus amigos.)

A praça não se encheu, como era necessario e agradavel para todos, porque faltou o elemento caixeiral. A classe costureiral tambem tinha fraca representação. Os senhores lojistas e as senhoras modistas não são para graças. Primeiro a obrigação e depois a devoção. Já o meu visinho do quinto andar diz o mesmo. Esclarece o avantajado bruto, que os dias da semana foram destinados para o trabalho.

\*

Quando entrei na praça a assistencia era de 75 por cento.

Todos os amadores a postos. Caras risonhas. Se estavam no seu elemento!

Percorria eu com a vista os camarotes, onde se ostentavam algumas carinhas, d'aquellas de se lhes tirar o chapéu, quando sôa o clarim, para se dar começo ao torneio. Movimento de attenção.

Feitas as cortezias por Manuel Mourisca e Adelino Raposo, torna o primeiro a dar entrada no redondel, a fim de farpear o

1.º toiro, preto, de amplo *morrillo*, bonito, bem posto, de muito pé e de recarga. Mourisca mette o ferro na sorte de gaiola, mas é colhido junto ás taboas, ficando o cavallo com um leve ferimento no peito. Depois, collocou cinco ferros largos, em um dos quaes foi colhido levemente. No fim da lide foi chamado e applaudido. Quinito esteve opportuno nos quites. Uma velhota, do tempo do Mourisca do Campo de Sant'Anna, diz para o marido, ou coisa que o valha:

— Ainda está muito frescalhão, o demo do rapaz! Ainda monta bem!

O homensinho olha para a femea com cara de caso e encolhe os hombros.

Parecia ter o diabo no corpo o 2.º toiro, que foi bandarilhado por Torres Branco, o qual hontem recebeu a alternativa da mão do seu collega João Calabaça. Torres, á gaiola, deixou meio par, *cuarteando* em seguida dois e meio pares, que lhe valeram muitas palmas. N'uma das vezes foi colhido de raspão, caindo, mas o toiro saltou lhe por cima sem o pisar. Parece-me que foi isto. Não affirmo, porque hontem esqueceram-me os oculos em casa. Os forcados viram-se gregos com o cornupeto. Apanharam bordoadas de *crear bicho*. Quinito, desconfiado, passa de capote d'um certo feitio. O publico não gosta e pede Theodoro, que, mandado pelo intelligente, tira algumas veronicas. Se o publico andou mal, o sr. Botas andou peor em lhe fazer a vontade. Pateassem o hespanhol á vontade, mas não melindrassem o seu orgulho de

artista. Uma coisa é castigar, outra é desfeitear. O sr. Botas deve fazer o que o seu criterio lhe dictar e não o que os espectadores lhe pedem.

Era tambem preto, como todos os seus companheiros. o 3.º, destinado a Minuto e João Roberto. Philippe collocou um lello par á gaiola e *cuarteou* tres pares, e João inutilisou um e meio pares, tendo uma saída falsa. Nada de apparecer o sol. Um nephelibata leva a mão ao nariz, imaginando que lhe tinha caído em cima um pinguinho.

Possuia um coração de tigre o 4.º, que largaram aos bandariheiros do *diestro*. Mênô e Antolin espetaram alguns ferros e fartaram-se de apanhar bordoadas. Castigo justo. Boi e artistas andaram aos... pontapés. O publico asobiou-os e com toda a razão. Os forcados, desunidos e algo aguardentados, *morderam terra*, sendo apupados ainda por cima.

Negrito, lombardino, e de *pitones* vamos lá com Deus, era o 5.º, que teve de ajustar contas com Adelino Raposo. O arrojado cavalleiro consumou a sorte de gaiola, collocando em seguida sete ferros largos e curtos, alguns de merecimento. Uma velha baba se de contentamento e diz ao marido:

— Este é mais novo, mas o Mourisca é mais galante. O bigode branco dá lhe muita graça.

O sujeito, um pouco arreliado, dá um beliscão na toleirona da velha e diz-lhe com ar ameaçador:

— Deixa estar, que quando chegarmos a casa hei de dar-te um bigode... de pau.

Que ruins figados de homem!

Foi para Quinto, a sés. o 6.º, muito catita e de muitas patas. O *diestro* adornou o com cinco

pares *al quiebro*, sendo um d'elles magistral. Applausos. Pegando na *muleta*, refrescou-lhe a carantonha com doze passes, dando-lhe uma estocada em regra. A maioria dos pegadores foi a terra. Os toiros chegavam muito rijos de cabeça a este *tercio* da lide.

Dava coices e atirava se aos bandarilheiros como um raio o 7.º, que foi enfeitado por Mourisca com dois ferros, um dos quaes de primeirissima ordem. A tal velhota d'esta vez não disse nada, mas não tirava os olhos do grande toireiro. Aquelle bigode fascinava-a! Por seu turno, o marido, ou coisa que o valha, olhava de vez em quando para a *cara* ou *barata* metade e resmungava:

— Não as perdes. As mulheres são o diabo! Para que lhe havia de dar?! Para namorar os cavalleiros... Eu te arranjarei lá em casa.

Era um cantador emerito o 8.º, que foi lidado por Theodoro Gonçalves e Jorge Cadete. Theodoro fez a sorte de gaiola e apoz uma saída falsa prendeu nos *rubios* da rez dois bons pares. Recomecam a cair pinguinhos. Veem-se aqui e ali algumas *malvas*. Alguns individuos *safam-se*. Teem medo das pneumonias. Chamem-lhes tollos! *Capotaços* de Theodoro, que ouve muitas palmas, se não fôr surdo.

Minuto metteu no 9.º tres pares, sendo um á gaiola, e Mêno inutilisou dois e meio pares, sendo um bom e um e meio pessimos. *Capotaços* de Quinto. Saem mais pessoas. O tempo cada vez está mais triste, promettendo fortes aguaceiros. Talvez já não se possa correr o ultimo bicho.

O 10.º toiro tinha uma cornea, que dava bem nas vistas. Um promontorio... de madeira, ou

o que quer que seja. O velho Calabaça fez uma bonita sorte de gaiola e *cuarteou* dois pares como preceitua o *cathecismo* tauromachico. Raphael Peixinho *plantou* um bom par. *Capotazos* de Quinito. Algumas palmas. A chuvinha cada vez aperta mais, porém os *aficionados* não arredam pé. . . Muito valentes.

— A chuva não quebra osso, dizem elles.

— Mas dá cabo dos tacões das botas, usa dizer o Benito Martin.

Agora a serio : estas chuvas continuadas põem-nos negrumes no coração e arrelia na alma. E' de mais. Mas não haverá quem ache remedio para isto? Ha pessoas tão espertas! Isso é que eu queria vêr : fazer parar a chuva por uma vez. Quem d'isso fosse capaz, estava vinte furos acima do Cesar imperial, do Napoleão, do Guerita. . . e do regedor da Moita. Ora, pois!

Vamos ver as prendas do 11.º, que saiu um tunantesito de respeito. Provavelmente resen-tiu-se da chuva. Cinco ferros largos e um curto foi a ferragem empregada pelo Adelino Raposo no macaco. Saem dezenas de pessoas, por causa da chuva e para apanharem carro.

Finalmente, quando deu entrada no *coso* o 12.º, pouca gente se achava. . . *em palacio*. Por pouco não fico eu sósinho, e mais os toiros e os toireiros, e os cabrestos e os campinos e o Paloma, o celebre Paloma, que n'uma corrida de Badajoz ferrou sete *puntilladas* n'um pobre cavallo, com assentimento do sr. alcaide-maior, que houve por bem não multar o feroz. . . carniceiro. Seja tudo em desconto dos meus peccados veniaes, porque peccados mortaes é fazenda que cá não ha.

\*

Em resumo. Podia ser uma corrida magnifica se houvesse sol; se os bandarilheiros hespanhoes fossem outros, se os pegadores não fossem tão mallessos, se... se... etc. Em todo o caso foi uma corrida muito regular.

Os toiros, que o abastado *ganadero* Emilio Infante da Camara mandou para esta corrida eram bonitos, valentes e estavam muito bem tratados. Dos doze cornupetos, oito cumpriram brilhantemente a missão, que lhes foi confiada. E' uma boa percentagem.

Manuel Mourisca teve alguns ferros de alto valor, e Adelino Raposo andou bem no seu primeiro toiro. Não foi tão feliz no segundo. Seja surdo aos ditos, que partem das bancadas, e tenha só olhos para o inimigo temivel com quem se defronta. Serenidade, muita serenidade, e siga os conselhos dos verdadeiros amigos.

Quinito bem nos tres *quiebro*s e rasoavel com o *capote* e *muleta*. Os seus bandarilheiros é que podem ir apanhar *pés de burro*, ou de *burra*.

Os portuguezes portaram-se com denodo.

Quanto aos forcados é melhor não fallar n'elles. Bem lhes basta a bordoadada, que apanharam.

A intelligencia houve-se com discrição, tirante a partida feita a Quinito.

A banda da guarda municipal como sempre. Trechos magnificos.

\*

Assistiram á corrida suas magestades el-rei

e a rainha, o sr. infante D. Affonso e os dignitarios de serviço.

Assistiu tambem ao torneio, n'um camarote de primeira ordem, lindamente ornamentado, a notavel escriptora franceza Juliette Adam, que estava acompanhada de madame Yung e do dr. Magalhães Lima. A illustre escriptora entrou ao segundo toiro e retirou-se no intervallo. Não sabemos se gostou do divertimento; o que vimos é que na occasião das pegas virava a cara para o lado.

Aos toireiros parece que passou despercebida a presença da illustre senhora. Nenhum d'elles lhe offereceu uma sorte; naturalmente, porque nenhum d'elles sabe francez. Mas fallassem em portuguez, ou mesmo em hespanhol, porque no camarote havia quem fizesse a traducção. Era escusado mesmo fallar. A'quella distancia podiam-se servir da mimica. Mas que falta de gentileza! Valha-nos Deus, que é pae de misericordia.

\*

Por vezes houve bordoadas no sol. Bengalões descrevem arabescos phantasticos; femeas de chale e lenço agarram-se aos seus *mais que tudo*, e agentes da ordem veem-se em palpos de aranha para fazer serenar o tumulto. De repente, como se fossem tocados por uma varinha magica, todos se sentaram. Piada d'uma *señorita* do sector n.º 1:

— As pessoas baixas sempre não de mostrar em toda a parte a sua falta de educação.

Retruca um estudante do lyceu:

— Aquillo não é falta de educação; é excesso...

de bebidas. Apesar do Quintão fechar, ainda se bebe muito vinho.

A dama não retorquiu, mas piscou o olho á companheira. Ainda se lembrava do *champagne* que tinha estragado na vespera no Tavares.

E dava-se ares, o demonico da rapariga!

\*

\* \* \*

### NO CAMPO PEQUENO

O dia appareceu brusco, carrancudo, o que fez delirar uns sujeitos, que não gostam de toiros, por ser um espectáculo cruel, mas que ficam impassiveis ao ver cair um desgraçado, que ha dois dias não comia; e que distillam agua amaricissima d'uns olhinhos onde se lê uma ronha, que orça pela patifaria, quando lêem nas gazetas, que algum forçado apanhou para o seu tabaco.

Mas o supremo architecto, ou engenheiro, como quizerem, que não faz caso de semelhantes sujeitos, segredou ao sol, que se mostrasse em todo o seu esplendor, e d'ahi a pouco o astro do dia tirava scintillações das peças metallicas dos navios surtos no Tejo e dos diamantes preciosos, que ornavam algumas damas, que andavam pelas ruas da Baixa fazendo as suas compras, ostentando as suas elegantes figuras e a ultima palavra da moda. E quem entrasse em certos *boudoirs*, veria mulheres formosas, radiantes, olhares de fogo, darem graças aos deuses por terem mandado o sol, o calor.

Começou então uma romaria ás bilheteiras.

Amanuenses zelosos no cumprimento dos seus deveres diziam aos chefes que iam *lunchar*, e por aqui me sirvo; operarios amadores pretextavam doença de pessoa de familia, e por aqui me esgueiro, e d'est'arte o edificio monumental do Campo Pequeno, á hora de começar a corrida, apresentava uma enchente como outras que já ali temos visto.

Parece que, ou a empresa fez pacto com o diabo, ou então o publico de Lisboa não quer saber senão de toiros. Tem-se visto. Seja domingo ou dia de semana, todos deixam as suas casas e as suas occupações e dirigem-se para o Campo Pequeno a fim de admirarem a plastica e a *pose* do Mazzantini, o nariz assombroso do Angel Pastor, os queibros do Antonio Fuentes, a *brega* extraordinaria do Guerrita, o cavallo do Manuel Casimiro, as *piadas* do Romão e do Maia, a cara ás vezes aparvalhada do Botas, as suissas do José Sapateiro e o olhinho bregeiro do Cara Linda.

Ha dias affirmaram-me que ha até quem vá aos toiros para ver o rosto formoso d'este valente forçado! São gostos!

Quando cheguei á praça estava tudo cheio. Muitos *pardessus*, já. Podera! O inverno está ás portas, e é preciso cautella com as pneumonias.

\*

Exceptuando tres toiros, que saíram algo *senillos*, o resto do curro que o sr. Paulino da Cunha e Silva mandou d'esta vez ao Campo Pequeno não satisfez. Tres toiros rasoaveis e oito bois ordinarios. E o sr. Cunha e Silva é capaz

de não mandar ainda para a charrua ou abater aquellas oito rezes! Faça o que quizer, porque não tenho nada com isso.

Mazzantini, muito elegante, muito correcto, como sempre. A sua figura magestosa impõe-se aos homens, e principalmente ás mulheres. Luiz retribue-lhes na mesma moeda. Senão, vejamos:

— Sr. presidente — diz elle dirigindo-se ao sr. commissario da 3.<sup>a</sup> divisão — brindo pela sua saude, pelas pessoas que o acompanham e pelas mulheres bonitas de Portugal.

Isto dito com voz alta,  
Dito sem ar de segredo;  
Tudo para o sexo *fraco*,  
Quanto ao *forte*, que cavaco!  
Ficou a chuchar no dedo.

Mas, como o insigne *matador* é muito delicado, não quiz deixar o sexo feio sem brinde. Dirigiu-se aos espectadores do sol e fallou-lhes d'esta maneira:

— Offereço esta sorte ao publico de Lisboa, e faço votos para que na proxima época o governo portuguez consinta na morte dos toiros.

Disse, e *rodou* airosamente.

Se o governo portuguez,  
Se o governo tal consente,  
Muita gente vae morrer,  
Muita gente, muita gente...

O insigne *espada* não fez nada de notavel

com as bandarilhas, com o capote e com a *mulleta*; mas foi superior nos *quites*, executados quando os seus picadores eram desfeiteados pelos *corruptos*, e nos simulacros da morte. Foi muito applaudido.

Muito amavel sempre, o eminente *diestro*, na segunda parte da corrida, não fazia senão perguntar aos espectadores que horas eram. Tinha de seguir n'aquella noite para Hespanha e não queria perder o comboyo, porque tinha de toirear no dia seguinte em Madrid.

Em vez d'ir lá para a praça  
Toirear toiros robustos,  
Mais valia toireal-os  
Na relojoaria Justus.

Seu irmão Thomaz estava *damnado* para os *quites*. Queria fazel-os a torto e a direito.

O grande toireiro deu-lhe uma tarefa... com a lingua, está bem de ver.

N'estas linhas não existem  
As transparencias da gaze,  
Ninguem vá deitar veneno  
Nem pimenta n'esta phrase.

Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro não estavam n'uma das suas tardes mais felizes. Tiveram bellos ferros, mas outros alguma coisa... *nephelibatás*.

Thomaz Mazzantini, Minuto e Jorge Cadete collocaram bons pares. João Roberto trabalhou bem com o capote. Os picadores tiveram boas

varas e apanharam a sua taponna muito fresca. Dos dois, o mais sabedor e mais valente, é o Chato, que por signal é d'uma fealdade medonha.

Chato tão feio, tão feio,  
Com tão feia e negra pelle,  
Que Cara Linda parece  
O deus Apollo ao pé d'elle.

O Chato foi muito applaudido.

\*

Quando os forcados saíram a pegar o oitavo toiro, um rapaz muito conhecido em Lisboa entrou como um foguete no redondel e citou o toiro de costas. O animal acudiu promptamente ao cite, mas o rapaz foi colhido d'uma maneira desastrosa, sendo espezinhado rudemente pela fera.

Toiro covarde, que ataca  
Pelas costas, á traição ;  
Os outros toiros, á certa,  
Não mais lhe estendem a mão.

O pegador foi levado em braços para fóra...

\*

Quando Manuel Casimiro toireava, um typo do sector n.º 2 chorou de prazer, e uma senhora dos *fauteuils* atiraria com o leque se não fosse o papá, que se babava de contentamento, mas

que é contrario ás saliencias da familia. Para saliencias só elle, — diz o honrado homem. Fóra das vistas da sua prole é um pandego; mas quando está ao pé dos filhos, parece que não quebra um prato.

\*

N'um sector do sol o chapéu alto d'um cocheiro ventrudo andou de Herodes para Pilatos.

Como viram que o homem estava um pouco alcoolisado, começaram com o *quico* a jogar a pella. O pobre chapéu ficou n'um figo, e o seu proprietario a rir como um perdido. Pelo visto, percebe-se que o homemsinho tem bom vinho, porque, se o tem mau, era capaz de matar meia duzia. Assim, limitou-se a afogar *dois*, na primeira taberna que topou.

\*

Quando Mazzantini se achava em frente d'um dos toiros, uma mulher do sector n.º 1 diz para o marido que a acompanhava:

— Que homem tão perfeito! Se fôr assim em tudo, é um portento.

O sujeito olha aparvalhadamente para a mulher e pisca o olho direito. Se lhes parece!

\*

Alguns espectadores atiraram cedulasinhas e pratinhas a um dos forcados, que agradeceu

commovido, dizendo que era para pagar o seu debito ao Banco do Povo, que faz as diligencias para se erguer do sitio onde tem estado ha annos!!

\*

\*

\*

### NO CAMPO PEQUENO

Um dia esplendido! Sol radiante, que amei-gava as boninas por esses campos fóra e os rostos tentadores de raparigas formosas, que não perdem a missa da uma hora no Loreto.

Meia cidade começou a estar em ancias desde que se levantou do leito. Esperava pela hora da corrida, como se espera o pão para o almoço. Parecia-lhe cada minuto um seculo!

Amadores de todas as edades tratavam de envergar os seus trajes mais leves, e quem podesse espreitar alguns quartos de *toilette*, apanharia em flagrante lindas mulheres enroupando os corpos bellos em vestidos garridos e flam-mantes que horas depois se ostentariam pelos camarotes, e pelas bancadas dos sectores da sombra. Um delirio!

O momento aproxima-se. Já se vêem a camininho da praça grupos de peões e alguns carros de viação cheios de gente.

Meia hora antes da corrida, as varias arterias, que vão ter ao Campo Pequeno, golphavam milhares de individuos, que iam mais uma vez assistir a um torneio tauromachico, espectáculo deveras mais bonito do que uma corrida de ca-

vallos, onde jockeys *trenados* partem estupidamente as costellas, ou ir vêr Mr. Seeth ser dilacerado por um quadrupede habitante das selvas!

\*

Chegou o momento tão anciosamente esperado.

A praça cheia apresentava um aspecto brilhante. Os amigos apertam-se as mãos, e as amigas sorriem-se umas para as outras.

Quatro horas em ponto. Ao signal respectivo dão entrada no *coso* os cavalleiros Alfredo Tinoco e José Bento de Araujo, os quaes fizeram as classicas e enfadonhas cortezias.

Pouco depois todas as vistas se fixam n'um ponto. Vae sair o primeiro toiro, que era bonito, gordo, preto, cornicurto, e que se defendeu como um catita. Apezar d'isso, Alfredo Tinoco metteu-lhe no cachaco uns seis ferros, sendo-lhe o cavallo beijado por duas vezes. O corcel não gostou da brincadeira, mas não disse nada. E todavia não é mudo, o *demonico*!

Os muchachos Minuto e Theodoro Gonçalves apresentam-se para bandarilhar o 2.º, que tem o nome pittoresco de *Pintasilgo*. O publico do sol rompe n'uma medonha algazarra e pede que lhe ponham já para ali o João Calabaça, que, como mais antigo — diziam os protestantes — devia sair áquelle toiro. Depois de muito berrarem recolhem a falla ao *bucho*. Minuto *cuarteou* dois pares e Theodoro tres pares. Villita, que apresentou uma cara de quem passou mal na viagem, *muleteou* a seu modo, dando uma estocada dianteira. Houve muita gente, que achou

feito o *diestro*. Eu sou da mesma opinião. Nem todos podem ser Bonarillos ou Bombitas. Sem fallar no *sympathico Pescadero*.

Estava uma senhora a contar a uma sua amiga que tinha ido no sabbado á serra do Monsanto ver o Gungunhana e a sua tropa, quando appareceu o 3.º, preto, caraça, filho do celebre *Caraça*, que todos os amadores conheceram pelas suas proezas, e que hoje está na terra da verdade. Tal pae, tal filho. Não degenerou. As mesmas qualidades e os mesmos vicios. Jorge Cadete e Manuel Rodas tiveram de parrear o alambasado cornupeto, que saltou uma vez a trincheira. Ou era para se pôr a caminho de Valle de Figueira ou para dizer um segredo a algum cafre. Cadete plantou no *mor-rillo* do caraça tres e meio bons pares e Rodas um grande par. Este artista foi colhido e volteado, sem consequencias de maior. Valeu-lhe o capote de Minuto. Quatro forcados foram abaixo com as marradas do feroz animalejo. Tinha uma cabeça rijissima o *demo* do toiro.

Competiu a José Bento farpear o 4.º, denominado o *Rouxinol* (que as andor nhas não adoraram), preto como os collegas no infortunio e aberto de cornea. Seis farpas e dois ferros curtos foi a ferragem inutilisada pelo valente toireiro. Se dá um pouco mais de terreno ao toiro, talvez não fosse colhido *O Morgado* (é o nome do *ginete*), tambem não gostou da brincadeira, mas a sua bocca, a que faltam já dois dentes, não se abriu n'um queixume. Se as mulheres fallassem tanto como elle, este mundo era um paraizo.

Movimento de attenção. Villita, que se devia chamar Villa, porque é um homemsarrão, com

um nariz phenomenal, pára os pés defronte da gaiola a fim de aguardar a visita da 5.<sup>a</sup> rez, que se apresentou *sencilla* até ser encurralada. Nicanor (que raio de nome) aproveitou tres pares de bandarilhas em diferentes sortes, que lhe valeram algumas palmas. Com o capote e a *muleta* fartou-se de dançar. O Justino Soares e o Quintana, que se achavam presentes, despediam dos olhinhos clarões de satisfação. O discipulo amado... de Saragoça. Lindos amores! Bordoada em toda a linha de atiradores, perdão, em todo o grupo dos homens de barrete verde. Alguns d'elles ficaram com os calções rasgados e com a cara a escorrer sangue. E ha muitos Anacletos que gostam da borracheira das pegas e são contra os picadores, em que ha arte. São dos taes sujeitos (e ha muitos assim) que gostam mais de ver um homem apanhar bordoada do que ver um cavallo cheio de mormo passar d'esta para melhor.

Intervallo. Durante este compasso de espera relanceei os olhos por todo o vasto amphitheatro. Na tribuna real, suas magestades. Nos camarotes bellas mulheres, garridamente enfeitadas. Nas bancadas da sombra, a rapaziada conhecida, fallando com grande animação. No sol, cafres de todos os tamanhos e feitios, que applaudem a torto e a direito, que apertam na rua a mão do Botas, e que ali eram capazes de lhe fazer do vasto abdomen bainha d'uma *naifa*.

Dez minutos eram passados, reaparece Alfredo Tinoco, que enfeitou o *morrillo* do seu antagonista com alguns ferros largos. Com os curtos andou brilhantemente, esperando o toiro como mandam os *canones* taurinos. Uma ovação calorosa premiou o trabalho do sympathico ca-

valleiro, que mais uma vez provou a sua pericia e denodo.

Berrendo em negro, rabalvo e bem armado era o 7.º, que largaram a Banarillo e Regaterillo. Se os nomes estiverem errados, mandem dizer em bilhete postal. O primeiro d'aquelles cavalheiros espetou quatro pares, e o seu collega cinco pares, sendo colhido uma das vezes. Felizmente o médico ou medicos da praça não tiveram de descer dos seus logares para applicarem qualquer adhesivo nas cabeças dos da *cuadrilla* de Nicanor.

O 8.º saiu a passo e ficou admirado de ver tanta gente reunida. Teve de se haver com um tercetto composto de Calabaça, Minuto e Hierro, apanhando dois pares de cada, sendo um dos de Hierro bonissimo. Tambem era caraça este bicharoco, que por nome não perca e que se espaldava, que era um gosto ver. Villita passou, a seu modo, de capote. Foi pegado de cernelha *zixaxicamente*.

Foi correcto o trabalho de José Bento no 9.º toiro, que recebeu com vontade (?) nove farpas e tres ferros curtos. Applausos ao destemido cavalleiro.

O 10.º e ultimo foi bandarilhado por Cadete, Rodas e Theodoro, que tiveram pares superiores. *Capotazos e muleta* de Villita e bordoadas de cego nos forcados.

\*

A corrida agradou ao maior numero de espectadores. O curro cumpriu em geral. Houve toiros finos e bravos. Se todos os curros fossem

assim não havia muita razão de queixa. Todos os bois eram de bonita estampa, estando muitissimo bem tratados. Mais dariam ainda se os senhores artistas os aproveitassem melhor.

Alfredo Tinoco accetavel no seu primeiro toiro e muito bem no segundo. José Bento indeciso no primeiro e bem no segundo.

Villita não me agrada. Tem um toireio de defeza, duro, sem adorno, e está quasi sempre fóra de *cacho*. Pelo menos foi o que lhe aconteceu n'esta corrida. Fartou-se de dançar, e nunca parou os pés.

Quanto ao resto da *infanteria*, houve pares bons e pares maus.

Os forcados apanharam todos bordoadas, porque os toiros eram d'uma valentia extraordinaria e não foram passados convenientemente.

\*

Assistiu á corrida, no sector n.º 7, o cosinheiro do Gungunhana. Gostou muito do espectáculo, para elle completamente desconhecido. A cada soite arregalava muito os olhos e grunhia uns monosyllabos, que ninguem percebia. A' noite disse ao cabo da guarda do forte de Monsanto, que se os portuguezes mandassem á Africa trezentos curros de toiros assim, os vatuas viam Braga per um canudo. Não escapava ninguem. Tambem é a opinião de alguns Anicetos.

\*

Villita é natural de Saragoça. Chama-se Nicopor.

Por pouco não se chama Nicodemus.

Asseverou o Romão Gomes, que em Saragoça ha tantos Nicanores como em Lisboa ha Zés.

\*

N'um dos sectores do sol e n'outro da sombra viam-se dois pendões com os seguintes dizeres :

Só 10 toiros?

Queremos 12 toiros !

Pois querem os leitores saber quem foram os primeiros a sair da praça? Foram os auctores da brincadeira. Por causa do frio, esclareceram elles á noite, no Montanha.

\*

Uma velhota, que dá o cavaquinho pelos olhos maganos do Bombita, disse á noite ao seu companheiro de quarenta e tantos annos de prazeres e desgostos :

— Que feio que é o tal Villita ! Parece mesmo um gato pingado.

O companheiro de quarenta annos, etc. e tal, resmunga, e diz para comsigo :

— Esta serigaita, a quem já faltam sete dentes, é capaz de dizer o mesmo de mim. Isto de mulheres não ha que fiar. Só são boas quando estão a dormir.

E o Bonifacio Pantaleão, que monologou isto, lá sabe as linhas com que se cose, ou com que o cosem.



## NO CAMPO PEQUENO

D'esta vez o sr. Leon Hermoso perdeu a partida. Então, que quer? Nem tudo são glorias n'este mundo.

O terrivel saragoçano tinha annuciado ás gentes, que n'aquella tarde choveria. Pois foi o que se viu.

O sol, abrazador, mordida o pello lustroso dos *penantes* de respeitaveis carecas, e as faces asetinadas de algumas *mignones* formosissimas, que desde a vespera não pensavam senão nos toiros do conde de Sobral.

Noherlesoom, desde que recebeu os telegrammas de felicitação dos povos da Alhandra e de Alemquer, ficou de tal maneira estarecido, que ja não dá ponto com nó.

Já estou ouvindo um nephelibata muito conhecido corrigir:

— Oh! homem, se não choveu em Lisboa, caíu agua em Malaga.

— Pois sim, rico amor. O saragoçano, na opinião auctorisada do Geraldo De Vecchi, perdeu 87 <sup>11</sup>/<sub>16</sub> avos da sua reputação. E' um homem encravado.



Não se encheu o vasto circo taurino da capital, como se esperava, attendendo ao magnifico cartaz apresentado.

Motivos: toirada em Algés, feira de Sacavem

e feira de Alcantara. Houve tambem quem fosse para o Cabo Ruivo refastelar-se com peixe frito e carrascão, e para o Jardim Zoologico admirar as habilidades dos macacos e dos ursos. E' bom haver paladar para todas as comidas, e na variedade é que está a graça.

Soavam as quatro horas nas torres de algumas egrejas da capital quando se deu começo ao torneio, que poderia ter sido primoroso se a materia prima fosse de melhor qualidade. Os doze cornupetos, que foram mandados ao rondel do Campo Pequeno, saíram, na maioria, mansos, dando alguns d'elles pessimo jogo. Uma preocupação terrivel dominava, pelo menos, tres: era o não poderem levar á paciencia o facto de separarem o Gungunhana das suas caras metades.

Alfredo Tinoco e José Bento de Araujo farpearam com denodo e valentia, ouvindo ambos muitas palmas, e tendo Tinoco uma chamada especial pela fórma brilhante como toireou o seu segundo cornupeto.

Quinito, que é um *diestro* de boa escola, collocou excellentes pares de ferros a *quiebro* e a *cuarteo*; tirou boas *veronicas*, passou de *muleta* muito rasoavelmente e fez *quites* luzidos, adorando-se.

Algabeño, um rapaz sympatico, envergando um trajo preto e oiro, esteve incançavel durante toda a tarde. Com as bandarilhas foi inferior ao seu collega, mas trabalhôu muito bem com o capote, e n'um dos toiros, que lhe pertenceu, tirou bellos passes naturaes e magnificos passes de peito. Executou *quites* luzidissimos, e tanto elle como o seu companheiro fizeram *monaditas* de effeito. As palmas e bravos, que escutaram

por vezes, deve tel-os convencido de que as suas *faenas* agradaram muitissimo aos espectadores.

Depois dos *maestros* é justo citar alguns pares de bandarilhas de Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Manuel Rodas, Minuto e Almendro, que fizeram bonita figura.

Salgado, no ultimo toiro, collocou um bello par na sorte de gaiola.

Houve algumas pegas rijas e de effeito e alguns trambulhões á mistura. E' quasi sempre assim. Emquanto houver pegas ha de haver sempre pancadaria.

Um dos picadores empregou boas varas; o seu companheiro, porém, foi apupado, porque nada fez, que geito tivesse. As *pilecas*, que os dois montavam, eram ordinarissimas e foram por vezes a terra.

Emfim, se o gado fosse bom, a corrida devia ficar registada no caderno das boas toiradas.

\*

Quasi todos os toiros saltaram as taboas. Muitos sujeitos foram osculados pelos *saltarellos*.

Tomára eu um conto de réis por cada coração, que pulsou desordenadamente quando os cornupestos se atiravam á barreira.

Uma senhora do sector n.º 1, contra barreira, viu-se grega com os bois saltadores. Estava sempre a ver por onde havia de fugir.

\*

O Paulo Bray estava tão entusiasmado com

as *faenas* dos espadas, que até deitou discurso em hespanhol.

O Algabefio sorriu, discretamente.

\*

Os dois picadores eram gordos como texugos; mas quando apanhavam a sua conta nadavam pelas taboas como se fossem gatos. Podéra! Com ajudas... corneas!

\*

Um dos toiros era rabicho. Como este appendice lhe pesava pouco, escoiceava que era um regalo. Rica prenda!

Outro era algo myope, e por isso atirava-se de preferencia ao vulto, o que prova, que é mau toirear rezes com defeitos na vista.

Para a outra vez ponham-lhe na *narigueta* uns oculos de ver ao longe.

\*

Como os senhores sabem — e se não sabem ficam sabendo — os toireiros hespanhoes, quando estão entre taboas, gostam muito de fumar. Estão constantemente a pedir cigarros aos *praceiros*.

Isto não é *piada*, fiquem descançados. O Romão Gomes, coitado, como conhece todos os toireiros hespanhoes, é uma victima.

Ha tardes em que durante o espectáculo vão-se-lhe embora quatro macinhos de cigarros. Os forcados por ora limitam-se a pedir phosphoros, mas se começam a pedir tabaco, os espectado-

res da barreira ver-se-hão obrigados a levar para lá uma tabacaria.

\*

O D. José Tenorio não assistiu á segunda parte da corrida. Pelo menos não esteve na barreira n.º 72.

Evidentemente, percebe-se, como os bois eram salteadores, perdão, saltadores, foi ver o resto da corrida para algum camarote. Está-se mais no seguro. Beijos de toiros são o diabo; antes de mulheres bonitas.

\*

Ia havendo um chinfrim medonho no sector n.º 6 por causa dos espadas.

A scena passou-se entre duas nymphas de chapéus espalhafatosos.

Uma era a favor do Quinito, a outra votava em Algabeño. Ainda chegaram a trocar alguns beliscões, mas não passou d'aqui. Um agente da ordem interveiu brandamente e pôz ponto ao conflicto feminino.

\*

Constou-me que, alta noite, n'um *boudoir* ricamente ornamentado, e que exhalava emanações suggestivas, uma juvenil mulher, formosa, e de fartos cabellos pretos, balbuciou, n'um sonho, o nome d'um dos espadas. Naturalmente via se em plena praça do Campo Pequeno presenceando a *brega* dos dois muchachos!

Oh! as mulheres! as mulheres!

\*

\* \*

## NO CAMPO PEQUENO

Dois soes de primeira grandeza illuminaram esplendorosamente, n'um dos dias do mez de agosto, esta nobre e montanhosa cidade. O primeiro é o que dá luz, ha milhares de annos, a todo o globo terraqueo, e que n'aquelle dia mordeu descarovelmente os rostositos de-gentis amadoras; o segundo é o que surg'u das entranhas de sua mãe, ha 34 annos, na bella e mourisca Cordova.

Os senhores já perceberam, que se trata de sua magestade o rei sol e de sua alteza o principe da tauromachia, Rafael Guerra, que mais uma vez deliciou, com a sua *brega* inconfundivel, os milhares de assistentes, recebendo pelo seu excellente trabalho a quantia de 9287000 réis.

\*

Custaram ao sr. Antonio da Costa Guerra 5507000 réis os doze cornupetos, que lhe mândaram engaiolados ao circo da capital do reino. E' o ordenado annual d'um segundo official de secretaria, não fallando nos descontos da ordenança.

\*

A corrida no geral agradou. Houve momentos mesmo de grande enthusiasmo. As palmas estalaram por vezes ruidosas e prolongadas ao terminar d'um lance bonito.

Guerrita trabalhou muito bem. Empolgou por completo os espectadores, que presenciaram mais uma *faena* brilhantissima do colossal artista. Toireou, como costuma, com intelligencia, imprimindo ao seu trabalho uma elegancia e uma frescura inegualaveis. Passou de capote e *muleta* alguns toiros, executando veronicas preciosas e passes luzidissimos. Teve *largas* magistraes e nos *quites* houve-se com todo o adorno da escola cordoveza. Pareou um manso, que no fim o desfeiteou. Citando a rez com todas as regras, deixou-lhe nos *rubios*, entrando de frente, tres bellos pares de *rehiletos*. Ao cital-a para o quarto par, o matuto, que até ali andára a passo, arremette, inesperadamente, e com todas as ganas, contra o insigne *diestro*, que é desfeiteado junto ás taboas. Guerrita desforrou-se, castigando o cornupeto com mais um par, que ficou mesmo na cruzeta. Que boa estocada, a valer, n'um caldeirão d'aquelles!

Os seus bandarilheiros, homens de prestimo e de bom nome, trabalharam com limpeza.

Mojino, que se achava muito mal da garganta, foi substituido por um outro peão, que não lhe fica atraz.

Pegote e Beao, que não poderam vir, porque se achavam de cama em virtude de grandes ferimentos que receberam havia dias em Hespanha, tambem foram substituidos por outros picadores, que, se não teem a pujança d'aquelles, mostraram, comtudo, animo e pulso rijo. Os cornupetos receberam algumas varas boas, propinando, por seu turno, pancadaria nos *jamelgos* e uma caída espalhafatosa.

Dos doze bichos, quatro couberam a Fernando de Oliveira e a Manuel Casimiro.

O primeiro estreiou um cavallo, que, a meu ver, ainda não estava na afinação para as lides tau-rinas. E tanto assim o comprehendeu o estimado artista, que mudou de ginete. Sereno e impavido, como sempre, não esteve n'uma das suas tardes mais felizes. Comtudo, teve alguns ferros bons. Ouvia palmas.

Manuel Casimiro, que tem dois cavallos, que se *cuarteiam* admiravelmente na cabeça dos toiros, farpeou muito bem os dois cornupetos, que lhe largaram. O publico prodigalisou-lhe bastas palmas.

Minuto, Calabaça, Theodoro, Cadete e Manuel Rodas bandarilharam alguns toiros. Os dois ultimos, principalmente, parearam com vigor e acerto. Trabalho limpo, que lhes valeu palmas e bravos. Os forcados lá se houveram como poderam.

\*

E' pena, realmente, não escolherem bons toiros para o *espada* Guerrita. Sempre lhe destinam cada matuto, que é de gritar ao da guarda!

Um aficionado muito conhecido aventou aqui ha tempos, que se devia fazer uma rusga aos lavradores, que fornecessem mau gado. Eu não vou tão longe. Os toiros deviam ser pagos segundo o jogo, bom ou mau, que dessem. Um jury competente decidiria o caso. Veriam os senhores como os lavradores entravam na ordem.

\*

Acaba de me dizer o Abel Dias, que a Sociedade protectora dos animaes fez distribuir por todo o paiz um manifesto, em que mais

uma vez protesta contra a idéa de haver toiros de morte em Portugal. Coitadinhos dos toiros! E' uma crueldade dar cabo do canastro de tão lindos bicharocos. Elles até se devem rir da protecção (?) que lhes querem dispensar.

\*

Um dos toiros saltou uma vez á trincheira. Por um pouco não beija o Pinto de Campos e o Romão Gomes. O Romão fartou se de bengalear o cornupeto. Tanto uso fez da rica *badine*, que a partiu.

Apenas entrou na praça  
deitou o *luçio* ao logar,  
e lembrou-se — que chalaça! —  
de o ir cumprimentar.

E, mais veloz que a azagaia,  
esse grande macacão  
salta em cima do Romão,  
que por um triz não desmaia!

Fez-se a bengala em fanicos,  
e vá que foi bẽm feliz,  
pois esteve, mesmõ por picos,  
a ficar... sem o nariz.

\*

Os cavallos, que serviram para os picadores, vieram para o Arco do Bandeira assim que acabou a corrida. Eram montados, em pello, por dois garotos, que iam muito possuidos das suas pessoas. Os pobres *jamelgos* marchavam a cus-

to, e d'ali a semanas morreram naturalmente em virtude das lesões internas produzidas pelas bolas dos cornupetos. Não era melhor para elles serem mortos ali na praça á vista dos circumstantes? Era um martyrio, que durava só cinco minutos, quando muito. Vá, meus senhores, deixem-se de parodias. Vamos ao toireio serio, verdadeiro. Que toiros e cavallos morram no *ruedo*. Assim os espectadores gosam um espectáculo emocionante, e os toiros e cavallos não irão para os campos e para as lezirias dizer mal d'esta *fantochada*, que de toirada só tem o nome.

Acabem com a embolação e a espada a fingir. Que o *diestro*, quando diga, com entono: *venga la pá*, não exhiba um sorriso de troça.

\*

\*      \*

### NO CAMPO PEQUENO

Não ha nada como, em dias de toiros, ir primeiro espairecer por esses campos fóra. Predispõe-nos para apreciar melhor a diversão taurina. Foi o que eu fiz n'aquella manhã, na companhia de alguns amigos. Queluz foi o lugar escolhido para nos saturarmos de bom ar.

Ao meio dia, quando entrámos no hotel Ladislau, todas as mezas estavam occupadas. Comiam com grande appetite uns oitenta sympathicos rapazes, membros do real club velocipedista de Lisboa. Como já não houvesse virtualhas para mais ninguem, fomos para o Bragança, que nos serviu primorosamente.

Ao café, o Abel Nunes levantou um brinde ao sr. D. Miguel de Bragança. Diz elle que quando vae a Queluz sempre se lembra d'este principe.

Quando os rapazes terminaram o seu jantar, tomaram differentes posições junto ao paço real, e ahi foram photographados. Depois de tirados os differentes *clichés*, toda aquella rapaziada montou nas bycicletas e largou por ali abaixo até ao largo da igreja de Carnaxide. Não resistimos á tentação e accompanhamol os, de trem.

O valle de Carnaxide é encantador, como os leitores devem saber. Em baixo viamos o rio Jamor, serpeiando por entre canteiros de trigo e acariciando brandamente a igreja de Nossa Senhora da Rocha; nas encostas os arados, puxados por bois possantes, perfuravam a terra quente do sol, e nos altos das collinas as vélas dos moinhos cortavam o ar, trazendo-nos aos ouvidos um som plangente, que nos emocionava. Bella paisagem, refrescada pela brisa mensageira d'um odor de flores silvestres.

Como isto é bem melhor do que as ruas da Baixa, que exhalam cheiros de drogas de varias especies, e onde *va'uas* de chapéu de côco e *ra-bona* dizem asneiras ás sopeiras, que muitas vezes não os ouvem, porque vão pensando na maneira de *forrar* alguns dez réis nas compras. E' para os alfinetes.

\*

Depois de visitarmos uma quinta pertencente a um *nephelibata*, cujo nome não vem para aqui, *rodámos* em direcção do Campo Pequeno, onde chegámos ás quatro horas e tanto

D'ahi a cinco minutos, mais coisa menos coisa, dava-se começo ao torneio, que, por vida minha, se não fica escripto em letras de oiro, tambem não fica registado em caracteres de ferro. De prata é que é, e da melhor. Por este enunciado já os senhores vêem, que a corrida foi muito regular.

Têm domicilio em Valle de Figueira os dez toiros lidados n'esta tarde na praça da capital; consta-me, porém, que não pagam renda de casa, nem tão pouco contribuição industrial. Lá está o Emilio Infante da Camara para pagar as differenças.

Os taes dez cornupetos eram quasi todos bons moços, de costumes irreprehensiveis, e cumpridores das suas obrigações. Dois ou tres é que não gostam muito de lêr por aquella cartilha. Lá os espera brevemente o inferno do matadoiro, onde espiarão as suas faltas de... bom sangue.

Fernando de Oliveira e Manuel Casimiro toirearam bem, collocando ferros, que até os toiros diziam para comsigo: «Marca lá dois tentos, ó Salsa». Os dois cavalleiros ouviram muitas palmas, especialmente o segundo. Guapos moços, que sabem fazer tão bonito trabalho! Quando me sair a sorte grande ou receber a herança de tres ricos tios, que tenho nas terras de Santa Cruz, eu vos contemplarei... de longe!

Jarana agradou-me sobremaneira com as bandarilhas. Com o capote e a *mulata* não fez má figura. O que lhe peço é que seja mais alegre na lide, para gaudio e satisfação das lusas gentes. Um sorrisosinho para os espectadores tambem vale muito. Os namarraes (gentes do sol) dão o cavaquinho por uma alegria honesta.

e os matebeles (gentes da sombra) tambem dão as suas palminhas. Isto de agradar, como homem, chega quasi a ser sciencia. Pergunte a alguns collegas seus e verá o que elles lhe dizem. Os seus bandarilheiros, se não foram apodados de padeiros pelos namarraes, não fizeram arregalar o olho a ninguem.

A infantaria portugueza portou se com brio: Theodoro, Cadete, Minuto, T. Branco e Rodas, houveram-se com a diligencia, que os caracteriza, e se mais não fizeram é porque não puderam. Não se vae a Paris n'um dia; é necessario um dia e duas noites. Se não o sabem, ficam sabendo.

Minuto esteve muito opportuno aos *quites*.

Os forcados fizeram algumas pegas rasoaveis e o Manuel Botas dormiu dois bocadinhos. Effeitos do calor, apesar de estar á sombra. Os homens gordos são muito sujeitos a deixarem-se vencer pela *somneca*.

\*

Só um toiro, salvo erro, saltou a trincheira. Queria ver se apanhava o homem dos pastelinhos, os quaes ás vezes tem oito e mais dias de fabrico.

\*

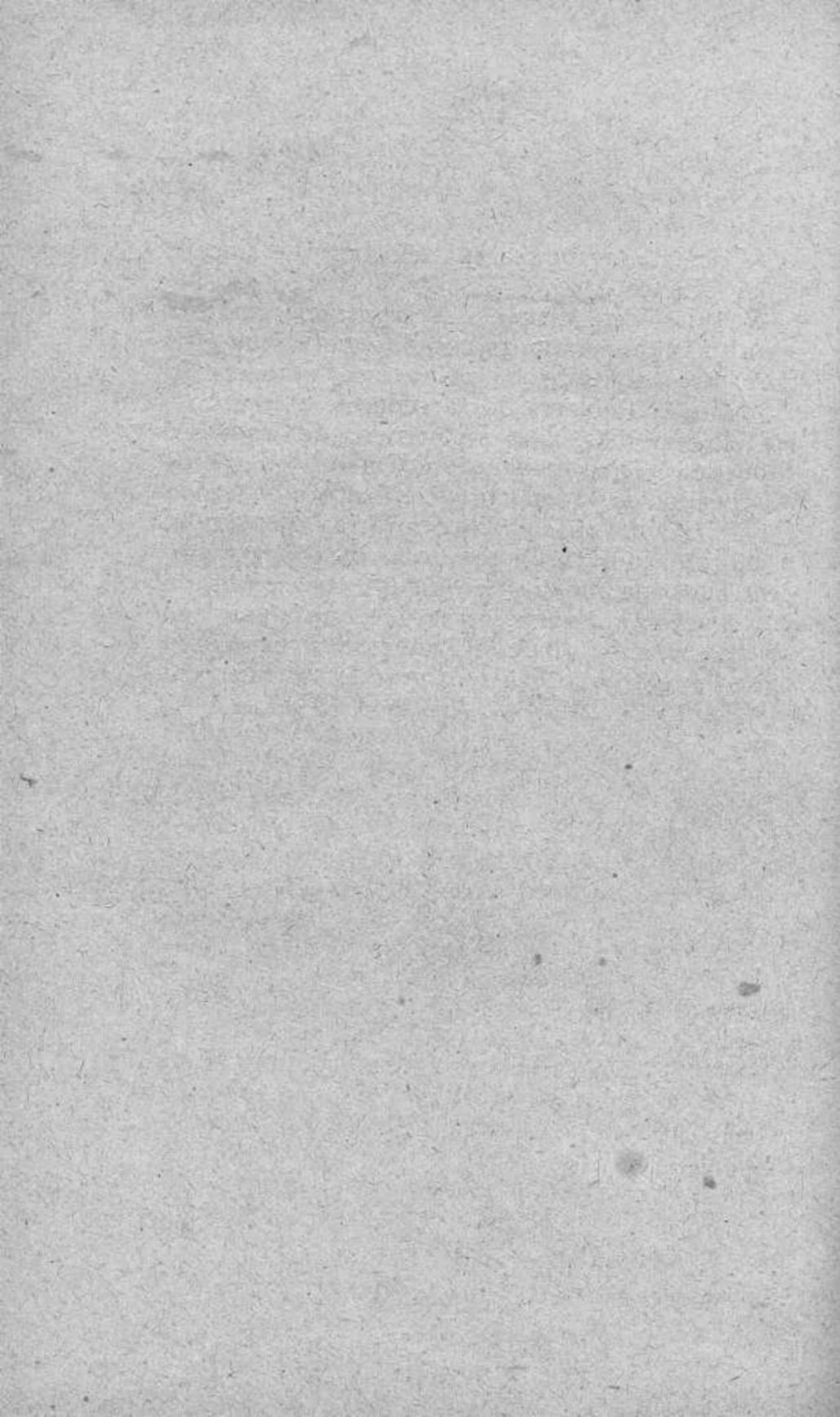
Os namarraes continuam a fazer das suas. De caras alvares, dão palmas a borracheiras e assobiam coisas bonitas. Hão de ser sempre os mesmos. Apanham cada descompostura dos matebeles, que é de tremer: porém, é o mesmo que bater em ferro frio. O que o berço dá a cova o leva. Não ha nada mais certo do que esta sentença.

\*

A corrida acabou eram seis horas e cinco e meio minutos.

A' saída dos toiros, o sol apparecia ainda lá no alto, illuminando as cupulas mouriscas e os crescentes doirados do vasto circo, a vegetação viridente das quintas dos arredores, e as encostas dos montes, que se perdem de vista até Monsanto. Divisavam-se nitidamente os rostos afogueados das damas, onde reflectiam com toda a intensidade as commoções fortes da corrida, o enthusiasmo pelos toireiros, os desejos concentrados de muitas por algum bigode frisado em *crochet*, e a vaga aspiração d'um jantar sob copado arvoredado, onde houvesse algum pomo tentador, que não fizessem grande sacrificio em morder...





PARTE IV

---

MISCELLANEA

---



## Carta de Bellas

(A JOSÉ PAMPILHO)



**L**i aqui, sob a ramaria copada d'uma arvore da quinta do Marquez, a vigesima terceira edição dos copiosos protestos, que o pietismo do sr. Joaquim Martins de Carvalho periodicamente levanta, no seu jornal, contra as corridas de toiros. Depois de lêr, rebolei-me nas convulsões da mais homérica gargalhada, que jámais alvoroçou os echos da vetusta quinta, — nem no dia ultra movimentado em Bellas do Senhor da Serra! — e, a seguir, levantei os olhos ás nuvens, que coavam a sua côr azul por entre a folhagem do rustico alpendre que me cobria, á cata do raio vingador, que cumpria ao bom Deus ter enviado ao redactor do *Conimbricense*, em expiação dos seus numerosos peccados de leso-bom senso. Mas não vem raio, que o parta, porque o Padre Eterno, com a sua bonhomia, descursa muitas

vezes os castigos merecidos, para em compensação amarrar alguns imbelles desventurados ao potro de immerecidas torturas. D'onde se conclue que, pelo visto, a lei do mundo é tambem a lei do céo.

E por estes e outros descuidos semelhantes do Supremo Juiz, que deixa assim impune o sr. Joaquim Martins de Carvalho, — a mais damninha traça de livros velhos que eu conheço, — aqui estamos nós condemnados a supportar o reproche de *barbaros*, só porque amamos o mais nobre e o mais característico dos divertimentos portuguezes.

Por detraz d'estes ardidos sentimentos de piedade pelos toiros, que o hydrophobo jornalista liberal exhibe com tanta frequencia, suspeito que viceja e braceja um sentimento mais mesquinho: o sr. Joaquim Martins de Carvalho odeia por tal fórma as toiradas... porque D. Miguel gostava d'ellas.

Como a gente sabe, aquelle pobre rei, tão superior á sua sorte, é peor que o proprio diabo para o redactor do *Conimbricense*. Não tem conta as objurgatorias façanhudas que o «venerando decano dos jornalistas portuguezes» tem escripto contra o infeliz monarcha, e contra aquelles que, depois de lhe ficarem fieis no desterro, se lhe conservaram fieis na morte, e que a si mesmos se denominaram, na honrada e poetica conformação do seu ostracismo, «cortezãos do infortunio».

O legitimismo, o absolutismo, ou o miguelismo, — como quizerem, — tem sido sempre a *bête-noire* do preclaro chronista das chafaricas masonicas de Coimbra. Lá tem elle ainda na pelle veneranda, para o provar, as echymoses com

que as vergastadas ironicas de João de Lemos o marcaram!

Ora, como D. Miguel I e os garbosos fidalgos da sua côrte gostavam de toiradas, na qualidade de lidimos portuguezes que eram, é claro que o sr. Joaquim Martins de Carvalho não gosta d'ellas por esse mesmo e ponderoso motivo.

Quanto á *Sociedade protectora dos animaes* o caso é de outra ordem, mas que entende tambem, aliás, com as deficiências mentaes dos seus caridosos membros. A respeito d'elles, occorre-me sempre a famosa *boutade* de Schopenhäuer: «A bondade do coração consiste n'uma profunda compaixão universal por tudo o que tem vida; mas em primeiro logar pelo homem, porque á medida que a intelligencia cresce, a capacidade de soffrer augmenta na mesma proporção»

Não vingou, porém, a ironia philosophica do estranho pessimista tudesco rectificar na miolreira dessorada dos collaboradores do sr. Julio de Andrade,—o tal das fontes para o gado se dessedentar em seguida á leitura dos profundos e sentenciosos disticos, inscriptos por cima da pia,—as suas concepções parvoinhas de ridiculo sentimentalismo. Continuaram a disseminar, por varios pontos da cidade, as fontes munidas da competente pia, onde as pitecas dos trens de aluguel e os burros dos hortelãos podem fazer abluções aos respectivos focinhos, com a mesma teimosia que a camara municipal mostrou em supprimir os ourinoes, tão mais necessarios depois do desenvolvimento d'esta commovedora caridade para com os irracionaes, que, afinal, dá á gente vontade de ir verter aguas.

Mas, não ha que discutir com tão amaveis

amigos dos burros, que justificam a sua sympathia por elles com este receio, que eu já ouvi exprimir a um :

— Quem sabe se ainda algum dia chegaremos a ser burros?!

Eu por mim não espero. Por maior luxo de transmigrações em que a minha alma se requinte, quando abalar da actual carcassa que a contém, faço-lhe a justiça de acreditar que não terá nunca o mau gosto de ir escolher para habitação o corpo orelhudo de qualquer membro da *Sociedade protectora dos animaes*. Seria isso prova d'uma pobreza de criterio, — e tambem de esthetica, — de que ella até aqui ainda não me deu nenhuma demonstração.

Este dó ridiculo pelos animaes sem a faculdade da linguagem, junto á mais soberana indiferença pelos outros, está para o contrasenso na mesma relação directa que a piedade que priva os vegetarianos da alimentação animal.

O vegetariano abstem-se do *beefsteack*, porque lhe repugna comer o despojo d'uma vacca; abstem-se do salmim de pato, da *mayonnaise* de lagosta, da perdiz trufada, da lingua de vitella com molho de alcaparras, do goraz assado, das costelletas de carneiro, dos filetes de pescada, do coelho da Porcalhota, e de varios outros appetitosissimos acepipes, porque estabeleceu, na sua infinita commiseração pelos mammiferos, pelas aves, pelos peixes e pelos crustaceos, — e ainda pelos molluscos e pelos batrachios, — que o homem não deve comer coisa alguma que tenha vida.

Comtudo, succede, que tanto a sopa de hortaliça como a salada de alface, tanto o trigo do pão como a farinha de milho da *polenta*, tanto

o tuberculo da batata como o tuberculo do inhame, tanto o fructo da laranjeira como o do damasqueiro, são tudo coisas que tiveram vida tambem.

Então, não se sabe já ha tanto tempo, que só no mundo inorganico, só na pedra do mineral, é que não ha realmente vida? Não teem as plantas vida, e motilidade até? E não sugam as proprias plantas os animaes, que teem mais activa e complexa vida que ellas?

Até na nossa flora existe um vegetal, que possue essa qualidade carniceira. Não é difficil ver nos arredores do Porto uma especie de *Drosophila*, que fecha as suas folhas ferinamente sobre o insecto que tem a malaventurada idéa de poisar n'ellas, e só as reabre depois, quando já não ha mais do que um cadaver, que póde impunemente escorregar para o chão, onde vae apodrecer depois de sugado pela planta sua assassina.

E, depois, não é sorte nossa, desde o primordio da criação, devorarmo-nos uns aos outros?

Pelo que toca ao homem, ahi estão os *kjomoeddings* prehistoricos, guardando os sobejos dos banquetes opiparos do anthropopitheco quaternario, para nos inteirar mais que sufficiente-mente da carnicaria que elle fazia na bicharada que o rodeava n'aquella época.

E pelo que respeita aos outros animaes, — desde o gigantesco cetacio, no mar, que detem nos intersticios dos seus *fanons* os molluscos de que se alimenta, e do urso branco polar, na terra, que caça a phoca, (e tambem o homem se o apanha!), até aos mais reduzidos organismos, tanto no mar, como na terra, — todos se comem uns aos outros.

A esse respeito a zoologia está mais que informada.

Mas, deixando os vegetarianos, parentes afins dos membros da nossa *Sociedade protectora dos animaes*, voltemos a est.s.

Está o nosso seculo em frente da mais grave questão social de todos os tempos, que é a questão do proletariado, ou, mais comoesinhamente fallando, a questão da miseria.

De toda a parte se erguem os queixumes mais dolorosos e as lastimas mais commovedoras, de par com ameaças de reivindicacão tremenda, que é preciso desculpar, até certo ponto, pelo menos, aos que, debatendo-se nas áscuas da dôr e acossados pela fome, não podem soffrear o seu odio contra os *felizes*, que, com o desdem da sua criminosa indiferença, ainda mais justificam essa revolta dos desherdados. A desigualdade das condições, a injustiça da repartição da riqueza, por toda a parte fazem victimas. Pois bem. Diante do triste espectáculo d'essa lenta e pavorosa agonia, ha espiritos cheios de piedade e ricos de commiseracão, que, passando desatentos ao pé das amarguras do seu semelhante, se esforçam e cançam para melhorar a sorte dos irracionaes. Estranha contradicção da caridade, que n'este caso é turca e não christã!

Serão talvez estes sentimentos de piedade pelos animaes, simples phenomenos de sobrevivencia dos velhos cultos, que divinisaram o elephante branco, a serpente, e outra mais bicharia. E' possivel que sejam isso; mas são, tambem, exemplo expressivo d'um egoismo incomprehensivel pela contradicção revoltante que mais o faz salientar; e egoismo tão extraordinario, que chegou ha annos a arrancar ao par-

lamento inglez uma lei prohibitiva das viviseções, quer dizer das experiencias dos physiologistas em animaes vivos, ou, ainda por outros termos, uma lei impedindo a sciencia de salvar a vida de cem homens, á custa da vida d'um cão

Pertencem a esta familia de pietistas todos os que condemnam as corridas de toiros, a pretexto da meia duzia de bandarilhas, que cada boi recebe no *morrillo*. Não servem de nada, porém, as suas commovidas lastimas, por conta dos bois.

O sr. Joaquim Martins de Carvalho, por mais que proteste, não prega no deserto, mas escreve na areia, o que vem a dar na mesma.

As toiradas são bem o nosso divertimento nacional, e o mais querido do povo. Hoje, que ellas já não são o que foram, nem o que eram ainda no velho redondel do Campo de Sant'Anna, basta o borborinho do sol na praça do Campo Pequeno, em qualquer tarde de corrida, para conquistar logo a convicção, d'ahi por diante inquebrantavel, de que a alma portugueza ancia mais pelos toiros de morte do que... pela republica.

E não são as corridas de toiros um divertimento inutil. São verdadeiras escolas de destreza e verdadeiras lições de coragem. A lucta do homem com o boi tem occasiões em que attinge a solemnidade grandiosa d'uma epopeia, e é realmente a epopeia da intelligencia humana desafiando a força bruta, e vencendo-a, que poderia ser mandada entoar por clarins no meio da arena, depois do combate.

Os jogos inglezes, para desenvolver a força e a agilidade do corpo, merecem decerto todos os

encomios, que lhe teem dirigido a hygiene e a pedagogia, mas não chegam ás nossas toiradas.

Lidando os vigorosos cornupetos das nossas antigas lezirias, e que se formavam, em força, coragem e audacia, os fidalgos portuguezes de outro tempo, que iam depois por esse mundo de Christo fóra firmar com o impeto das suas lanças e a resistencia dos seus arnezes o brilho e a gloria da nossa invencivel cavallaria. E os infantes educavam-se tambem do mesmo feitio: desorientando o boi com as suas capas e sustentando-o, firmes, com as suas forcas. Mas eram bons tempos esses: a gente sentia um sangue ardente, que lhe estuava nas veias, e os bois tambem eram de outra raça, menos mazorrões do que os de agora.

Ah! se o sr. Joaquim Martins de Carvalho já exhibisse o seu ridiculo pietismo n'esse tempo, como o havia de pagar caro nas enxovias d'El-Rei!

ARMANDO DA SILVA.

\*

\* \* \*

### **Perfis de criticos tauromachicos e aficionados**

SEGISMUNDO COSTA

Moreno e sympathico. E' um gosto ouvil-o discutir sobre tauromachia. Escreve com arte e com muita graça. As suas resenhas no *Sol e Sombra*, firmadas com o pseudonymo de *Tio Justo*, eram apreciadissimas.

\*

## CYPRIANO BATALHA

Rapagão forte e esplendido caracter. *Aficionado* intemerato, tem pela arte de Montes uma veneração sem limites. Escreveu muito sobre toiros. Foi redactor do *Toireiro* e ultimamente era-o do *Sol e Sombra*. O *Tio Franquezas* é um critico habilissimo.

\*

## DUARTE BRUNO

Tem 26 annos e é alumno laureado do curso superior de letras. Escreve bem em prosa e verso. As suas producções estão espalhadas por differentes jornaes do paiz. Tem firmado contos primorosos, n'uma linguagem vernacula e finalmente rendilhada.

\*

## ROBERTO DUFF

Alto, magro e insinuante. Anda depressa e falla mais depressa ainda. Tem escripto pouco; mas, em compensação, as suas conversas sobre tauromachia são interessantissimas. Expõe com uma nitidez extraordinaria, recheando a conversação de ditos e anedoctas, que provocam uma gargalhada constante. Ninguem está triste ao pé d'elle.

\*

## ROMÃO GOMES

Não ha ahi ninguem que não conheça este distinctissimo *aficionado*. Percebe a valer de

toiros e falla como um livro aberto. Faz critica justa e sincera. E' vehemente ás vezes, mas não é apaixonado por este ou aquelle artista. Corta sempre a direito.

Em assumptos tauromachicos é uma auctoridade.

\*

#### XAVIER DE ALMEIDA

Conta apenas 26 primaveras. E' elegante e veste bem.

Escreveu muito tempo na *Tarde* sobre tauromachia. Era verdadeiro... e feroso. Talvez por isso cortou a *coleta*, no que fez muito bem. Outros vão seguir lhe o exemplo. Em materia *cornea* todas as cautellas são poucas.

\*

#### ALBERTO CAMPOS

Penna apuradissima. Ahi e-tá a attestal-o n'este livro a biographia de Manuel Casimiro. Excessivamente modesto. a sua conversação, na intimidade, encanta e attrahe.

\*

#### JOSÉ PINTO DE CAMPOS

E' doido por toiros. Escreve bem, critica sem offender e dá conselhos sem modos academicos. Como homem é tão bom, que com elle eu iria para o fim do mundo, se é que o mundo tem fim.

Vou averiguar isso e depois mandarei dizer em bilhete postal.

\*

## GUILHERME MAIA

Dispondo d'uma voz vibrante, foi, em tempos não muito remotos, o terror dos *maletas* de *montera*. Hoje só em dias de grande gala larga a sua *piada* ao Botas. E mais gordo do que o agro e apresenta uma cara de quem está bem com a sua consciencia.

E' amator entusiasta e um critico de alta cotação. Escreve nos *Echos da Avenida*.

\*

## JULIO COSTA

Para ver os *adornos* do Guerrita e os *quiebros* do Antonio Fuentes deixa tudo.

Magnifico rapaz. é um trabalhador infatigavel. Dirige technicamente um jornal como um almirante illustre dirige as evoluções d'uma poderosa esquadra.

Tambem é amator dramatico distinctissimo.

\*

## SALVADOR MARQUES

E' muito versado em assumptos tauromachicos.

A sua prosa é brilhante, como brilhante é o seu character. E este reflecte-se nos seus escriptos, d'onde resalta uma benevolencia sympathica, sobretudo para os artistas. Ha já alguns annos que deixou de escrever sobre toiros. O theatro, que dirige, absorve-lhe por completo o tempo.

\*

## FRANCISCO COSTA

Alto como o Augusto Ribeiro, é mais gordo e mais branco do que o illustre redactor do *Commercio de Portugal*. Percebe da poda como poucos. Ha tempos que não escreve ácerca de toiros. Agora é empregario da praça do Campo Pequeno. Que os fados lhe sejam propicios!

\*

## JOÃO BARATA

E' o *D. José Tenorio* do *Correio da Noite*. Um bigode preto abundante põe-lhe uma grande mancha na cara, que é branca de jaspe. Escreve com acerto e colorido. E' um valsista insigne. As *costureiritas*, que frequentam os bailes campestres do Regueirão dos Anjos, dão o cavquinho para o terem por par. Se elle é *Tenorio*...

\*

## JOSÉ FARIA

E' trigueiro e tem cara de poucos amigos, mas o seu coração é branco como o arminho. Actualmente delicia os leitores do *Jornal do Commercio* com as suas criticas conceituosas.

\*

## LEOPOLDO MADEIRA

Tem um nariz onde cabe uma guiga e possui um bello coração. Escreve no *Tempo* e usa do

pseudonymo de *Choc-Alho Junior*. Vê bem os toiros, os artistas e tudo o mais. As suas criticas são muito apreciadas, sobretudo pelas meninas chloroticas da baixa.

\*

### ZÉ JALECO

Bigode loiro. Excellente moço e esclarecido funcionario publico. Se na rua do Oiro, a trezentos passos de distancia, distingue uma morena d'uma loira, no redondel, n'um rapido lance de olhos, dá com um *burriciego* de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> classe.

Escreve bem e ás vezes com espirito. Tem agora uma collaboradora: a *Tia Leocadia*.

\*

### EDUARDO DE NORONHA

Enthusiasmam-n'o as filigrannas do Guerrita e a valentia do Reverte.

Africanista distinctissimo e escriptor brilhante, tem mostrado o seu bello talento em alguns livros valiosos sobre as nossas colonias.

E' official do estado maior de infantaria e secretario da redacção das *Novidades*, onde tem publicado artigos scintillantes, d'um grande poder descriptivo.

\*

## DR. JOÃO BARRAL

Tem visto mais corridas em Portugal e Hespanha, do que pombos poisam durante um mez no arco da rua Augusta.

*Sportman* distincto, dirige com mão de mestre os seus fogosos cavallo. Se manejasse tão bem a *muleta* e o *estoque*, como maneja as re-deas, podia ser emulo de Rafael Guerra.

\*

## DR. JOAQUIM TELLO

Sentado pachorrentamente no sector n.º 2, da praça do Campo Pequeno, assiste a todas as corridas que ali se realisam, seguindo com attenção os variados lances da lide. Já da antiga praça do Campo de Sant'Anna era acerrimo frequentador. Tinha ali dois companheiros inseparaveis: os drs. Guilherme Ennes e Cunha Belem.

Esclarecido chefe da repartição da industria no ministerio das obras publicas, em cada empregado tem um amigo sincero. Conheço-o ha perto de vinte annos e nunca o vi zangado. Outros então zangam-se todos os dias. E' uma questão de temperamento e de... *figadeira!*

\*

## SILVA PEREIRA

Tem visto muito, porque é quasi tão velho

como a Sé de Braga. Assistiu á inauguração da praça do Campo de Sant'Anna e d'ahi até hoje a paixão pelos toiros não tem afrouxado.

Admirador entusiasta do Guerrita, tem ido expressamente a Hespanha para ver as *faenas* do famoso artista. Como actor todos sabem quanto elle vale.

\*

### JOÃO MONTEIRO

Rapaz novo, tem uns dentes que fazem a inveja de muitas mulheres bonitas. E' um bom *aficionado* e escreveu, durante muitos annos, resenhas tauromachicas na *Vanguardia*. Como homem tem a estima e a sympathia de todas as pessoas que o conhecem.

\*

### JOÃO JACINTHO NUNES

Bello typo de homem!

E' um industrial intell gente e audacioso. Não falta a uma corrida, quer ella se effectue no norte, quer no sul.

Em Madrid, Sevilha e Badajoz, tem assistido a muitas torradas. Como companheiro de viagem é esplendido!

\*

### ZÉ CALVO

*Zé Calvo* e *Zaragueta* são os dois pseudony-

mos com que Baptista Machado subscreve as chronicas tauromachicas e os *Ridiculos da Folha do Povo*.

Se n'estes esfuzia uma graça, que põe alfine-tadas na epiderme de respeitaveis (!) carecas e alambazados commendadores, n'aquellas deita uma porção de sal e pimenta, que ás vezes faz espirrar... conspicuos *Anacltos*... de *montera* e chapéu de côco.

Baptista Machado, que foi actor e auctor dramatico, é o que se chama um bom *vivant*.

\*

#### ZÉ GORDO

E' o critico tauromachico do *Paiz*. Trabalhador honesto, nunca fez mal a uma mosca. Libanio da Silva não é tão nutrido como o Chaby Pinheiro, mas é possuidor d'um abdomen respeitavel. Se quer reduzir as enxundias á expressão mais simples, siga o tratamento de Khune, que ficará como um arenque.

\*

#### BAPTISTA BORGES

Escreve no *Diario de Noticias*, mas não assigna, as chronicas taurinas, muito ligeiras, muito justas, e sem pretensões, como despre-tencioso é o seu character.

\*

## SANTONILLO

E' o pseudonymo de José Maria dos Santos Junior.

Critico tauromachico do *Dia*, descreve tão bem o que vê n'um redondel, como o Camacho reproduz no cliché o que divisa atravez da objectiva.

*Santonillo* é um bonissimo rapaz e as suas criticas são muitissimo bem feitas.

\*

## LOMBRÉ FERREIRA

Sempre alegre e sempre de chapéu alto á banda.

E' o actual critico taurino da *Vanguardia*. Escreve com criterio e não está lá com meias medidas: cae a fundo sobre os *ganaderos* e artistas, quando entende que estas duas entidades saem fóra da ordem.

\*

\* \*

**Admiradoras de plastica!...**

N'uma corrida, em que tomava parte o Bombita, viam-se duas amadoras, que não faltam a uma toirada.

Uma d'ellas, que não despregava os olhos do toirêiro hespanhol, diz entusiasmada para a outra :

— Caramba ! Que bonita figura, e que lindos olhos tem o Bombita !

— A quem o dizes ! suspira a outra ; se eu fosse pintora daria tudo para o ter por modelo . . .

E os corações das duas palpitavam anciosos cada vez que Emilio Torres se chegava muito á cabeça dos toiros.

Rematada a sorte, quando o arrojado mator agradecia as palmas do publico, os olhos negros das duas gentis mulheres despediam clareões capazes de enluquecer o Lombré Ferreira, e todos os santos da côrte do ceu !

\*

\*      \*

### O «Perola» de Carlos Relvas

Um ataque de influenza retinha-me em casa havia oito dias. Morava eu então na travessa do Convento de Jesus.

Sentado n'uma poltrona e proximo da janella, pensava nas vaidades humanas e nas *anacletices* d'este mundo, quando ouvi o trotar d'um cavallo.

Olhei por entre as cortinas e vi o mallogrado Carlos Relvas, que montava o seu soberbo cavallo *Perola*.

Passados apenas dois segundos uma argola-

da na porta do meu tugurio deu-me rebate de que o finado *sportman* vinha visitar-me.

Assim era.

O eminente cavalleiro, porém, luctava n'essa occasião com uma difficuldade. Na rua não encontrou um unico cidadão de Redondella, que lhe segurasse o esplendido corcel.

Carlos Relvas não se desconcertou com o caso; afagou o cavallo, pô-lo a direito na varella, com a cabeça virada para a egreja das Mercês, e transpoz resolutu a porta da minhaha bitação.

A visita durou uns quarenta minutos, e durante este espaço de tempo deu-se o seguinte curioso caso:

Algumas pessoas, que passavam pela rua, vendo solto o formoso animal, paravam e prescrutavam com o olhar se o garboso cavallo estaria abandonado. Este, porém, ao ver que alguem se acercava d'elle, relinchava e virava a cabeça para a porta, como que indicando que esperava d'ali alguem.

Carlos Relvas de cada vez que ouvia o *gargantear* do seu *Perola*, assomava á minha janella e dizia-lhe qualquer coisa que o fazia remetter ao silencio; então o transeunte, ao ver o conhecido amador, seguia o seu caminho, não deixando de deitar ainda um olhar de admiração para o magnifico ginete.

Esta scena repetiu-se tantas vezes, que acabou por ser o assumpto da nossa conversação.

\*

\* \*

**José Peixinho**

Duas horas depois de Carlos Relvas sair da minha casa (a casa não é minha, é d'um sujeito com domicilio em Arroyos) recebo a visita do bandarilheiro José Joaquim Peixinho.

O famoso artista (com perdão de alguns *cafres*) fez-me esquecer, cerca d'uma hora, com a sua conversa animada, as dôres que eu sentia.

O inolvidavel artista, que me distinguiu sempre com uma amisade inquebrantavel, e de quem eu recebi as primeiras noções de tauromachia (lá estão alguns *valuas* a sorrir-se sardonicamente), vinha, sempre que podia, suavisar as minhas longas horas de amargura.

N'aquelle dia, como muitas outras vezes, o assumpto da nossa palestra era toiros.

— Nunca te mostrei a minha correspondencia tauromachica? perguntei-lhe eu.

— Tauromachica?! inquiriu elle admirado.

— Sim. Então qual havia de ser?

E levantando-me da cadeira, abri a gaveta d'uma velha commoda, onde havia dezenas de cartas, telegrammas, bilhetes postaes e cartões de visita.

— Ahi tens; lê o que poderes e fórma depois a tua opinião.

E José Peixinho começou a examinar diversas cartas, sorrindo-se ao ler algumas, franzindo o sobr'olho ao passar a vista por outras, ou deitando-as para o lado, com desprezo, quando o contheudo d'ellas não lhe agradava.

— E' espantoso! disse elle passados alguns minutos. Custa a crer que se escrevam semelhantes coisas! Deves queimar isto tudo... Mas que de intrigas, que de descomposturas de collegas para collegas! Que opiniões tão asnaticas e que presumpções tão mesquinhas! Sabes o que te digo, é que o senso commum é um mytho, que jámais alguém viu!

E o finado toireiro mudou de conversa, porque ao seu character repugnava tanta miseria.

\*

\* \*

### **Esperteza ... saloia**

Em que anno foi não sei. O caso succedeu nos tempos do Mourisca e do Batalha.

Nas gaiolas da praça do Campo de Sant'Anna achavam-se na tarde de um domingo doze toiros d'um lavrador qualquer.

Mourisca, de manhã, foi ver os cornupetos, e perguntou ao abegão qual era o primeiro toiro para cavallo; o maioral foi mostrar-lhe um caraça de maus figados, que na época passada tinha dado agua pelo bigode áquelle cavalleiro. Manuel Mourisca disse então, que por coisa alguma farpearia aquelle *tunantão*.

E o insigne toireiro retirou-se, depois de lhe affirmarem, que lhe largariam outro toiro.

Horas depois começou a corrida.

Mourisca vae para a sorte de gaiola, e effectivamente sae de lá de dentro um toiro completamente preto de corpo e de cara.

Mourisca embebeu no *morrillo* da besta fera tres farpas.

Ao quarto ferro, porém, alguém notou, que a cara do animal se ia tornando branca, e ao enterrar-lhe Mourisca o sexto ferro, o toiro apresentava já uma bella... caraça!...

Os Anacletos d'aquelle tempo arrancaram do peito admirativos *ahs!*? mas ficaram na mesma. Não perceberam nada d'aquelle regedoria...

Explicação da charada:

Tinham pintado a caraça do animal com pós de sapato, mas estes, que eram de pessima qualidade, não adheriram como se julgava, e o resultado foi o que se viu.

Quem não gostou muito da brincadeira foi o glorioso artista, que felizmente d'esta vez não foi desfeiteado pelo *matuto*.

\*

\* | \*

### **Aventuras d'um critico taurino**

O Zé Boi, critico taurino do *Lagarto*, de Fanhões, é damnado por toiros. Desde os onze annos era certo todos os domingos no Campo de Sant'Anna. Tinha um admiração louca pelo Mourisca e pelo Batalha, pelos Robertos e pelos Peixinhos, e ás segundas feiras, no *Lagarto*, transmittia aos leitores em linguagem tauromachica as suas impressões.

Um bello dia o camartello destruiu aquelle pardieiro, que foi theatro de tantos espectaculos

soberbos, e que ainda hoje estaria de pé se não fôra o incendio do Baquet.

Zé Boi começou então a defender calorosamente a construcção d'uma praça de toiros na capital, e era vel-o sempre na brecha, advogando não só a sua idéa mas a de milhares de individuos.

Passados cinco annos fez-se a praça do Campo Pequeno e os que com isso interessaram nem uma palavra de agradecimento para o pobre critico. Não nos admira. O mundo está cheio de ingratos e de ingratas!

\*

Durante aquelles cinco annos Zé Boi andou n'uma roda viva. Nos sabbados ou aos domingos, de verão, abandonava Lisboa e ía por essas terras fóra só para vêr toiros.

Foi a Badajoz, ao Porto, a Coimbra, a Santarem, a Setubal, a Cintra, á Moita, a Leiria, a Aldegallega, ás Caldas da Rainha, a Thomar, a Almada e até á Cruz Quebrada!

Fartou-se de gastar dinheiro, é verdade, mas gosou.

Cinco annos de toiros lá fóra levaram-lhe o melhor de duzentas libras, mas viu muitas terras e foi actor e espectador de scenas carnavalescas e mirabolantes.

\*

Uma vez no Porto, o Zé Boi ia sendo raptado por uma padeirinha de Avintes, a qual ficou

tão derretida com a narigueta do critico do *Lagarto*, que não sei o que seria d'elle se não fôra a intervenção opportuna do Alfredo Tinoco e do José Bento de Araujo.

A padeirinha era tão galante...

\*

Em Leiria, na inauguração da praça, no afan de ver os toiros, enfiou de tal maneira uma perna por entre as taboas do pavimento superior do curro, que ia ficando com ella partida. Por *felicidade* recebeu apenas uma grande *esfolladella*, que ainda assim teve de ir curar na botica da mesma praça.

\*

Em Aldegallega, depois de terminar a toirada, foi a um arrayal com o Fernando de Oliveira e o chefe Morgado, para gosarem a illuminação e os bailaricos.

Estavam prasenteiramente os tres admirando os requebros d'uma moçoila, que, de cara afogueada e lenço caído para as costas, dançava com o seu *Manel*, quando Zé Boi sentiu estalar-lhe nas costas uma bomba de pataco, que, além do grande susto que lhe pregou, lhe chauscou um bonito casaco amarello, que elle tinha vestido, e que de tarde, na toirada, tinha sido a admiração de quantos assistiam ao espectáculo.

Nunca até hoje soube quem tinha sido o auctor d'aquella brincadeira.

\*

D'outra vez, na Moita, teve de assistir com a cabeça descoberta a toda a toirada, porque na viagem, de Lisboa para o Barreiro, o vento atirou-lhe com o chapéu ao rio.

Zé Boi ficou contristado ao ver o seu querido côco seguir com a velocidade da corrente, mas ainda assim exclamou:

— Qu'importa, perca-se o chapéu, mas veja-se a corrida.

\*

\* \*

### Trocadilho

O commendador Guimarães assistia com um seu amigo a uma corrida, em que trabalhava o Faico.

Já pelo fim da tarde, o amigo, que adormecera, acorda bocejando e pergunta ao commendador se o toiro que se achava no *ruedo* era já o decimo.

— E' o *decimo*, é, responde o Guimarães, e por signal que está branco.

O homem tinha razão, porque o toiro era tão bom como uma cautella não premiada.

\*

\* \*

### Péga valente

O morgado Girasol convidára para uma ferra de novillos varios amigos. Entre estes havia

um padre chamado Serapião, que tinha fama de muito valente.

Todos os novilhos foram pegados como é da praxe, havendo os trambulhões do costume e as risotas da tabella.

O padre foi o ultimo a pegar. Colloca-se diante do *garraio*, bate as palmas e espera a investida.

O garraio avança e cae com toda a perfeição... sob os braços musculosos do reverendo.

Repentinamente, porém, vê-se o padre cair para um lado e a rez para outro.

Retumba uma gargalhada enorme.

O Serapião levanta-se enfurecido, tendo em cada mão um dos chavelhos do garraio, e dirigindo-se ao morgado Girasol, que estava com a familia n'uma especie de palanque, grita-lhe com toda a força dos pulmões:

— Como queriam estes senhores que eu me segurasse, sê os *cuernos* que v. ex.<sup>a</sup> tem nos seus novilhos são pegados com cuspo!!

Uma gargalhada, ainda maior do que a primeira, abafou as ultimas palavras do reverendo Serapião, o que foi uma providencia para não se ver a cara feia que fez o morgado Girasol.

\*  
\*   \*  
\*

### Arterius e Frascuelo

Arderius era um celebre actor hespanhol.

Admirador entusiasta de Frascuelo, não faltava a uma corrida em que trabalhasse o grande artista.

Sucedeu que n'uma toirada Salvador Sanchez esteve algo infeliz. Não manejou o estoque como costumava.

Apoz dois infelizes *pinchazos*, Arderius, que estava sentado na barreira, levantou-se e invectivou o maestro.

Frascuelo, então, dirigindo-se ao seu amigo actor diz lhe :

— Hombre, aqui non es como en el teatro. Aqui se muere de verdad.

Arderius calou-se e nunca mais demonstrou um signal de desapprovação ao seu amigo.

\*

\*        \*

### Consciencia d'um ganadero

—E' como lhes digo; posso-lhes asseverar que os toiros que o senhores hoje vão ver são todos puros!

Isto dizia elle n'um grupo de amigos, antes de começar a toirada.

Depois, como o gado saísse máu, e já conhecedor do terreno, um dos ouvintes abeirou-se do lavrador e disse-lhe :

— Então, os taes bois puros... sempre saíram uns *tunantes*...

— Que quer? exclamou elle muito ruborisado, chegámos a um tempo em que não podemos afiançar coisa alguma. Este gado que você viu deu o anno passado na Nazareth uma lide magnifica.

\*

\*

\*

### Um bicycletista medroso

Calino era grande entusiasta por bicycletas. Cada vez, porém, que montava tinha sempre medo de atropellar alguém.

Um dia, que resolveu ir passeiar até Villa Franca, lembrou-se que o melhor era pendurar no guidador da machina um chocalho, cujo som, ouvindo-se a distancia, fizesse afastar os videntes.

Assim fez, e o resultado pareceu-lhe ser magnifico.

Corria o nosso homem já muito descuidado, quando ao passar perto das lezirias ouviu rumor atraz de si. Não deu importancia ao caso e continuou no seu movimento *pedalesco*, muito satisfeito de si mesmo.

De repente um mugido atroou-lhe os ouvidos, ao mesmo tempo que uma enorme marrada nas costas o fez galgar pela bicycleta fóra e ir cair *estalelado* a distancia.

Calino julgou-se no primeiro momento victima de alguma brincadeira, mas sentindo se bastante contundido, percebeu que a coisa era mais séria.

Conforme pôde conseguiu levantar-se, e qual não foi a sua admiração ao ver uma manada de toiros, que, attrahidos pelo som do chocalho, o tinham seguido até ali.

— Ora, aqui está! exclama elle; vá lá um homem livrar se d'uma d'estas. Nunca julguei que, ainda tão novo, já pudesse servir de cabresto!

\*

\* \*

## Historia d'um gato e d'uma mulher

Estava annunciada n'aquelle dia uma corrida em Cascaes. Na vespera á noite combinára eu com alguns amigos partirmos para ali no comboyo da 1 hora da tarde, e n'essa disposição fui para casa, deitei-me, li a *Nação* desde a primeira á ultima linha e adormeci na santa paz do Senhor.

Eram 10 horas da manhã quando acordei; toquei a campainha e appareceu-me o *Jacaré*, um preto que tenho ao meu serviço, e a quem perguntei que tal estava o dia.

— *Isplendido*, respondeu-me elle, com modo alegre, deixando vêr a fila alva dos dentes, que chegam a ser mal empregados em gente d'aquella côr.

E o negro filho de Benguella começou a escovar-me o fato, ao mesmo tempo que eu, ainda com modos indolentes, me levantava e vestia.

— O *sinhor* quer almoçar? disse elle ao acabar a sua tarefa.

— Ainda m'o perguntas, patife!

E ia já applicar-lhe um impulso com a ponta do pé, na parte posterior, quando elle se esgueirou pela porta fóra.

Terminada a minha *toilette* passei á casa de jantar, onde era aguardado pelo *Bonito*, um formoso gato amarello, muito meigo e brincalhão, e que bastantes vezes tinha sido o meu entretenimento.

Almoçámos juntos; eu passando revista aos jornaes da manhã, elle dando-me sapatadas no braço cada vez que tinha acabado de comer os pequenos bocados de carne, que eu lhe collocára na borda do prato.

Findo o almoço recostei-me n'uma cadeira de braços, para saborear a leitura do *Pimpão*, enquanto que o meu commensal foi para a janella do quarto contiguo aproveitar a nesga de sol, que batia na varanda, e, quem sabe, talvez pensando no seu triste isolamento, sem ter uma gata amiga que lhe fosse companheira fiel e a quem elle confiasse os segredos do seu felino coração.

Tinham passado apenas alguns minutos quando um borbório me chegou aos ouvidos e logo em seguida vejo entrar o *Jacaré*, muito afflicto, d'esta vez sem mostrar os dentes, e dirigir se a mim.

— Que foi? Que aconteceu? perguntei eu deixando cair da mão o jornal.

— E' que... *sinhor Bonito*... caíu á rua... e morreu...

E o preto desandou n'um berreiro, que se ouvia a distancia.

Confesso que fiquei impressionado e senti que os olhos se me humedeciam, comquanto não seja membro da *Sociedade protectora dos animaes!*

Mandei bruscamente embora da minha presença o preto, que cada vez berrava mais, e fiquei entregue a innumeradas cogitações, sobre o que é a vida de um homem ou de um gato. Emfim, tristezas não pagam dividas, e puxando do relógio vejo que a hora do comboyo já tinha passado.

— Bem, irei no comboyo das duas, pensei commigo.

E um pouco triste e algo sorumbatico pela morte do *Bonito*, tornei a pegar nos jornaes. Dez minutos depois, pareceu-me ouvir abrirem a porta da escada e em seguida uns passos ligeiros atravessarem o corredor. Lanço os olhos para a porta, entreaberta, e vejo uma figura de mulher.

Ceus! era a formosa *aficionada*, que os leitores d'este livro já conhecem.

Levantei-me para ir recebê-la, e inquerir a causa da sua visita tão inesperada, quando ella me disse:

— Não se admire; passava aqui na rua e vendo um grupo de pessoas, dirigi-me a uma d'ellas, que me disse que o seu gato caira da janella e morrera.

— N'esse caso, vem dar-me os pezames?

— Não, venho distrahir-o, porque sei a amizade que o senhor tributava ao *Bonito*. Portanto, que havemos de fazer? Vae a Cascaes?

— Vou no comboyo das duas.

— Deixe-se d'isso, peço-lhe. Janto comsigo. Tenho muito que contar-lhe.

— O' minha senhora, pois eu hei-de perder uma corrida, que deve ser magnifica? Hei-de deixar de admirar mais uma vez o bello trabalho do *Bombita*?

A minha formosa interlocutora lançou-me um olhar de indignação, que eu tive que supportar, e disse-me com sorriso sarcastico:

— Com que então, o *Bombita*, e os toiros, e o Manuel Casimiro, valem mais do que eu?

— Oh! minha senhora, v. ex.<sup>a</sup> vale mais do que todos os *Bombas* e *cornupetos* d'este mundo.

— N'esse caso, fica?!...

— Fico.

E o seu olhar tornou-se meigo e a sua voz cariciosa.

— Em paga da sua gentileza, diz-me ella tirando o chapéu e a capa, vou ler-lhe as *Histórias taurinas*, que tenciono publicar em abril de 1897.

E tirando da algibeira um manuscripto, começou a leitura, que durou perto de hora e meia.

.....  
 Eram cinco horas quando fomos jantar, e á sobremeza, enquanto ella saboreava uma chavena de café e eu um bello charuto, que me tinham offerecido na vespera, dizia lhe:

— Mas o seu livro deve ter um exito louco. E' d'uma originalidade extraordinaria.

E para commigo pensava:

— Se esta mulher publica o livro, cáe-lhe o Carmo e a Trindade em cima. Mas isso é lá com ella.

\*

\*

\*

### Na Beocia

N'um café, cuja maioria de frequentadores é composta de toireiros, estão sentados a uma meza alguns artistas tauromachicos.

Discutem entre si as apreciações feitas nos jornaes pelos diversos criticos taurinos, e cada qual trata de elevar no conceito dos outros aquelle que mais lhe agrada, ou por quem é mais lisonjeado.

Já por aqui podemos calcular o quanto esta discussão se torna acalorada, visto que não conseguem obter duas opiniões eguaes.

— Escusam de estar com mais ditos; cá para mim o unico que percebe da *póda* é o que escreve no *Estandarte*. Aquillo assim é que é. Vê-se que sabe de toiros a valer.

Isto dizia um dos convivas, rapaz forte e espadaúdo, chamado Bernardino, e que ha pouco se tinha dedicado a bandarilheiro.

— Ora adeus! disse com ar sardonico um outro bandarilheiro chamado Jasmim; fallas assim, porque, como elle é teu amigo, aproveita sempre a occasião para te fazer elogios, enquanto que a mim, não sei porque razão, *ferra-me* cada *trépa* que é de metter medo. Eu cá entendo que um critico deve ser imparcial, como, por exemplo, o do *Porvir*. Esse, sim, senhor, não está lá com contemplações; em tendo que *chegar*, *chega*.

— E então que me dizem vocês do *Zé Catita*? perguntou um terceiro, chamado Alonso, e que é jornalista, acabando de saborear um golo de cognac.

— Esse é todo para os cavalleiros e nada cá para a gente! atalhou o Bernardino, ainda um pouco despeitado pela resposta do Jasmim. Ainda outro dia eu salvei o José Francisco de ir com o cavallo de encontro ás *tábuas*, e nem sequer mencionou isso na chronica.

— Aposto que vocês não sabem uma coisa? exclamou o Alonso encostando-se mais á meza.

— Pois se tu ainda o não disseste ..

— E' que o Gregorio, o novo empresario da praça do Vinagre, tem pago ao *Zarolho*, que escreve no *Galeão*, para que diga sempre mal

d'aquelles que não lhe convém ter escripturados.

— Isso prova que todos os criticos são uma *sucia!* acudiu um picador de vara larga, que até ahí só escutára a conversa.

— Lá voltamos nós á mesma! tornou o Bernardino. Já disse que ha um que para mim é o melhor.

E a discussão tornou-se acalorada a tal ponto, que o dono do café já vinha approximando-se da meza para conhecer a causa do barulho, quando se viu entrar um sujeito e dizer para o grupo :

— Ora, vivam lá, rapazes!

Era *Zé Catita*, o chronista que minutos antes tanto tinha sido depreciado por aquelles a quem elle agora apertava as mãos.

— Seja bem vindo, exclamaram todos ao ver o recémchegado.

E cada qual procurava obsequial-o o melhor que podia: um, perguntando lhe que bebida tomava, outro indo buscar uma cadeira para elle se sentar, outro ainda querendo-o ao pé de si, etc., etc.

— Aqui está o beijinhó dos chronistas tauro-machicos, exclamou o Bernardino.

— E o que mais sabe de toiros! ajuntou o Jasmim.

— E o mais imparcial! regougou o picador.

E varias libações se seguiram, fazendo-se muitos brindes, grandes apertos de mãos, etc.

.....  
As duas horas da noite, depois de se fechar o café, dois dos artistas, que moravam proximos, ao despedirem-se diziam um para o outro :

— Sempre me saiu um tolo, aquelle *Zé Catita!*

— E a *prosapia* que tem de que percebe de toiros!?

E ouviram-se duas gargalhadas, que echoaram no espaço.

.....

Isto passou-se na Beocia...

\*

\*

\*

### **Magnetismo dos fardamentos**

O jardim da Estrella foi, é e parece-me que ha de ser sempre o local escolhido para os colloquios amorosos dos *Martes* municipaes e das *Venus* de caçarola. Não nos devemos pois admirar que uma tarde, andando ali a passeiarem a D. Theodolinda Fagundes e a D. Aldegundes Saraiva, ao admirarem um d'aquelles casaes de pombinhos arrulhando junto a um dos lagos, estabelecessem entre si o seguinte dialogo:

— Porque será, perguntou a D. Theodolinda á sua amiga, que as criadas se *derretem* todas por um municipal?

— Ora! por que ha de ser! Por causa do fardamento!

A D. Theodolinda fez uma careta, e exclamou:

— Não te comprehendo!

— Eu te explico.

E a D. Aldegundes, vendo um banco desoccupado, convidou a sua amiga a sentarem-se, ao que esta accedeu. Em seguida dispoz as dobras do vestido de maneira, que se não amarrotassem, tendo ao mesmo tempo o cuidado de se

collocar de fórma que quem passasse lhe podesse ver o pequenino pé luxuosamente calçado, e começou:

— Um guarda municipal é um soldado e um soldado é um homem.

— Até ahi não ha novidade; concordou a Thelim fazendo uma careta.

— Pois bem, deixemo-nos de rodeios e vamos ao caso. Um cavalheiro das minhas relações... (interrupção da Thelim, que sentiu um pigarro na garganta e teve de tossir) contou-me que em Traz-os-Montes conheceu um trabalhador chamado João da Cunha, o qual andava perdido de amores pela filha do João da Marcellina. A rapariga, porém, parecia não gostar do rapaz, e até o achava feio e idiota. Passados tempos o João teve de sentar praça em infantaria n.º 7, e dois mezes depois a Isabel, assim se chamava a rapariga, veiu servir para uma casa da Pampulha. Um domingo, encontraram-se na missa, e o rapaz ao vel-a quiz fallar-lhe; porém, a Isabel, fingindo que o não via, foi-se esgueirando para casa. O João, com o coração attribulado, seguiu-a e soube por consequencia onde ella morava; passou muitas vezes por debaixo das suas janellas, mas a menina a nada se movia.

— Repare n'aquelle par, D. Aldegundes! como elle vae atralhado sem saber como ha de pôr a espada, de maneira que não perca a elegancia! disse a Thelim interrompendo a sua amiga.

— E' que aquelle municipal é da cavallaria! Esses então não chegam para as encommendas! Criadinha que consegue captivar um dos que andam a cavallo, julga ter a sua fortuna feita. Um outro sujeito das minhas relações, e que tem trem, já uma vez foi dar com a criada na

cavallariça a aprender como se limpavam os cavallos; dizia ella que era para quando se casasse com o seu municipal o poder ajudar no serviço.

E a D. Aldegundes piscou maliciosamente o olho para a sua companheira, que d'esta vez suspirou.

— Mas vamos ao que estava dizendo. O João da Cunha foi transferido para a guarda municipal, e um dia que passava de serviço pela rua onde morava a Isabel, notou que esta lhe sorria ao vel-o. Ah! D. Theodolinda, que mudança se operou n'aquellas duas creaturas: elle, que andava triste e melancolico, tornou-se alegre e satisfeito ao ver que era correspondido; ella, que o achava feio e idiota, não viu mais outra coisa que não fosse o seu João. Escreveram-se, fallaram-se, trocaram entre si prendas de amor, até que enfim aprazaram o dia do casamento, e hoje vivem felizes: elle é policia civil em Lisboa, e ella está como ama em casa d'um conselheiro, que mora lá para os lados de Bemfica.

— Mas ainda não percebi a que proposito veio esta historia?

— Eu te digo: quando o João da Cunha estava para se casar, perguntou um dia á Isabel por que razão tinha ella mudado de opinião a seu respeito.

— E que respondeu ella? perguntou a Thelim cheia de curiosidade.

— Ora, o que respondeu! que tinha sido o fardamento, com aquelles vivos encarnados e amarellos, que a tinham enfeitado, e principalmente por o ver nos dias de grande gala com o penacho de diversas côres tão direito, tão espe-

tado, que lhe dava vontade de ir a elle, abraçal-o e até beijal-o.

E as duas amigas, sorrindo-se, tiveram de abandonar o banco em que estavam conversando, porque n'um outro banco proximo vieram n'aquelle momento sentar-se duas pessoas, que até ali tinham passeado pelas ruas mais escusas: eram um soldado da companhia dos Paulistas e uma criada d'uma casa do Bom Successo.

\*

Isto vem a proposito d'um caso succedido com um bandarilheiro que nós conhecemos.

Era um rapaz honesto, trabalhador, e arrimo de sua velha mãe. Nunca mulher alguma lhe sorriu meigamente, nem jámais aos seus ouvidos tinham chegado os sons enebriantes de palavras de amor. E todavia, se a natureza não foi prodiga em formosura para com o nosso homem, tambem não lhe tinha recusado os traços que tornam uma physionomia sympathica; mas as mulheres têm d'estas aberrações, sem que ninguem lhes possa inquirir as causas.

Um dia teve a infelicidade de se apaixonar por uma rapariga, a quem dirigiu alguns galanteios, e que tambem o desilludiu rindo-se dos seus madrigaes. Foi então que, desvairado, aborrecido, procurou entregar-se a uma vida aventureira, e teve a genial idéa de ser bandarilheiro, e digo genial, porque, desde o seu debute até hoje, tem caminhado de gloria em gloria.

N'uma das suas tardes felizes, quando em volta do redondel agradecia ao publico as palmas que este lhe dava, viu cair aos seus pés um

magnifico leque de seda, com uma rosa chá presa nas varetas. Apanhou-o para o entregar e procurando com a vista a quem pertencia, deparou com a joven que d'elle tinha n'outro tempo zombado, mas que n'esta occasião, com os olhos fitos n'elle e o peito arfando de commoção, lhe acenava com um lenço, como que a chamar-lhe a attenção.

Uma troca de sorrisos entre os dois foi o unico signal de reconhecimento que houve, tal era o enthusiasmo de que estavam possuidos.

O resto da corrida correu animadissimo e o nosso homem teve sortes d'um arrojo inaudito, as quaes eram sempre animadas pelo sorriso gracioso da unica espectadora que elle via.

No dia seguinte, logo de manhã, veiu o criado trazer-lhe ao quarto uma carta perfumada, que elle abriu com avidez, e viu ser da sua admiradora da vespera. N'essa carta confessava-lhe, entre promessas de amor, a impressão que tivera ao vel-o vestido de bandarilheiro, e terminava por lhe pedir que n'aquelle dia sem falta fosse jantar com ella e lhe levasse uma photographia, vestido de toireiro.

\*

D'estas historias concluo o grande valor, que teem para muitas mulheres os fardamentos vistosos de diversas individualidades. O que nos vale é que ainda os conselheiros Acacios não se lembraram de andar por essas ruas de espadim ao lado e chapéu armado, porque então, Deus do ceu, teriam o monopolio não só das sopeiras, mas de muitas outras damas,

que se deixariam enfeitiçar pelos silvados das golas e bordados da casaca.

Se tal chegar a succeder, lembrem-se que entre um esguio amanuense e um bojudo conselheiro Acacio, ha a dfferença da idade, que é o que mais lhes interessa.

\*

\*       \*

### O espada Lesaca

Emocionou deveras a muitas pessoas a morte do espada Lesaca, e principalmente a mim, que o conhecia pessoalmente. O mallogrado artista contava apenas 26 annos de idade.

Foi em Guadalajara, no dia 15 de outubro de 1896. Os espadas annunciados eram Bombita e Lagartijillo.

Este ultimo, porém, não compareceu, por não estar ainda restabelecido d'uma *colhida*, que soffrera havia pouco em Granada, e foi substituido por Lesaca.

Os toiros lidados n'aquella tarde saíram bravissimos. O primeiro foi estoqueado admiravelmente por Emilio Torres.

Passados minutos abre-se a porta do *encierro* e apparece o segundo toiro, chamado *Cachurro*, que recebe uma boa vara, mandando para o *guano* o estropeado *jamelgo*.

Bombita acode ao *quite* e remata-o com luzimento. Nova vara. Lesaca prepara-se para o *quite*, que é executado com oportunidade e valentia. Então *Cachurro* encara com o *diestio* e avança para elle; Juan Gomez, vendo que o

animal ganha muito terreno, quer saltar á trincheira, procurando com o pé o estribo, mas o toiro não lhe dá tempo para isso, e chega exactamente ás *tábuas* no momento em que o artista vae a saltar.

Apanhando-o pela parte média posterior da coxa direita, enganchou-o, levantando o a alguns metros de altura. Emilio Torres acudiu veloz ao *quite*, tirando d'ali o animal com o *capote*; mas Lesaca, perdendo uma grande quantidade de sangue, foi levado em braços para a enfermaria.

A hemorragia era tão abundante, que no momento de ser retirado da arena o infeliz toireiro, alguns espectadores ficaram salpicados de sangue, e horas depois o Juan Gomez exhalava o ultimo suspiro.

\*

Do Capitolio á rocha Tarpeia medeia um passo. Se *Cachurro* tem menos *patas* e Lesaca salta com mais rapidez, a chronica não tinha a registar o passamento de mais um toireiro.

E que morte tão ingloria! No momento em que tomava o *olivo* para escapar-se á furia do de Ripamilan!

Estou convencido de que o joven *diestro*, antes da morte o empolgar com os seus braços rigidos e implacaveis, teve a visão do drama lancinante, que poucas horas antes se tinha desenrolado na praça de Guadalajara, e levou para a sepultura a dôr de não ter dado a morte ao seu adversario.

Morrer sem matar!

\*

Lesaca não morreu frente a frente do *cornu-  
peto*; não foi *colhido* ao executar uma sorte luzi-  
da; não foi *tocado* no momento supremo, que  
Theophilo Gauthier acha superior a todas as  
tragedias de Shakespeare, e em que um silen-  
cio glacial se impõe involuntariamente a milha-  
res de espectadores, para depois romperem em  
applausos freneticos e delirantes ou em murmu-  
rios de desapprovação.

Compreende-se que Espartero, mortalmente  
ferido, abata o ferino *Perdigon*. Admitte-se que  
Manuel Garcia, com a vida a extinguir-se-lhe,  
*arranque* a matar em *curto e direito*. Tudo isso  
é profundamente tragico, altamente dramatico,  
mas extraordinariamente grandioso!

Como o coração do infortunado Lesaca, se  
sobrevivesse á fatal colhida, devia sangrar quan-  
do se recordasse da corrida de 15 de outubro  
de 1806 em Guadalajara!

Como é triste que em lugar de morrer no  
seu posto de honra; em vez de tombar na frente  
do seu fero antagonista, com o capote ou a es-  
pada em punho, encontrasse a morte nas *tdbuas*,  
que para muitos são a salvação!

Pobre Lesaca!

\*

\*

\*

### Luiz Gama e Arthur Telles

Uma boa noticia para os aficionados, que  
d'aqui a quatro ou cinco annos poderão ver  
bons toiros.

Luiz Gama, um primoroso rapaz, que todos

conhecem, e um *aficionado* muito entendido em assumptos taurinos, foi este anno a Hespanha adquirir vaccas e toiros para a sua ganaderia.

O joven ganadero foi acompanhado na sua digressão pelo abalisado critico, distinctissimo aficionado e meu querido amigo, Arthur Telles.

\*  
\*       \*       \*

### Alfredo Tinoco e José Bento

Na vespera da partida de Alfredo Tinoco e José Bento de Araujo para o Brazil, um poeta do meu bairro dedicou-lhes as seguintes quadras:

Vae ser enorme o delirio  
Nas brazileiras arenas,  
Acclamando os dois rapazes  
Branças, rubias e morenas.

E a bella *sinhá*, sorrindo  
Ao vel-os gentis, garbosos,  
Phantasia varias lides  
N'um mar immenso de gosos.







NO PRELO

---

Do mesmo auctor

AFICIONADOS

E GANADEROS

---

COM RETRATOS

---

D. CLAUDIA DE CAMPOS

---

SPHINGE

ROMANCE

---

*CONDE DE BRETIANDOS*

---

Lendas do Minho

1 VOL. ILUSTRADO

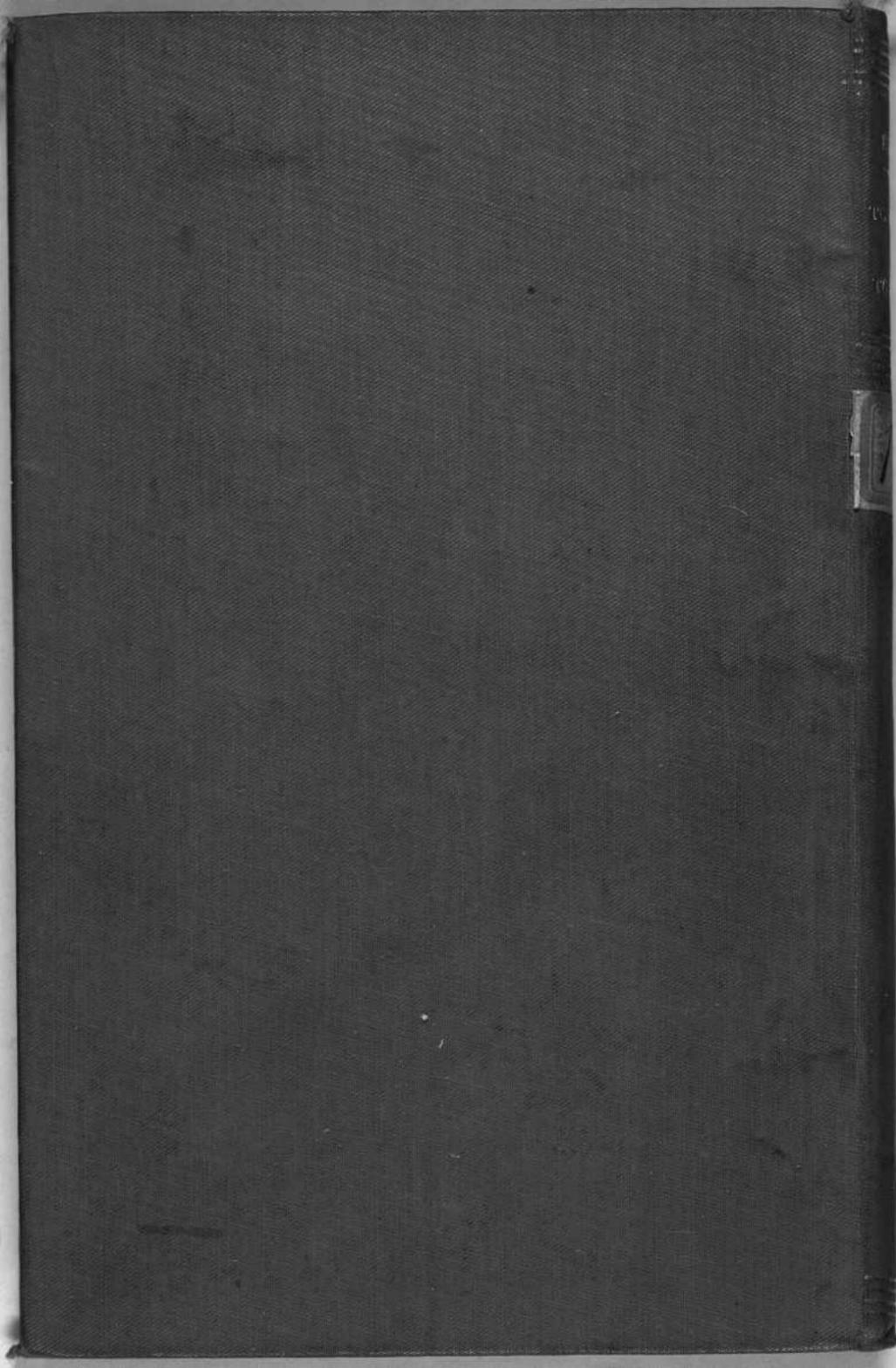




# MARQUES DE SAN JUAN DE PIEDRAS ALBAS

## BIBLIOTECA

	Pesetas
Número. <u>193</u> .....	Precio de la obra.....
Estante. <u>1</u> .....	Precio de adquisición..
Tabla... <u>4</u> .....	Valoración actual.....
Número de tomos. ....	



NEW YORK,

PUBLISHED BY

FERRIERA

TOMBEIROS  
E  
FOURADAS

NEW YORK,

PUBLISHED BY

19.